

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO.

REDACTOR-SECRETARIO: JULIO CESAR DA SILVA.

SUMMARIO

NATIVIDADE SALDANHA EM BOGOTÁ	Argeu Guimarães	293
RECORDAÇÕES DE D. QUI- TERIA	João Ribeiro	313
O RAPTO	Monteiro Lobato	318
A COMMUNHÃO PAULISTA . .	Oliveira Vianna	326
TRES DOCUMENTOS INEDI- TOS SOBRE BRAZ CUBAS.	Gentil Moura	329
ARTE DE AMAR	Julio Cesar da Silva	334
PORTICO	Remigio Fernandes	335
CRÓNICA DE ARTE	Mario de Andrade	336
ASPECTOS MODERNOS DA ALIMENTAÇÃO	Gustavo Lessa	340
ITINERARIO DESCUIDOSO . .	J. Pinto Guimarães	347
RELAÇÕES SANITARIAS EN- TRE O HOMEM E O MEIO COSMICO	Aristides Ricardo	353

BIBLIOGRAPHIA — NOTAS DE ARTE — RESENHA DO MEZ
DEBATES E PESQUISAS -- CURIOSIDADES
AS CARICATURAS DO MEZ

— S. PAULO —
MONTEIRO LOBATO & Co. — EDITORES
RUA DOS GUSMÕES, 70 — CAIXA, 2-B

REVISTA DO BRASIL — RUA DOS GUSMÔES, 70 — CAIXA, 2-B — SÃO PAULO
ASSIGNATURAS: — ANNO 20\$000. EXTRANGEIRO — 25\$000. NUMERO AVULSO — 1\$800
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Redactor Secretario: Dr. JULIO CESAR DA SILVA

Teleph.

Cidade,

6278

Regina Hotel

Endereço Telegraphico: "REGINA.."

Largo de S. Ephigenia, 8 — SÃO PAULO

Este novo hotel offerece indiscutivelmente aos Srs. Viajantes optimo conforto. Sua situação é de primeira ordem; os quartos são grandes, ventilados e dotados de todo conforto deseável. Das suas janellas descortinam-se soberbos panoramas. O Hotel possue *elevadores, rede telephonica para todos os andares*, mais de 60 banheiros, agua corrente fria e quente em todos os quartos, aquecedor central durante o inverno. O pessoal é escrupulosamente escolhido e a cosinha é dirigida por um habilissimo chefe. Preços rasoaveis e ao alcance de todos. O Hotel é dirigido pelos seus proprietarios, Srs.

Angelo Gabrilli & Filhos

Livros a Prestações

Procurando facilitar a todo o mundo a aquisição de uma bôa bibliotheca,

Monteiro Lobato & Comp.

acabam de abrir, com o maior successo, uma secção de vendas a prestações. Desejando V. S. effectuar tão vantajoso contracto, peça informações, dirigindo sua correspondencia para

CAIXA POSTAL, 2-B - S. PAULO

Holmberg, Bech & Cia. Ltd.

IMPORTADORES

RUA LIBERO BADARO', 169

S. Paulo

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK,

E LONDRES

**Papel, materiaes para
construcçao, aço e
ferro, anilinas e
outros productos chimicos.**

V. S. gosta de leitura?

Peça então o catalogo das edições de MONTEIRO LOBATO & Cia., que, entre outras vantagens, offerece a seguinte:

Quem adquirir um lote de dez obras - receberá duas á escolha, a titulo de bonificação.



Rua Victoria, 47

CAIXA, 2-B

S. PAULO

COMPREM TODOS OS MEZES

O MUNDO LITERARIO

Magnifica e vitoriosa revista do movimento cultural no Brasil

Directores : PEREIRA DA SILVA e THÉO-FILHO
Secretario : AGGRIPINO GRIÉCO

Collaboração dos maiores escriptores brasileiros. Só publica inéditos. Traz a rese-
nha do movimento literario nos paizes europeus e nos estados da União. Cada exemplar
de 130 paginas : 2\$000, e 2\$500 no interior.

EDITORIA A Grande Livraria LEITE RIBEIRO RIO DE JANEIRO

LOTERIA DE S. PAULO

Terça - feira

7 DE AGOSTO

20:000 \$ 000

POR 1\$800

Os bilhetes já estão á
venda em toda a parte.

O maior Successo Esportivo

“DICCIONARIO DO FUTEBOL”

Por GUY-GAY

diz “O ESTADO DE S. PAULO : “Cremos que não existe outro melhor trabalho
nó genero em lingua portugueza : está destinado a ser o companheiro
indispensavel de todos os futebolistas”.

ILLUSTRADO COM 23 SCHEMAS — 2\$000 PORTE FRANCO

Editores MONTEIRO LOBATO & C. — Rua dos Gusmões, 70 — São Paulo

Nutrión

Formula do Dr. Julio Novaes, da
Academia Nacional de Medicina,
o "NUTRION" se recommenda
como o melhor dos tonicos e como
um poderoso

FORTIFICANTE

O "NUTRION" abre o appetite,
favorecendo as funcções digestivas
e desembaraçando o intestino. E,
portanto, um remedio de grande
efficacia para combater o

FASTIO

O "NUTRION" é o remedio, por
excellencia, dos magros, dos fra-
cos, dos debeis, dos anemicos, dos
convalescentes, das creaças fra-
cas, magras, pallidas e rachiticas.

As Officinas Graphicas Monteiro Lobato & Cia.

**executam com presteza e por
preços razoaveis:**

**Appellações,
Aggravos,
Razões,
Catalogos,
Folhetos, etc.**

REVISTA DO

DIRECTORES:
PAULO PRADO
MONTEIRO LOBATO

BRASIL

REDACTOR
SECRETARIO:
JULIO CESAR DA SILVA.

NATIVIDADE SALDANHA EM BOGOTÁ'

Eu mesmo, que hoje escrevo, em poucos annos
Nem as nymphas do placido Mondego,
Nem as faias do patrio Beberibe,
Escutarão meu canto.

(J. DA N. SALDANHA, *Ode a Muniz Tavares*).

I

U M francez amavel, o marquez de Fontenay, chamou Bogotá — a bella adormecida no bosque. Tem suas razões de ser o galante epitheto. Bogotá está realmente adormecida no interior da America equinoxial, e cercam-na imensas e millenares florestas, nas quaes se conjugam temerosos perigos. Assim, quem se propõe a conquistar Bogotá, grimpando pelas ameias do castello de quasi tres mil metros de altura em que está encerrada, tem antes de vencer canceiras e obstaculos sem conta, enfrentar toda a cohorte dos flagellos tropicaes, palpitar o deleterio tremedal das baixadas comburidas pelo sol e envenenadas pelos germens da morte, na plena apoteose da natureza ingente.

Vencidas, porem, as difficultades de em torno, encontra-se a compensação. Desata-se um panorama mais risonho, menos cy-

clopico, o ar fresco é embalsamado por essencias embriagantes. E então o refugio da princeza, em verdade, não offerece perigos, abre, pelo contrario, um regaço florido e perfumado. O plateau de Bogotá, com o clima primaveril e a natureza graciosa, conforta afinal o viajante, cansado de supportar as ardencias do eterno estio, e as phalanges de mosquitos, e a visão terrifica dos jacarés do rio Magdalena. A mesma natureza que, na baixada, á força de ser grandiosa, fizera-se monotona, transfigura-se e desabrocha em mimoso jardim.

Tambem o marechal Ximenes de Quesada quando, no seculo XVI, pela vez primeira, divisou a planicie da savana de Bogotá, e sentiu a caricia deste ambiente voluptuoso, não conteve exclamações de jubilo, e desde logo lançou as pedras fundamentaes da cidade. Nas mattas da savana o marechal lobrigou as veigas de Granada, e o novo reino castelhano levou o baptismo das terras granadinas.

Ainda hoje, anno da graça de 1922, o estrangeiro experimenta sensações fortes, quando devassa a Colombia cálida, em busca do planalto andino. A viagem pelo rio Magdalena offerece sublimidades e terrores capazes de inspirar um poema grego...

E atravessando estas paragens, remonto o pensamento ao primeiro quartel do seculo passado, quando seguiu a mesma trilha um joven brasileiro, desenganado pela má fortuna, procurando exilio remoto.

E penho-me a imaginar como seriam incomparavelmente mais vultuosas as difficolidades que teve de vencer o desventurado José da Natividade Saldanha, em tempos que já vão longe, e nos quaes ainda não existiam os modernos ensaios de progresso, que attenuam tantas asperezas.

A vida de Saldanha fôra uma louca aventura; padecera crueis imprevistos; mas não podia ser mais azaroso o remate da sua desdita, em terras estrangeiras e inhospitas.

Comtudo esperava-o, no alto da montanha, a visão suave da *belle au bois dormant*. Era ella então menos gamenha do que hoje; mas possuia outros encantos, de vetusto romantismo, encantos que souberam fascinar a Natividade Saldanha e lhe embalaram o termo da exhaustiva jornada.

II

Para fazer-me uma idea dos horrores que Saldanha foi levado a arrostar na sua peregrinação pela Colombia torrida e pela cordilheira formidavel, folheio paginas impressionistas de João Francisco Ortiz, amigo e biographo do joven brasileiro. E recolho este pedaço:

“Quando atravessei a montanha do Quindio pela primeira vez, estava ella tal como Deus a creára... Não existia caminho possivel, senão uma senda apenas conhecida dos cargueiros e mais propria para os tigres e as serpentes. Que solidões immensas! Páramos altissimos que formam a cordilheira central, pois os Andes granadinos se dividem em tres ramaes, que cortam a Republica de sul a norte; rios que não teem nome, torrentes caudalosas, despenhadeiros horrendos, precipicios de causar vertigem, lobregas gargantas, raras esplanadas, montanhas a subir, montanhas a descer, charnecas mortiferas, insondaveis abyssmos, bosques seculares, temperaturas desconcertantes, feras que correm, cobras que colleam, aves a cantar, e ao centro da serra a pousada de El Moral...” (J. F. Ortiz, *Reminiscencias*, Opusculo Autobiographico, 1808-1866, Bogotá, 1907).

Deante dessas palavras, sente-se que o escriptor, ao descrever, na velhice, aquellas rudes lembranças da mocidade, guardava ainda funda emoção... O spectaculo devia ser realmente apocaliptico, e o nosso Saldanha, na mesma epocha, conheceu por certo as mesmas agruras e visões dantescas.

III

Em 1825, depois de percorrer, em fatigante lombo de mula, sertões tão adustos, e contemplar paizagens tão formidaveis, sentiu Saldanha que o peito se lhe dilatava e a vista se embriagava, deante do formoso planalto andino. Iam abrir-se para o exilado as portas hospitaleiras de Bogotá.

Ponho-me eu tambem a mirar estes velhos muros da capital colombiana, e reconstituo, com alguns retoques sobre poucos modernismos, a villa de outr'ora.

As cidades andinas desfructam esta tocante superioridade, de estarem sempre um pouco á margem da vertigem progressista que arrasta todo o continente, e assim logram conservar a perfumada vetustez do facies colonial.

Entre urbs modernas que, na planicie, afogam as cousas antigas sob o alluvião dos adornos e lambrequins civilisadores, as capitaes da grande cordilheira — La Paz, Arequipa, Quito, Bogotá — continuam a viver a vida de outras eras, e mal se animam a alterar, em pequenos trechos, o harmonioso e significativo conjunto da architectura de antanho. Cidades felizes, nas quaes o culto da tradição ainda está palpitante!

Bogotá é uma dessas cidades que, isolada do mundo, poude preservar a obra deliciosa dos antigos. Aliás, diz o illustre critico colombiano G. Restrepo, está a uma distancia do mundo que

ainda hoje é comparável à distância entre a terra e a lua; e, acrescentarei, talvez por isso pôde furtar-se, com tanta galhardia, ao vandalismo innovador...

Bogotá era então, em 1825, o proprio sonho do marechal de Quesada transformado em realidade: quero dizer, era uma typica cidade hespanhola, uma legitima replica de Granada, excluido o Alhambra e o Generalife. As paredes brancas, mouriscas, estendiam-se a perder de vista, em casas baixas. Dentro abriam-se as alas de um vasto pateo. Tudo como em Hespanha.

Os balcões salientes, fechados com gelosias, que ainda hoje se conservam nas velhas ruas estreitas. Pelas grades, quanto olhar furtivo de mulheres lindissimas buscava, nesse tempo galante, a silhueta de um enamorado... Nos balcões, vasos floridos, com craveiros e geraniums. Que soberbas são as rosas, e os cravos, e as hortensias, e as flores todas de Bogotá, ainda hoje. E' uma terra privilegiada para a floração de todas as bellezas da planta, do espirito, da mulher.

Ruas estreitas e feias. Ao centro, profunda valla de aguas sujas. Não podemos motejar: tambem o Rio colonial conheceu a rua da Valla... Foi num desses immundos esgotos que o poeta perdeu a vida. Já veremos como.

Nos numerosos conventos, fachadas desgraciosas, claustros com severas columnatas. Ricas egrejas. Aos domingos, á missa elegante de Santo Agostinho, na rua Real, concurriam deliciosos perfis de mulheres, desenhados sob as mantilhas e vestidos de seda negra. Tal como hoje, apenas com a diferença de que hoje aparecem alguns tailleurs de figurino parisiense.

IV

Gomez Restrepo estabelece o contraste, no Bogotá desse tempo, entre a physionomia exterior da cidade, desataviada e primitiva, e o interior, a alma da nascente urbs: a vida familiar, o movimento intellectual. "O estrangeiro, diz elle, que lograva penetrar nos sanctuarios domesticos, guardava sempre sympathica lembrança de Bogotá". E acrescenta: "Não havia grande luxo nos moveis ou vestidos; certa simplicidade republicana reino sempre em nossas melhores familias; mas havia distincção, cordialidade, e uma grande cultura social". (A. G. Restrepo, *Album de Bogotá*, 1918)

E corriam então os tempos ditosos que se seguiram á Independencia. Como era natural, os filhos da Athenas Americana, ufanos da obra nacional que acabavam de realizar, gostavam de apresentar-se garridamente aos estrangeiros.

A juventude intellectual, por seu lado, realizava interessantes labores. Os bogotanos sempre revelaram vivo pendor pelas bellas letras. Nessa quadra, que vae de 1825 a 1830, houve varias tentativas arcadicas de espiritual singeleza e ingenuas ambições.

Na Universidade, versava-se, com rara applicação, todo o humanismo. Formavam-se puros mestres em materia canonica e juridica, estudavam-se idiomas mortos, como o sanscrito, convivia-se com as pleiades luminosas da Grecia e de Roma.

Inspirados poetas cantavam carmes de perfumado lyrismo.

A Athenas Americana affirmava os seus fóros de nascente cultura, que ainda hoje lhe asseguram um logar tão proeminente no mundo hispanico.

Definiam-se as tres psychologias nacionaes da Grã-Colombia, que um critico jocoso assim figurou: Quito, um convento, Caracas, um quartel, Bogotá uma universidade...

Saldanha veiu attrahido por esse ambiente intellectivo, e encontrou, nesta hospitaleira terra, e com esta ambiciosa mocidade, um seio acolhedor e carinhoso.

V

Agora, os primeiros passos da sua vida agitada e ingloria.

Dirigindo quatorze rimas ao seu amigo fraterno, o cadete Sebastião do Rego Barros, o poeta escreve uma autobiographia, que traduzo em prosa chã. José da Natividade Saldanha nasceu em Pernambuco, no dia 8 de Setembro de 1796. Foi intelligencia precoce. Sabia ler aos cinco annos. Vocação artistica decidida e espontanea, aos dez annos aprendia musica, aos doze poetava. Affeçoava-se em seguida ao desenho. As raizes do futuro humanista já se afundavam em plena puberdade. Aos quinze annos era estudante de latim e philosophia. Folheava os classicos e assomava aos humbraes dos problemas transcendentes. O futuro advogado já compulsava Quintiliano. E o poeta já se embebe de Horacio, Virgilio e Pindaro, e Homero, e Anacreonte.

Nascido em 1796, Saldanha começou a sua carreira literaria com os albores do seculo XIX. Foi dessa geração feliz que assistiu á metamorphose da chrysalida patria, iniciada afinal na soberania, depois de repetidos éstos libertarios.

Quando começava a desabrochar aquella intelligencia juvenil e ardente de vinte e uma primaveras, estala no Recife, seu berço, uma revolução republicana. Saldanha assiste ao sacrificio dos patriotas, mas recolhe desse espectaculo fervorosa experienca de civismo. Tambem elle, alguns annos mais tarde, em 1824,

iria immolar-se em sacrificio no frustrado altar da Confederação do Equador, que lhe valeu a amargura do forçado exilio.

Saldanha possuia uma aguda sensibilidade artistica. Não poude ficar indiferente ao movimento literario do seu tempo. Dando expansão ás faculdades rythmicas que lhe estuavam no espirito, compoz uma valiosa obra poetica.

Não alcançou, por certo, superioridades de genio. Mas não se lhe pode imputar mingua de talento expontaneo e mavioso.

Assistia elle a um formidavel duelo, de um lado a nossa tradição colonial, afeiçoadas aos modelos de Coimbra e Lisboa, de outro, a eclosão da patria nova, egressa de servilismo e subalternidade, ainda mesmo na republica das letras. Acompanhando a evolução politica do Brasil, a literatura aspirava sahir do ciclo reinol. E nessa epocha realmente grangeamos a autonomia literaria, levamos a cabo, afinal, a obra de tantos esforçados pioneiros, desde Gregorio de Mattos.

O Rio de Janeiro assiste então aos triumphos memoraveis de um Andrada, um Lisboa, um Mont'Alverne, que começam a affirmar a independencia do nosso genio literario. E a pleiade dos novos creadores da nacionalidade intellectiva é galharda e brilhante: São Carlos, Cunha Barbosa, Bastos Barauna, Ferreira Barreto, Eloy Ottoni, Villela Barbosa, frei Caneca, frei Sampaio, Azeredo Coutinho, Antonio Carlos, Evaristo da Veiga, Moraes e Silva, Souza Caldas, são figuras que demonstram todas a mesma aspiração. Nesse grupo está Natividade Saldanha.

E' ainda um remanescente arcadico. Por mais intenso que nelle palpite o ideal nacionalista, não pode livrar-se da lição coimbrã, e não perlustra outros caminhos poeticos fóra do arcadismo; e a mesma muia civica está toda engalanada pela mythologia grega.

VI

Quando Saldanha saiu do Brasil já tinha grangeado o seu posto na nossa literatura. Editára um livro de poesias, bastante para autorizar o seu ingresso no Parnaso. Não é um documento sublime. Comtudo, é um marco das nossas primeiras genuinas florações rythmicas, palpitantes de singeleza e docura, evoluindo entre o arcadismo e as aspirações autonomicas da nossa mentalidade civica, carnes em que algumas vezes se ajuntam, numa mesma paizagem anacreontica, as "nymphas do placido Mondego" e as "faias do patrio Beberibe".

E' de notar que Saldanha obedecia ao ambiente, acompanhava o metro e a idiosincrasia dos seus mestres coimbrenses, fazia de todos os seus heroes replicas dos deuses gregos, de to-

dos os seus amantes imagens de Romeu e Julieta, Tristan e Isolda, Heloisa e Abeillard, Paulo e Virginia. O Gama não pode deixar de ser Neptuno, Camarão inevitavelmente é Brasileio Marte.

Muitas vezes, quasi sempre, é o poeta da amizade e da ternura. Nas suas rimas delicadas e simples, pode-se aferir perfeitamente o sensitivo, o sentimental, o apaixonado, que é Saldanha. Algumas vezes realiza expressões poeticas que podem figurar sem desdouro ao lado das mais apreciadas no genero. Tomando o vôo dos versos brancos, é menos affectada, menos contrafeita a sua musa.

Expressiva e perfeita, uma ode ao padre Muniz Tavares, da qual copiamos um trecho :

Almo Sol, que no plaustro de topazios
Abres, e fechas com teu rosto o dia,
E nos Reinos da Maga Natureza
Derramas doce influxo,

O teu curso acabou. Já no Zodiaco
Dos doze socios as moradas viste;
E hoje vaes outra vez o mesmo sempre
Recomeçar teu gyro.

Mais rapido que o raio scintillante,
Encheste alfim tua annual tarefa;
Foi-se um anno comtigo, e já não resta
Esperança de vel-o

Submergido no pelago do Tempo,
Absorvido no vão da Eternidade,
Té da sua existencia a imagem fraca
Resvala da memoria.

Não brilha na estação da meiga Flora
Rubro junquilho, pallida violeta,
Senão para murchar, ai caro amigo,
Talvez antes da noite.

Eu mesmo, que hoje escrevo, em poucos annos,
Nem as nymphas do placido Mondego,
Nem as faias do Patrio Beberibe,
Escutarão meu canto.

Nossa vida, Moniz, semelha o anno:
 Temos Verão, Estio, Outomno, Inverno;
 Mas voltam Estações, e os nossos dias
 Nos fogem para sempre.

Após o Inverno vem a Primavera,
 Vem após esta abrazador Estio,
 E vem depois de fructos coroados
 O pomifero Outomno.

O primeiro momento da existencia
 E' o passo primeiro para a morte;
 Apparece o seu fim, sem nós sabermos
 Se havia começado.

Parece-nos esta uma caracteristica amostra do estro de Saldanha.

VII

Era um poeta expontaneo. Ha expontaneidade, ha singeleza, ha sinceridade, nos seus motivos, na sua forma. Improvisava sem esforço.

Tocante é o soneto improvisado, em 1820, na Quinta das Lagrymas, em torno da lenda de Dona Ignez de Castro.

Foi sempre poeta, desde os quinze annos, elle mesmo o confessa. Dahi, talvez, a sua desdita. Rostand affirmou: *le métier de poete est un métier de dupe.*

Saldanha, na sua curta vida, não deixou de poetar até a morte. Os velhos chronistas de Bogotá dão disso testemunho. Cumpriu o fadario que elle mesmo lavrára num soneto do Recife:

Que farei? Eu não posso obstar á sorte:
 Quer que eu seja poeta: paciencia:
 Sou poeta e serei até á morte...

Constante é o accento de melancholia da sua lyra. Os poetas são sempre frustres na Ventura.

Vem, compassiva noite, e com ternura
 Recolhe os ais de uma alma que suspira,
 Opprimida de angustia e desventura.

Recebe os ais de um triste que delira;
 De um triste que, embrenhado na espessura
 Suspirando saudoso arqueja, expira.

A sua sensibilidade deixava-o sempre num constante e insatisfeito anseio. O sonhador impenitente muitas vezes se detinha a espreitar a monotonia da vida e a insegurança do destino. Em face das galas triumphaes da natureza cantante, luminosa e festiva, confrange-se ainda a pobre alma descontente:

Brilham os prados de mil flores cheios.
Só eu, quando o prazer abrange a tudo,
Vivo entre sustos, vivo entre receios.

Chegou um dia a cahir nesta contradicção, desinentida pela sua mesma vida:

Não me pode mover formosa dama;
Seu rosto divinal jamais ateia,
Jamais ateia em mim amante chamma.

De uma paz salutar minh'alma é cheia;
Não amou, não deseja, enfim não ama;
Com o douto Venuzo se recreia.

VIII

Em outros sonetos, aberto o coração, não pode esquecer a formosura de Marcia. Ao partir para Coimbra, não contem a confissão.

Tudo acabou: e a negra desventura
Quer que os laços de amor a auzencia corte;
Que eu deixe, ó Marcia, a tua formosura!

Céos, que fado cruel, que imiga sorte!
Eu desespero, eu morro... ó Parca dura,
Já que Marcia perdi, vem dar-me a morte.

E recorda a musa inspiradora, de quem elle celebrava, no devaneio sentimental, os olhos gentis, a madeixa loura, a bocca "por Venus invejada, onde habitam mil candidos amores"; e os braços, "prisão dos amantes", e os seios, "globos de neve".

Aspirou morrer fiel:

E si mais nos não virmos, e eu distante
Soffrer da Parca dura o ferreo corte:
Amou-me, dize então; morreu constante.

Faltam-me provas para dizer si Saldanha cumpriu este nobre proposito amoroso. Mas seja licito duvidar, porque percorrendo o mundo, e vindo a terminar os seus dias em Bogotá, multipliou muitas vezes a visão das silhuetas suaves e tentadoras. As mulheres são bellas, na velha Santa Fé, como as flores. O poeta não podia permanecer indiferente a tão capitosa floração feminina e roto devia estar desde muito aquelle soneto á antiga musa loura. Quem sabe si a mysteriosa morte de Saldanha não foi a obra de algum ciume incontido?

Não podia elle deixar de continuar, pelo mundo fóra, um grande affectivo.

Não apenas no amor revelava os impulsos de um coração terno. Tambem na amizade, a cada passo, patenteia finuras de sentimento, na sua obra poetica.

São aspectos que nos fazem imaginar na grande dor que lhe impoz o exilio, afastado de todas as imagens queridas. Partindo de Pernambuco para Coimbra já exclama, num soneto dedicado aos amigos: "E' tanta a minha desventura!" Que diria na segunda separação, acossado pelos verdugos da monarchia, sahindo ao azar da vida, por terras inhospitas, sem esperança de regresso aos lares pernambucanos!...

IX

Patria, Amigos, são dois themes favoritos de Saldanha. E finou-se longe da Patria, longe dos Amigos, cruciado pela saudade, soffrendo justamente a pena que sempre lhe pareceu mais cruel:

Longe da Patria, dos amigos longe,
Que presta a vida?

Saldanha foi tambem um fervoroso patriota. A sua obra reflecte essa face preponderante da sua personalidade.

Nas primeiras poesias, exalta de preferencia a gloria lusa. Mas prompto volve a vista para a epopéa nacional da guerra Holandeza, e faz-se cantor entusiasta dos nossos primeiros heroes militares. Sob esse ponto de vista é o precursor legitimo de um Tobias Barreto ou um Victor Meirelles, que enthronisaram, na rima e na palheta, a fama immortal dos gigantes de Guararapes...

Nos primeiros sonetos de Saldanha, avultam as sombras magestosas dos paes da raça — Viriato, Camões, o Gama, Bartholomeu Dias, Albuquerque, João II...

Depois, põe todo o fervor civico da sua musa, em decantar outras sombras glorioas e eternas: Henrique Dias, Camarão, Ne-

greiros, Vieira, e exalta em legendas de ouro os fastos de Guararapes, Porto-Calvo, Santo Amaro, Goyanna, Cunhau'...

No limiar das suas Odes Pindaricas está inscripto, como profissão de fé, um distico extrahido dos *Luziadas*. "Dos nascidos direi da nossa Terra".... E depois de invocar as musas marciaes e heroicas, conclue:

Levemos, dos heroes pernambucanos
A rutilante gloria
Ao templo sacrosanto da Memoria:
Não deixemos em mudo esquecimento
Tantos varões famosos,
Que da inveja a pezar em toda a edade
Entregaram seu nome á eternidade.

Camarão é "Brasileo Marte"; Dias, "Brasileo Heitor", é o nosso Scipião; o mestre de campo Francisco Rebello, o "Rebellinho" — Hercules imitando, rouba a vida a um Antheu com os ríos braços. São cabos de guerra, são batalhas, dignas de paralelo com as lendas eternas da Grecia heroica e da Roma imperial:

E entretanto conheça o mundo todo,
Que entre o remoto povo Brasileiro
Tambem se criam peitos mais que humanos
Que não invejam gregos, nem Romanos.

A descripção dos recontros é traçada em termos altisonantes e impetuosos. Saldanha busca pintar o quadro com as cores mais heroicas e tragicas. A alma brasileira canta nesses versos todo o fulgor do seu heroísmo. O poeta assim apostropha aos jovens patrícios:

O' jovens brasileiros,
Descendentes de heroes, heroes vós mesmos,
Pois a raça de heroes não degenera,
Eis o vosso modelo;
O valor paternal em vós reviva;
A Patria, que habitaes, comprou seu sangue,
Que em vossas veias pulsa;
Imitae-os porque elles do sepulcro
Vos chamem com prazer seus caros filhos.

A' mocidade pernambucana que se alistou em 1817, dirige outro appello ardente:

Filhos da Patria, jovens Brasileiros,
Que as bandeiras seguis do Marcio Nume,
Lembrem-vos Guararapes e esse cume,
Onde brilharam Dias, e Negreiros.

Saldanha adivinha o symbolo em que a Historia iria transfigurar Guararapes, symbolo de plasmação da Patria, surgindo unida no campo de batalha, no baptismo de sangue de todas as vergonosas ethnicas. Guararapes — "altivo monte"; sobre elle a figura descomunal do indio Camarão — "todo em furor, desfeito em ira — Vingança e liberdade só respira".

X

Estas são as características geraes da obra de Saldanha. Elle a compunha e amava, como um poeta de raça, que sabia que "a sorte é tudo e tudo o mais é nada", e que o verso é eterno como o bronze.

E' dos homens diversa a triste sorte,
O guerreiro perece, o rei expira;
Só o vate se esquiva á lei da morte.

Foi esse o cantor que na alvorada dos vinte cinco annos partiu furtivamente da nossa Veneza tropical, sem rumo, sem destino, peregrinando e padecendo, e alcançando afinal o refugio remoto, Bogotá.

Poderia então recitar umas rimas compostas em Coimbra:

Saudosos versos meus, que desterrado
No tempo, em que negreja a noite escura,
Vos cantei sem alinho, e sem doçura
Ao vibro do instrumento ao Lethes dado.

Já que vos é propicio o duro fado,
E gozaes dos afagos da Ventura
Nas azas do pezar, e da amargura
Ide na Patria dar saudoso brado.

Saudae os socios meus, por quem suspira
Est'alma, que de angustias opprimida
A's duras feras compaixão inspira.

Ah! Dizei-lhe com voz enternecidada.
Que eu afflictio cantando ao som da Lyra,
Qual o cysne annuncio o fim da vida.

E em Bogotá repetiria, sem remedio, em 1830, esse sentido canto do cysne...

XI

Enredado na frustrada tentativa republicana da Confederação do Equador, Saldanha foi condenado á morte e teve de fugir de Pernambuco.

Percorreu successivamente Estados Unidos, França, Inglaterra, Cuba, Venezuela, Colombia. Enfermo, entrou agonisante num hospital de Londres. Naufragou deante de Plymouth. Contou certa vez a Ortiz que esse fora o mais duro transe da sua vida. "Estive a ponto de perecer em frente ás costas de Inglaterra, luctando dois dias contra ondas enfurecidas, nu', com uma taboa amarrada á cintura, para quando chegasse o momento supremo do barco submergir. Nesse tempo ainda não estavam inventadas as boias e salva-vidas de cortiça." (Op. cit.) Em Caracas, recrutaram-no para o exercito. Atravessou a pé a cordilheira dos Andes.

Chegou, afinal, a Bogotá, por volta de 1825. Frequentou a juventude intellectual. Para ganhar a vida, dava lições de humanidades e exercia a profissão de advogado.

Alguns negam que elle tivesse frequentado o foro colombiano. Gustavo Arboleda assim escreve: Carvalho Paes de Andrade e outros dão curso a uma versão que apparece contradictada na *Gazeta da Colombia* correspondente a 1830, na qual se lê que o Governo Nacional não permitiu o exercicio da advocacia ao "subdito portuguez" (sic) Saldanha, pois affirmam aqueles senhores que com a fama que possuia tal sujeito no foro, havia acudido muita gente a uma audiencia no Tribunal de Apelações, onde ia fallar, e que por temor de não sahir-se airosamente, desaparceu momentos antes que começasse a vista do Juizo, sem que nunca mais se ouvisse fallar nelle". (G. Arboleda. *O Brasil atravez da sua Historia*, Bogotá, 1916).

A essa opinião, pode-se contrapor um dado recolhido pelo illustre historiador colombiano Posada. De facto, no jornal *La Miscelanea*, de 16 de Outubro de 1826, annuncia-se que "será publicado dentro de poucos dias uma obra de José da Natividade Saldanha, sobre o Casamento Civil" (Dr. Eduardo Pozada, *Bibliographia Bogotana*, tomo II, 1922). Não foi encontrado nenhum exemplar desse volume. Mas a circumstancia de Saldanha anunciar uma obra forense, não autorisa a acreditar que elle exerceu aqui a profissão?

XII

Saldanha frequentava alguns moços intellectuaes. A prova evidente de que elle se fez notado nas rodas literarias, está nos capitulos que lhe consagram Cordovez Moure e João-Francisco Ortiz. (C. Moure. *Reminiscencias de Santa-fé y Bogotá*).

A vida intellectual em Bogotá sempre foi bastante intensa. O movimento das letras, quando chegou Saldanha, em 1825, era vivaz e interessante. Começou em seguida uma phase de declinio: os azares da politica fizeram soprar ventos de insanía, e os poetas e prosadores quasi emmudeceram. Dois magnificos vultos da Grã-Colombia de então, eram Bello, o venezuelano, e Olmedo, o equatoriano. Ambos andavam perdidos em exilios longinquos. Em Bogotá poetavam alguns vates de secundario renome.

Mas em torno dos seus lares se agrupava uma ardente mocidade, desejosa de alcançar bellos triumphos. Figuras de destaque nesses cenaculos eram os irmãos Ortiz — João-Francisco e Francisco-José, sendo que este ultimo chegou a ser mais tarde um dos mais puros mestres na poesia colombiana, tambem publicista e philosopho. Pertenceu á Real Academia Hespanhola e escreveu um *Poema do Tequendama* e os *Cantos da Patria*. Delle conheço ainda uma longa poesia — *La abolición de la esclavitud en el Brasil*, escripta em 1888, cuja copia me foi offerecida por um dos descendentes do poeta (1814-1892). Os dois irmãos Ortiz fundaram o primeiro jornal literario da Colombia, *A Estrella Nacional* de 1832.

Havia um embryão de Arcadia ao velho gosto, que se chama va *El Parnasillo*. Pairava nas sessões do Parnasillo um ambiente de franco e honesto bom humor. Glosava-se o Cavalleiro da Triste Figura. Embora a politica armasse em torno delles uma atmosphera de decadencia e indifferentismo, os moços do nobre cenaculo reagiam e formavam um oasis.

Saldanha tornou-se grande amigo dos Ortiz. Um delles rendeu-lhe, passado mais de meio seculo, um preito summamente carinhoso, naquelle capitulo de saudade das *Reminiscencias*.

Sandanha encontrou no Parnasillo devotos do mesmo credo poeticó que elle trazia da nossa Veneza.

A critica, querendo desconhecer as influencias do tempo, julga com severidade as producções dos ingenuos arcadistas que foram confrades de Saldanha. E verbera, assim, nelles, a replica constante dos themes mythologicos e a invariavel affeição ao estylo lyrico anacreontico e ás elegias amatorias. Esse é o anathema lançado por Don Ignacio Gutiérres y Vergara, aliás socio da mesma grey. Amenisando a aridez das reuniões, o poeta Tovar dava aos seus affectos uma receita para decimas:

De facil composición
 Una decima parece,
 Y por eso se apetece
 Para cualquiera función;
 Pero en la distribuicion
 Del pensamiento adoptado,
 Su merito está fincado
 Enque sin ningun estorbo
 Concluya el ultimo sorbo
 Con el ultimo bocado.

Não faltava, como se vê, aos jovens do Parnasillo, animo faceto. Extinguiu-se em 1833, com a morte do mais diligente consocio, André Marroquim.

XIII

Não se pode desligar a figura de Saldanha dessa incipiente academia. Comprova-o a affeição dos Ortiz. Justifica-o a identidade de maneira literaria. A Saldanha não faltava mesmo magnifica verve. Era um *causeur*, diz Cordovez Moure. Na sua original mistura de portuguez, hespanhol e francez, entretinha um espirito agil e zombeteiro, nas treguas que lhe ficavam das tristezas da vida. Lembro-me de haver lido alhures que de Bogotá enviou, em jocosos versos, uma procuração ao presidente do tribunal que em Pernambuco o condemnára a morte — outhorgando-lhe poderes para no seu lugar comparecer á forca...

A literatura bogotana fazia-se por esse tempo principalmente nessas academias, quando não nos salões da sociedade. Quando floresceu o Parnasillo publicou-se *O Mosaico*, revista na qual as originaes producções encontravam a letra de forma. Nesses grupos literarios, conversava-se espiritualmente, improvisavam-se versos, escreviam-se quadros de costumes, compunham-se phrases galantes em honra de bellas damas.

A casa mais frequentada por Saldanha era justamente a de uma familia com tradições de cultura, a familia Ortiz.

XIV

João-Francisco publicou um livro de *Reminiscencias*, com o sub-título de *Opusculo Autobiographico* de 1808 a 1861.

E' um *bouquet* de lembranças do *bon vieux temps*, escripto suave e piedosamente, com amor, com carinho, com saudade. O prefaciador Manuel Marroquim diz que as recordações do passado

são sempre parte integrante de uma vida e a elas nos apegamos para que a mesma vida não se nos escape tão depressa.

Foi o que fez o velho chronista. E incluiu entre as suas memorias alguns estrangeiros que viveram na capital colombiana. Desde logo, o brasileiro Saldanha.

Ortiz frequentará certo curso de jurisprudencia. Um dos condiscípulos foi o pernambucano. Sobre elle versa todo o capítulo XXIV.

“Seguindo o curso de leis, era eu applicadíssimo traduzindo Virgilio, e quiz a boa sorte que viesse á Republica um brasileiro, nascido em Pernambuco, chamado José da Natividade Saldanha, com quem contrahi commercio de amizade. Esse homem, que sofrera os horrores do infortúnio, estava bastante pobre e mantinha-se dando lições em casas particulares. A que mais frequentava era a nossa, onde jantava algumas vezes; e recebia de meu pae ajudas em roupa e dinheiro”

E adeante: “Com Saldanha repassei as eglogas, as Georgicas e toda a Eneida, auxiliado de bons commentarios e da traducción de Guilhen de Viédma, e puz-me em estado de entender regularmente a Virgilio: depois continuei estudando só, e outro tanto fiz com as obras de Horacio.” (Op. cit. X).

XV

Ortiz faz em seguida uma longa referencia ás aventuras de Saldanha, cuja vida lhe parecia um romance.

Alguns detalhes são evidentemente phantasiosos, devidos á imaginação do chronista ou do poeta, não posso decidir. Diz, por exemplo, que Saldanha fizera bons estudos na Universidade do Rio de Janeiro: de Coimbra, devia ser. Diz ainda que Saldanha luctára em campos de batalha e em combates singulares, e sofrera um grande terremoto em Pernambuco. E' flagrante o equívoco.

Copiarei agora o retrato pintado por Ortiz, que deve ser bem fiel. “Era Saldanha muito moreno, de regular estatura, bem proporcionado e fornido; seus dentes eram afilados e confundia palavras portuguezas e francezas na sua linguagem”. (op. cit.)

Allude depois aos meritos mentaes do exilado. “Era literato e fazia versos com facilidade. Para amostra da sua veia poetica, copiarei aqui um dos seus sonetos, traduzido do portuguez para o castelhano; e observo que sendo tão parecida uma lingua com a outra, bem poucas são as palavras que substitui ao original:

MI SUERTE

Cuando pienso que el hado rigoroso
 De tanto perseguirme yá se canza,
 Cuando pienso que subita bonanza
 Sucede al huracan tempestuoso;

En nuevo abismo, en caos tenebroso
 Vá a naufragar mi débil esperanza,
 Contra sirtes navífragas se lanza
 Y el mar devora mi bajel medroso.

Qué más puedo esperar? Cual leve pino,
 Por la fuerte corriente arrebatado,
 De roca en roca, en raudo torbellino,

De desgracia en desgracia despeñado,
 Seguiré los caprichos del destino
 Hasta ser como el despedazado.

XVI

E vem, finalmente, o quadro inglorio da sua morte. "O coração de Saldanha, diz Ortiz, prognosticava-lhe um triste fim. Numa noite de chuva, ao passar pela valla que corre em frente ás enfermarias do hospital de São João de Deus, caiu e provavelmente ficou sem sentidos com o golpe que recebera, porque não pôde safar a cabeça de dentro das águas, e afogou-se, num humilde ribeiro, quem antes se havia livrado das ondas alterosas do canal da Mancha. Pobre Saldanha! Até certo ponto poderíamos aplicar-lhe aquelles versos em que o cantor dos *Luziadas* pinta as suas desgraças:

A fortuna me traz peregrinando
 Novos trabalhos vendo, e novos danos.
 Agora com pobreza aborrecida
 Por hospícios alheios degredado,
 Agora da esperança já adquirida
 De novo mais que nunca derribado...

(Ortiz, op. cit.)

Saldanha morreu assim estupidamente, afogando-se numa valla, das muitas que existiam na velha Santa-fé. O Sr. Pozada recorda que ainda existiam, "ha cerca de vinte annos (1896)

arroios em todas as ruas. Precederam á construcão dos esgotos. Enchiam e transbordavam nos dias de grandes aguaceiros." (E. Pozada, *Apostilha CXXXV*, sobre Saldanha, 1916). Esses riachos chamavam-se *caños*.

As ruas eram illuminadas com raros lampeões de azeite. Em geral todas as pessoas sahiam á noite com lanternas.

Disseram-me que Saldanha, segundo Ortiz, excedia-se no alcohol, nos ultimos annos. Assim, não poude defender-se da enxurada, e, no dia seguinte, foi encontrado e reconhecido o cadaver.

XVII

Mas Cordovez Moore, que tambem consagra algumas reminiscencias ao desditoso brasileiro, attribue o afogamento na valla á traição do argentino Miralla, pae de uma illustre poetisa bogotana.

Difficil de comprovar-se, a culpabilidade de Antonio Miralla. Gutierrez y Vergara depõe pela honra do argentino. Chegou a Bogotá, como Saldanha, em 1825. Tambem era poeta distinto.

Conspicuo sacerdote recommendava-o assim:

"O cavalheiro Antonio Miralla, a quem nunca acabaria de elogiar bastante si intentasse fazel-o, é o portador desta carta. Pode o Senhor dar em sua estima todo o logar possivel a esse amigo, que é pessoa finissima e agradabilissima, em tudo e por tudo. Falla francez, inglez, italiano, portuguez, com perfeição, e possue duas mil graças, e setenta mil mais, capazes de diffundir o bom humor e o agrado no circulo mais culto da sociedade." (*Vida de Don Ignacio Gutierrez y Vergara y episodios historicos de su tiempo*, Londres, 1900)

Não é de crer que pessoa tão distinta fosse capaz da vileza que lhe imputa Moure.

A não ser que alguma rivalidade sentimental lhes puzesse, a ambos, turbada a cabeça...

XVIII

Como quer que seja, Saldanha pereceu em 1830, pela forma prosaica que vimos. E' o depoimento de Moure. Ortiz, dos modernos Pozada, Arboleda, Restrepo.

E' ainda o depoimento dos nossos Abreu Lima e Lopes Netto. Abreu Lima, outro Pernambucano, viveu na Colombia até 1831, foi *aide-de-camp* do General Paes, o Leão do Apure. O barão de Lopes Netto, ministro na Bolivia, ouviu um consul da Venezuela narrar a triste aventura. Não sei si o barão do Japurá faz referencias a Saldanha no seu conhecido livro, que não tenho á mão.

(Conselheiro Miguel Maria Lisboa, *Relação de uma viagem á Venezuela, Nova-Granada e Equador*, Bruxellas, 1866)

Outro diplomata brasileiro, o Sr. Ferreira da Costa, escreveu um livro sobre a vida e obras de Saldanha. Não pude compulsal-o também.

“Ha alguns annos, diz Pozada, esteve em Bogotá como ministro do Brasil, o Sr. Ferreira da Costa, homem muito estudoso, e que escreveu a biographia de Saldanha. Quando aqui veiu, buscou em vão dados sobre a vida deste em nossa capital. Já todos os contemporaneos do poeta estavam mortos e nada foi encontrado nos archivos. Tivemos o gosto de acompanhal-o nas investigações. Interessou-se elle pelos factos da nossa Historia, e daqui levou collecções de livros e antiguidades. O registo do obito de Saldanha não pôde ser achado nos livros parochiaes. Tempos depois da viagem do Sr. da Costa apareceu o livro do Sr. Ortiz. Preparamo-nos para enviar-lh'o, quando soubemos do seu falecimento em Roma, aonde havia ido ocasionalmente, pois estava como Ministro do Brasil na Russia. Suas collecções foram seguramente parar no Rio de Janeiro.” (E. Pozada, *Bibliographia Bogotana*)

XIX

E são os elementos que pude encontrar aqui, a respeito do “doce e desdito poeta”, como carinhosamente diz Restrepo. Talvez algum dia possa combinal-os com tantos outros que existem no Brasil, o que neste momento escapam á minha curiosidade — neste remoto rincão andino, tão distante do Rio de Janeiro.

Teria Saldanha visitado a Legação do Imperio? Não é provável. Andava elle mal parado com as autoridades brasileiras e talvez não lhe conviesse fazer-se notado da Legação.

Ao tempo da permanencia de Saldanha em Bogotá, estaria presente o nosso Ministro de então, Luiz de Souza Dias, nomeado em 1820? Teria a morte do poeta interessado ao successor de Souza Dias, o Encarregado de Negocios Manuel Theodoro Nascentes de Araujo, designado em 1831?

São perguntas que ficam no ar. Oxalá possam ainda ser satisfeitas e, por minha parte, não cessarei de investigal-as.

XX

Perderam-se as cinzas de Saldanha! Nenhum dos novos amigos se lembrou de dar-lhe piedoso jazigo. Pobre poeta exilado! Na

falta duma lapide singela, grave-se na memoria o epitaphio que elle mesmo redigira:

Sobre a campa se leia: Aqui, Pastores,
Josino está, Pastor desventurado;
Morreu de ingratidão, morreu de amores!

Morreu, em plena primavera da vida, como morrem todos os visionarios, queimando as azas douradas na pyra de um sacrificio insensato.

Nesta mesma cidade remota, onde chegamos alguns brasileiros pelas contingencias do officio diplomatico, sentimos, Saldanha, o pesadello da tua existencia amargurada, e amamos o sonho imperrecivel da tua suave poesia!

XXI

Mas não foram completamente vãs as pesquisas sobre Saldanha.

Em um *bouquiniste* encontrei um exemplar, bastante desfigurado, da primeira edição das poesias do vate errante. Falta-lhe a pagina de rosto. Com tudo, pode-se perfeitamente reconhecer a identidade do livro. Esse exemplar, por certo, pertenceu ao autor.

Todas as citações dos versos de Saldanha, são extrahidas desse achado precioso e raro. Aqui não possuo nenhuma edição moderna.

Em Bogotá, como em Quito, ha alfarrabistas, que se chamam mata-pelotas. Mata-pelotas é palavra quechua-castelhana e quer dizer — papeis sujos. Possuem authenticos incunabulos medievos. Muitos são os velhos livros em latim. Podem-se tambem descobrir livros portuguezes e brasileiros, que aqui nenhuma cotação teem no mercado. Conheci um architecto portuguez em Quito, que descobriu uma legitima primeira edição dos *Luziadas*, no mata-pelotas Riva Daneira, e adquiriu-a por preço vil, com perfeita simplicidade do livreiro.

Guardarei o livro de Saldanha como invejavel reliquia, magnifica recompensa de um carinhoso esforço...

Santa-fé-de-Bogotá, Setembro de 1922.

ARGEU GUIMARÃES



RECORDAÇÕES DE D. QUITERIA

VII

Entrei para escola num formoso dia de maio.

Na rua, nas gentes que passavam, nas proprias arvores municipaes, meio engaioladas, havia a jovialidade matinal da cidade que desperta.

Agora que saudade me vinha do campo !

A cidade geometriza todas as coisas, retalha o espaço em quadrados, divide-nos o tempo em horas eguaes e submette a natureza e a vida a rigores mathematicos e inflexiveis.

O sol, o immenso relogio rural, cede hoje aos pequenos chronometros de bolso ; a campina verde reduz-se á praça e ao jardim, e a propria vida submette-se a esse desenho quadriculado da civilização.

Entre essas malhas e quartejamentos da minha iniciação estava a escola. Era a obrigação monotonâ para toda a gente de dizer e de saber as mesmas coisas e de decifrar os mesmos enigmas, em tempo dado.

Estou convencida de que o que mata a alma é a egualdade ou a symmetria. E a escola é a mais estupida de todas as uniformidades ; caserna, convento ou escola, tudo é a mesma coisa. E' a primeira cota de nivel.

Eu entrei para a classe em que todos, no momento, sommavam até quatro parcellas, estudavam os superlativos, o governo de Mem de Sá, as tres pessoas da Santissima Trindade e as peninsulas da Europa.

Accomodei-me como pude e em poucos dias fiz numerosas amigas. Eram todas alegres, risonhas, almas de arminho e rosas, com a frescura e suavidade de escravas satisfeitas: a Carolina, a mais desenvolta e desembaraçada; a Aida ou Ada (não me lembra mais), que não cessava de rir; a Elisa, que sabia fazer uma momice, "carêta" especial e engraçada, e cansava de fazel-a, tantos eram os pedidos; a Helena, por vezes zangada e difficil...

Esses eram os relevos espirituas naquelle planicie ou antes naquelle aterro artificial.

Quasi todas ellas vivem nas minhas reminiscencias, e algumas, jamais as perdi de vista.

No Collegio de Santa Clara, havia duas grandes salas, que se enchiam de rumores deseguaes e distinctos: uma, das meninas, em que as vozes pareciam de crystaes; a outra, a de rapazes, soava marcialmente como os tambores.

Dona Clarinha dominava, meiga e imperiosa, os dois mundos. Todas nós a achavamos bella e majestosa. Um leve começo de velhice dava fulgurações de prata aos seus cabellos. Por vezes, fugazes e rapidas, apparecia M'sieur Tekserá para dar os rudimentos de lingua franceza, mas logo desapparecia e apagava-se.

Dentro em pouco, a escola, que me parecera antipathica, tornou-se uma fonte de fascinações e de alegrias perennes.

Não quero agora prejulgar o que só vim a saber mais tarde. N'aquelle mundo de pequeninas creanças, aprendi a conhecer a variedade vicissitudinaria do espirito humano e a inconstancia do destino; aprendi tambem a verificar quanto a experienca da vida estraga e perturba os corações timidos e delicados.

A vida é, mais tarde, tambem uma escola, mas de só desenganos, de amarguras e tristezas. Quando relembro o ruidoso chilreio d'aquellas creaturinhas, a ingenuidade d'aquelle gente, que ainda madrugava no rosiclér da existencia, e quando as cotejo com a seccura, a aspereza, a melancholia e as vaidades que vieram depois, umas trás outras, mais me convenço de que a educação é uma formidavel bancarota de todas as esperanças e de todas as philosophias.

De todas aquellas almas, afeiçoadas como argila ás linhas da architectura social, todas perderam a sonoridade propria e transformaram os sorrisos mais ethereos em lagrimas copiosas.

Para onde foi aquella alegria antiga?

Devoraram-na o luxo, a ambição, a duvida, a desventura e, talvez, o crime.

Ensinararam-nos a vencer. Que grande coisa! Ensanguentar o mundo para ostentar, malferidos, a vaidade da victoria.

Estou hoje lugubre e com tendencias para o dramalhão. E' que, realmente, este capitulo é um aproveitamento do primeiro

ensaio literario que escrevi: — "A Escola ou sete annos de arrependimento".

VIII

Eu disse que D. Clarinha era meiga e boa. Na escola sempre ella derramava essa perenne doçura.

Mas havia excepções. Era quando, por exemplo, o marido M'sieur Tekserá se esgueirava pelo corredor, e, eterno *flaneur*, sahia para a rua.

Então perdia a linha de deusa e vociferava:

— Pelintra! Bilontra!

M'sieur Tekserá fazia ouvidos de mercador e desapparecia.

Outra excepção de máo humor era quando os meninos faziam grande algazarra. Dona Clarinha n'estes casos abria mão dos methodos modernos, e, conforme costumava dizer, dava a ração.

— E' preciso de vez em quando dar a ração a esses bilontrinhas.

A ração, só applicavel aos rapazes, era uma coisa terrível. Viamos, nós outras, de longe o fragor da catastrophe. Dona Clarinha com a mão ampliada por uma frécha, como se esta fôra um raio tonante, desabava sobre as cabecinhas rebeldes.

Eram choros e gemidos como nos dias de cresta e de estinha nas colmeias ruidosas.

O dia de "ração" era um ranger de dentes para as pobres creaturinhas.

Mas, caso grave, memoravel e que nunca me sahiu da memoria foi a ração de M'sieur Tekserá.

Já o homem como de costume ia a esgueirar-se pelo corredor, quando, de uma feita, impiedosa e dominadora, levantou-se Dona Clarinha; e, quando esperavamos que vinha a descompostura conhecida — bilontra! pelintra! — ao contrario disse ella apenas com aquelle ar severo que não admittia réplica:

— Tekserá! a ração!

Ficamos pasmadas e transidas de susto mortal. Pois que! Até o pobre professor Tekserá, homem velho e de respeito, apanhava a sua ração!

Vimos, então, que Dona Clarinha o agarrava violentamente pelo braço, e arrastava-o para os fundos da casa.

Os meninos (como é proprio d'esse sexo impiedoso e perverso) cochichavam e riam á socapa. Um d'elles, o José Taludo, como lhe chamavam, por mais ousado foi pé ante pé não sei até onde e voltou dizendo misteriosamente que M'sieur Tekserá apanhava, que ouvira o ranger da frecha e gemidos de dor...

Senti funda tristeza e indignação; e todas nós choravamos, abaladas por tão extranha impiedade. E lembro-me agora d'aquelle dito de que uma "boa mulher é a peior de todas".

Afinal, vimos M'sieur Tekserá que voltava d'aquelle experientia. Vinha tropeço, cambaio, humilhado a coçar a orelha; e logo, tomou a porta da rua talvez para desafogar tamanha desconsolação.

Tambem voltava para a sala Dona Clarinha que desta vez achei antipathica e todavia mais bella que nunca. Vinha com aquella inconstancia das espheras que lhe dava azas invisiveis no andar.

Horas depois, ao escurecer, quando acabara a lição, todas nós saímos ruidosamente como sempre.

De longe, bispei M'sieur Tekserá que pontificava já então lepido e imponente, na pharmacia da esquina.

Que diria o martyr?

Busquei passar pela porta da botica donde uns frascos enormes e verdes lançavam para a rua rectangulos verdolengos, luminosos.

Mas só logrei ouvir, como lufadas que escapavam das portas, duas ou tres palavras entre sonoras e verdes:

— Em Paris onde eu estive...

IX

Por que digo eu tanto mal da escola?

A baroneza de Portella, minha adorada mãe, não sabia ler, mas nunca se lastimou dessa ignorancia.

— Lê-se de mais agora — dizia ella. E toda a gente lê as mesmas coisas.

Comprehendia, de instincto, que por esse caminho todo o mundo virava ninguem. Com um tostão de gazeta não era preciso mais cuidar do espirito: estava feito; e que artifices os que nisso trabalhavam?

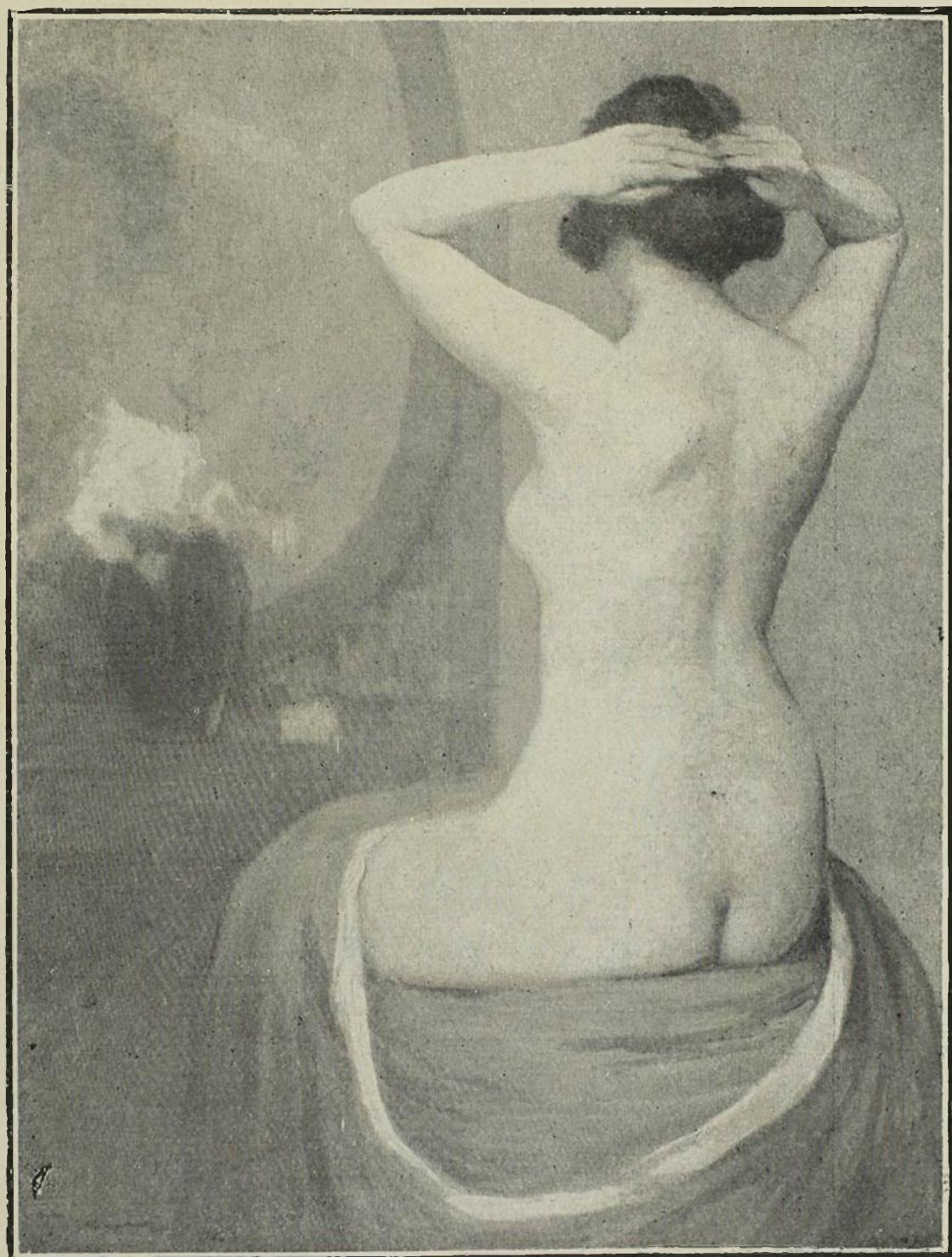
— Eu desejava saber escrever: só isso — accrescentava ella — para guardar algumas coisas que a memoria esquece.

E tinha razão. Quasi todos os males sociaes e moraes, molestias e doenças physicas, derivam da leitura. Já repararam quanta gente se embebeda por motivos literarios? Quantos vão ao hospicio empurrados pelos livros?

O adulterio é quasi sempre um veneno livresco, uma epidemia literaria.

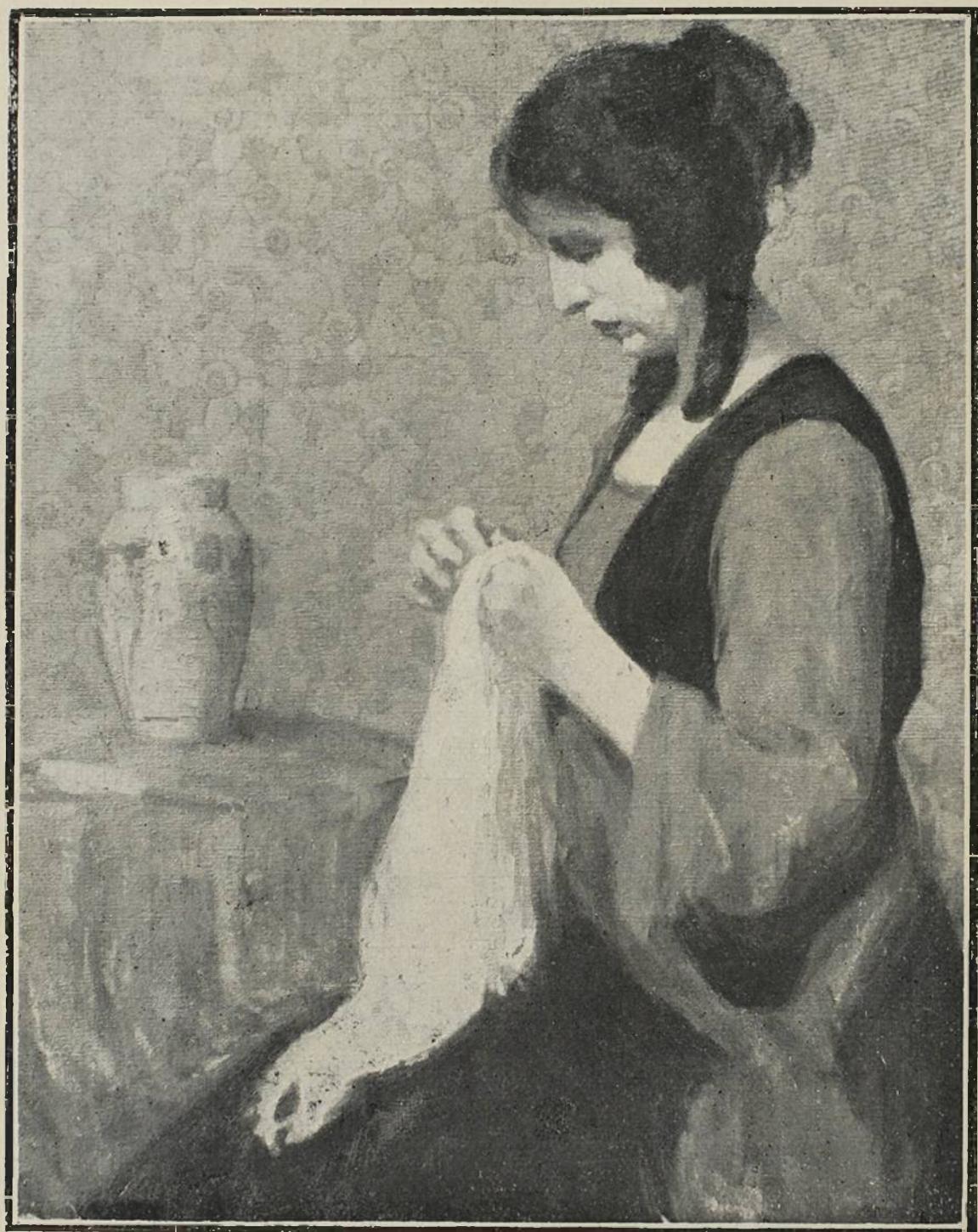
Mas, não são sómente ruins os livros, pois que são numerosos. São, o que é peior, dissolventes; desandam-nos do nosso caminho,

TULLIO MUGNAINI



Quadro admittido no Salão dos Artistas Francezes

TULLIO MUGNAINI



Quadro recebido no Salão de Artistas Franceses

enviezam e mascaram todos os traços ingenitos, e, mais que tudo, substituem-nos.

Quatro quintos de qualquer pessoa que lê provém dos livros. Risos e até lagrimas são puramente productos de typographia. A sinceridade é uma insignificante percentagem em tudo que fazemos; o resto é romance, drama, folhetim, autores e artigos de jornal.

Podiamos ser vendidos a peso, como papel velho impresso.

E essa falsificação começa desde o berço. Dos collegas de Cantidiano sei que ha meia duzia de Marios que são folhetins encanecidos — o Mario de Alencar, o Mario Brant, o Mario Behring, o Mario Bulcão nasceram com um folhetim do "Jornal do Commercio". O velho orgão traduzia "Os Miseraveis", de Victor Hugo, e as pias baptismaes transbordaram de Marios...

Quantas Aidas depois que Verdi escreveu e compôs a opera por encommenda do Kediva?

Fica por conta do Cantidiano essa archeologia, que não é do meu tempo.

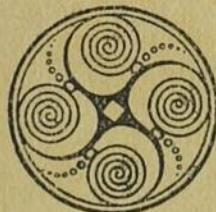
Meu nome de Quiteria veio de outro Jordão mais obscuro. Era o nome de uma tia velha da Beira-ay-Alta, que nunca vi nem conheci, uma especie de virago, descendente muscular da padeira de Aljubarrota.

Esta ascendencia romantica ou realista, só me fez machona na arte varonil de escrever memorias, pois que sou magricela e franzina, e posso andar entre as cordas da chuva, a corpo enxuto.

O desembargador Cantidiano, que tem o vicio da mentira, ainda hoje sabe de cór a historia de "Jorge e a machadinha", dos livros do Abilio, que leu na escola.

Esse Jorge era o grande Washington, que nunca mentia. O desembargador ganhou a fama de Epaminondas ostentando, como lisonja e letra nos seus brazões, a historia da machadinha.

JOÃO RIBEIRO





O RAPTO

SOU oculista. Dentre tantas especialidades abertas ao anel de pedra verde, barafustei pela ophtalmologica, movido de finas razões sentimentaes.

Luctar contra a noite da retina, arrebatar presas á treva: poderá existir profissão mais abençoada?

Assim pensei, e jamais me arrependi de o ter pensado. Minha melhor paga nunca foi o dinheiro ganho em troca dos milagres da faca de Graefe, senão o extase da triste creatura immersa na escuridão, ao ver-se de subito restituída á luz.

O oculista, fóra dos grandes centros, é um animal andejo. Não pode estacionar permanentemente no mesmo ponto, a exemplo dos collegas que curam todas as molestias conhecidas e *qui-busdam allis*. Possue em cada zona um reduzido grupo de clientes, curados os quaes, ou desenganados, força é que abale de freguezia.

Fiz-me andejo. Andei de déo em déo, por Séca e Méca, desfazendo cataratas, recompondo nervos ópticos, e se não enriqueci, vale um thesouro o livro da minha carreira clinica, tão cheio o tenho de impressões succulentas de psychologia ou pittoresco.

Estampo cá uma dellas, o caso do cégo do Rio Manso. Não é caso comico e não será tragicó; duvido, porém, que me apresentem outro mais humano e de tão grande rigor de logica.

Rio Manso é villoca que os fados plantaram seis leguas além de Itaguassú, cidadezinha onde permaneci tres meses de consultorio aberto.

Parti para Rio Manso — lembro-me tão bem! — bifurcado em asperrimo sendeiro de aluguel, avatar evidente do Rossinante, salvo o tróte, que o tinha capaz de desconjuntar em pandarecos a nobre vestimenta de lata do manchego. Meu Sancho era o Geremario, excellente cabrocha a quem extirpei uma catarata e que virou desd'ahi o meu fidelissimo *Sexta-Feira*.

Nem eu, nem elle, conheciamos o caminho. Não obstante, funcionou Geremario como perfeita bussola, agudissimo que é o senso de orientação adquirido pela gente da roça no traquejo da vida ao ar livre. A terra é para elles um mappa vivo, e o chão das estradas, um roteiro luminoso.

Conhecem a primor a linguagem dos signaes impressos no solo vermelho — sulcos de carraria, pegadas de animaes, galhos partidos, restos de fogueirinhas, e leem-nos como nós lemos letra de fôrma.

Foi assim que o arguto Geremario, em certo ponto de viagem, murmurou convicto, de olhos postos no caminho:

—Estamos chegando!

Olhei em redor. A mesma morraria desnuda, as mesmas sambaias e nada denunciativo de povoado proximo.

— Como sabe, se nunca viajou destas bandas?

O meu cabrocha sorriu com malicia, e explicou:

—A estrada está arruinando. Estrada ruim, camara municipal perto...

De facto, o caminho bom até alli, principiava a esburacar-se. Puz-me a observar a mudança, rapida transição a peor, até que, dobrada uma curva, de chofre avistei as primeiras casas da villa.

—Não disse? exclamou, jubiloso, o pagem. E' signal que não néga...

Ri-me por fóra, e por dentro admirei a suave ironia daquela agudeza de altos quilates.

Todos os nossos povoados possuem o mesmo aspecto suburbano — a mesma somatica, como diria o meu velho professor de pathology, no seu preciosismo de academicó *immortal*. O caminho principia a margear-se de casebres humildes, de sapé e barro, com cercas de bambú atrepadas do melão de São Caetano, ou cercas vivas de pinhão do Paraguay, cactus e outras plantas da zona. Aos poucos os casebres melhoram. Começam a surgir casas de telha, já rebocadas, já caiadas; e vendinhas; e tendas de ferradores; e assim vae, em gradação insensivel, até virar rua, com passeios, placas engrossativas de coroneis e espaçados lampões de kerozene.

Tambem a categoria social dos moradores acompanha tal ascenção. De mendigos, de velhos negros capengas, de sordidas pretas que se espiolham ao sol — perfeita varredura humana de

entristecedor aspecto — passa a jornaleiros, a gente pobre mas arranjadinha até chegar á “gente limpa”. E como a rua, no crescendo em que vae, desfecha em praça — o largo da matriz, com gramados, coreto de musica e casas de commercio, assim as “almas” sobem do mendigo roto ao senhor doutor juiz, ao doutor delegado, e ao excellentissimo senhor coronel N. N., chefe da politica local, semi-deus, dono e tutú-marambaia da terra.

Ao entrar em Rio Manso, vencidos os primeiros casebres, chamou-me attenção um berreiro. Em certa casinhola fechada ia rolo velho, surra ou briga, a avaliar pelos gritos que de lá partiam.

Não posso ver dessas coisas sem intervir. Parei á porta, com rompante de autoridade e dei com a argola do relho.

—Que é lá isso ahi?

O rumor interno cessou mas ninguem me respondeu.

Nisto approximaram-se alguns vizinhos de mãos no bolso, ar velhaco.

—Que terra é esta? Mata-se gente dentro das casas e ninguem se move!...

Retrucou-me um delles:

—Se a gente fosse se incomodar cada vez que o Bento Cégo desce o guatambú nos filhos...

Guatambú nos filhos... Bento Cégo... O caso interessava-me.

—E’ um cégo que mora aqui, o Bento. Elle gosta da sua pinguinha. Bebe ás vezes demais, vira valente e mette a lenha nos filhos. Tranca a porta e é, como diz o outro, pancada de cégo!

Fiquei na mesma e vendo que o sujeito só redizia o já dito, sem lição nova que me satisfizesse, bati de novo á porta com o cabo do relho.

Abriu-ma desta feita um rapazinho, ahi dos seus quatorze annos. Interpellei-o.

O menino, a coçar-se, olhou para a gente reunida atraç de mim e riu-se.

—Bem se vê que o doutor não é daqui. Papai é assim mesmo. Bebe seus martellinhos e quando esquenta a cabeça, o gosto delle é bater. “Nós deixa”, e até “se diverte” com isso...

Assombrei-me. Um pae cujo gosto é bater na prole e filhos que se divertem com a surra! Mas como cada roca tem seu fuso e eu não conhecia o uso daquella terra, não pedi mais, toquei para o hotel, vivamente interessado pelo estranho costume daquella familia.

Armei tenda em Rio Manso e puz-me a concertar olhos. Entretementes, enfrontei-me na historia do Bento Cégo.

Nascera arranjado, filho dum fiscal de camara, e quando casou morava em casa propria, legada pelo pae e sita em rua de procissão. Maus negocios fizeram-no perdel-a e passar a rua mais modesta. Vieram filhos, vieram doenças, macacões de toda a especie, urúcas, e Bento, a decahir mais e mais, foi rolando para baixo até acabar cégo, á beira da cidade, zona da mendicância.

Como e porque?

Era Bento um triste incapaz. Não prestava para coisa nenhuma. Começasse por onde começasse seu destino seria sempre aquelle, acabar na rua, chorando esmolas.

Bôbo em negocios, tinha, entretanto, fumos de finorio. Pisava o olho a cada transação e quando os arregalava via-se logrado, tungado, empulhado, furtado pelos "passadores de perna". Fez-se barganhista e jamais a barganha lhe deu o menor lucro. Começou pela casa. Barganhou-a por outra, muito inferior, tentado pela "volta". Em tres mezes comeu a volta e ficou a nenhum em materia monetaria. Mas a tentação da volta não o abandonou mais. Iria barganhando e comendo as voltas: solução mirifica, pensou, piscando o olho. E assim fez. Casão por casa, casa por casinha, casinha por dois carros e quatro juntas de bois, carros e bois por meio lote de burros, burros por dois cavallos, cavallos por uma besta de fama, que fazia e acontecia, e não sei quem dava por ella oitocentos bagos — um negocião, sempre um negocião! A ciganagem espigatoria viu nelle uma perfeita mina, incapaz de resistir ao sézamo — "volta!"

E tantas voltas deram no pisca-olho que Bento se viu alfim com toda a herança paterna reduzida á mula, que não valia nem metade do preço. O freguez dos oitocentos era phantastico e por muito feliz se deu elle de passal-a adeante por duzentos e sessenta, mais, de choro, uma garrucha de mola partida.

Os filhos, já taludos por esse tempo, puxaram ao pae. Nunca frequentaram escolas, nem queriam saber de trabalho. Não se "sojeitavam". Pelas vendas, atôa pelas ruas, viraram os peiores moleques da terra, e transformaram num inferno a casa do Bento.

Exigencias, brigas diárias, palavrões immundos e uma lambança das mais sordidas. E como o pae, frouxissimo de caracter, nunca tivesse animo de lhes torcer o pepino, torceram elles o pepino ao pae.

Tratavam-mo como se trata cachorro, aos ponta-pés, e por fim, quando a miseria chegou, e faltou um dia feijão á panella, foram ás ultimas — espancaram-no.

Bento não reagiu. Reagir como, se eram tres e elle não chegava a um? Resignou-se, e os filhos, estimulados por tamanha covardia, entraram a repetir as dóses, a amiudarem-na,

até o metterem para alli, num canto, bode expiatorio e armazem de pancadas.

Bento deixou de ser homem. Passou a coisa humana, triste molambo de carne pensante, timida, apavorada, despresado de todos e com o consolo unico do alcool em cujo sopor vivia agora immerso.

Tal situação durou até á venda da besta. Ahi, explodiu. Quando entraram em casa os duzentos e sessenta mil reis, mais a garrucha, o pae annuncio logo que ia applical-os num excelente negocio.

Fartos de excellentes negocios, os filhos oppuzeram-se. Havia que repartir o cobre. Bento resistiu, retezando as vagas fibras de energia restantes em su'alma. Os filhos quebraram-lhe a cara com o cabo da garrucha e fugiram com o dinheiro.

Datou d'ahi a cegueira do homem, do espancamento resultando traumatismo do nervo optico e consequente catarata.

Bento passou a mendigo. Viuvo que era, sem um cão em casa, arranjou um cão, um porrete, um negrinho sarambé ajustado para guia e iniciou vida nova.

Como em Rio Manso não existissem cégos, todos se apiedaram delle. Davam-lhe roupas velhas, chapeus, mantimento e dinheiro — afóra consolações verbaes.

Resultou disso vir uma relativa abundancia bafejar seu casbre até alli ninho de miseria absoluta. Chapeus, possuia-os ás duzias, e de todos os formatos, inclusive cartola! Calças, paletós e colletes, ás pilhas. Até fraques e uma formosa sobrecasaca de debrum vieram enriquecer-lhe o guarda-roupa. Bento dizia:

—Deus dá nozes a quem não tem dentes. Agora que é um corpo só na casa, tanta roupa, até fraque...

Os filhos marotos cheiraram de longe a reviravolta e bateu-lhes a paquéra do arrependimento.

Hoje um, amanhã outro, vieram os tres, cabisbaixos, húmidos, implorar perdão ao velho.

Que não perdoará um cégo, inda mais pae? Bento perdoou-os e readmittiu-os em casa. A esmola sempre farta havia de dar para todos.

E deu. Nunca faltou, d'ahi por deante, feijão á panella, nem roupa ao corpo, nem dinheirinhos para o resto, inclusive cachaça e fumo.

Milagre! Aquelle homem que de olhos perfeitos jamais conseguira coisa alguma na vida, alem do desprezo do publico e da pancada dos filhos, recebia agora provas de carinho, gozava certa consideração, fazia-se chefe da casa, respeitado, ouvido — e até temido!

Acostumou-se a mandar e a ser obedecido. E não o fizessem! E não o fizessem depressa! Sua mão, outrora tão frouxa, agora dura, esmagava incontinentemente a resistência. Sua vontade encorpou, enrijou, deitou os galhos da veneta. Até da viuvez remendou-se. Appareceu logo uma parenta pobre que lhe escreveu propondo morar com elle e cuidar da casa.

Veio a mulher, arrumou-se, deu boa apparencia de limpeza e ordem ao tugurio da lambança e do desmazelo — coisa que a toda a gente causava pasmo. Bento chegou a pensar na aquisição da casinha, apartando vintens para isso.

Mais tarde, novo parente em petição de miseria veio a chegar-se á sua sombra. Um corujão misanthropo que lhe contava lorótas e lia capítulos do Bertoldo e da "Historia de Carlos Magno e dos Doze Pares de França."

Bento era fanatico de Oliveiros e nunca admittiu que fosse lida a segunda parte do livro, em que Bernardo del Carpio vence os doze pares.

— Mentira! Não venceu nada, dizia elle. Veja se um Bernardo, seja donde diabo fôr, é lá capaz de aguentar uma só lambada da duridana! Venceu coisa nenhuma...

Uma nuvem apenas toldava a paz da familia restaurada. Bento bebia e se errava de dóse, sorvendo a mais um martello que fosse, esquentava de cabeça. O quadro da vida antiga vinha-lhe á memoria, o caso da besta, a scena da pancadaria, e Bento, com grande furor, apostrophava os filhos criminosos. Em seguida castigava-os. Corria os ferrolhos das portas e, chispando maldições tremendas, deslombava-os á céga.

Os filhos suportavam o tratamento sem a minima reacção. Mereciam-no e, além disso, era tão gostosa aquella vidinha esmolenga...

Foi por essas alturas que cheguei a Rio Manso, e o caso do Bento que me interessára á curiosidade desde o primiero dia, interessou-me depois á piedade.

Resolvi curral-o. Examinei-o e vi que cegára em virtude de catarata de origem traumática, sob forma de facil remoção. A faca de Graefe punha-o bom em tres tempos.

Propuz-lhe o tratamento.

— Deus que o abençõe! Que vontade tenho de ver de novo o sol! O sol, as cores, as gentes... Só quem perdeu a vista sabe o que valem os olhos. Esta noite sem fim...

— Terá fim a tua, meu velho. O caso é simples e tenho a certeza de por-te sãozinho como dantes. Aprompto-te um quarto em minha casa e só sahirás de lá curado.

— Deus o ouça! Sempre pensei em procurar curar-me. Mas

não havia medico por aqui, era preciso ir longe, viajem cara... Se os "videntes" soubessem o que é a cegueira...

"Videntes!" Elle clamava videntes aos que enxergavam... Pobre Bento!

—Pois está combinado. Amanhã cedo vaes ao meu consultorio e amanhã mesmo te opéro. E verás de novo o sol, as flores, o céu...

A physionomia do cégo irradiava.

—Sabe o que mais desejo ver? disse, revirando nas orbitas os olhos branquicentos. A cara dos meus filhos. Eram tão maus e são hoje tão bonzinhos...

No dia seguinte, cedo, preparada a ferramenta, fiquei á espera do homem. Oito, nove horas, dez, onze e nada.

—Geremario, apromptaste o quarto do cégo?

—Não, senhor.

—Porque? Não te ordenei isso hontem?

Geremario sorriu maliciosamente e disse:

—O homem não vem, séo doutor. Vae ver que não vem.

Pois se a sorte delle é ser cégo...

Revoltou-me aquelle cynismo de opinião e ordenei-lhe com rispidez que cumprisse minhas ordens sem mais philosophias. E inda de vincos na testa sahi de rumo á casa do Bento.

Encontrei-a fechada. Bati e ninguem me respondeu. Insistia nisso quando á janella do casebre fronteiro assomou a trunfa duma bodarraona em camisa.

—Pode dizer-me que fim levou a gente desta casa?

—Séo Bento? Séo Bento foi-se embora. Alli pelas dez da noite os filhos "vinheram" com um carro de boi e um recado seu.

—Meu!...

—Seu, sim! Que o doutor mandou dizer que fosse já por causa da operação — uma historia cumplida. Séo Bento trepou no carro, com aquella coruja que móra com elle, mais o leitor de livro, e as roupas, e o cachorro, e o negrinho, e a cacaria inteira. Até uma cartola desta altura levaram! Depois o carro seguiu por esse mundo fóra...

Fiquei aparvalhado, inteiramente desnorteado de idéas. A bóda proseguiu:

— Eu bem que vi o que era! Curar séo Bento! Mas elle só presta porque é cégo...

Meu primeiro impeto foi dar queixa á policia e disparei para a casa do delegado. A meio caminho, porém, estava arrefecida a inspiração e ao chegar, gelada de todo. Parei-lhe á porta. Vacilhei. Em seguida dei de hombros, convencido de que o Geremario tinha razão, e tinha razão a bóda, e os filhos tinham

razão e todo o mundo tem razão. Policia! A policia viria romper ineptamente esse maravilhoso equilíbrio das coisas de que resulta a harmonia universal.

Chamei o Geremario. Appareceu-me com ar de quem adivinhou tudo.

— Ponha o almoço, ordenei-lhe seccamente.

— Sim, senhor. E... e posso desarrumar o quarto?

Olhei bem para elle, inda irritado. Mas a irritação cahiu logo. Que culpa tinha Geremario de conhecer a vida melhor que eu? E banquei o psychologo:

— Não se desarruma o que não foi arrumado, amigo!

Aqui Geremario baixou a cabeça e saiu.

MONTEIRO LOBATO





A COMMUNHÃO PAULISTA

Oliveira Vianna, o grande sociologo cuja obra é a mais seria de quantas se têm emprehendido em torno do problema brasileiro, dá nesta carta, dirigida a Julio de Mesquita Filho a proposito de seu excelente ensaio sobre "A communhão paulista", ha alguns mezes publicado no "Estado de S. Paulo", as bases sobre que julga dever assentar-se o estudo da nossa evolução nacional. Nada de preconceitos de escola que forcem por nos encaixar nos moldes de umas tantas leis ditadas por sociologos de gabinete, mas, sim, o estudo acurado do nosso caso particular, em todas as suas faces, por meio de monographias que constituam o material com que amanhã trabalharão os scientistas a quem couber a tarefa de *synthese*.

E', como se vê, todo um programma que o illustre pensador aconselha aos que, como o joven jornalista a quem acertadamente louva, dirigem sua attenção para as coisas nacionaes.

Meu illustre confrade.

LI com a attenção merecida e com grande prazer a bella serie de artigos, que publicou no *Estado*, sob o titulo expressivo de *A communhão paulista*. Felicito-o sinceramente pela superior elevação das suas idéas e muito grato lhe fico pelas palavras de generosa sympathia com que se refere aos meus estudos. Nelles o que ha de realmente novo não são propriamente os methodos; eu não faço sinão applicar os velhos processos de observação e experincia, de comparação e inducção, que vêm desde os tempos de Aristoteles e que, systematizados

e accrescidos na sua efficiencia por incomparaveis meios de pesquisas, formam a base da investigação scientifica contemporanea. O que ha de propriamente novo nos meus estudos, meu brilhante confrade, o que ha nelles de propriamente original, é o Brasil — (a grande *novidade*, grande *originalidade*, desconhecida, não só dos estranhos, como tambem de nós mesmos. O preconceito, que ha cem annos nos domina (conforme demonstrei no volumezinho do *Idealismo na evolução politica*), de que entre nós e os grandes povos modernos não ha differenças essenciaes, nos tem dispensado de voltar os olhos para essa "grande originalidade", que é o nosso povo e que, por isso mesmo, continua inteiramente ignorado. O meu esforço tem sido apenas de revelar alguns aspectos mais impressivos desta "grande originalidade" e mostrar o erro fundamental que se contem naquelle preconceito secular. Só o facto de sermos, como observa o nosso insigne Alberto Torres, o unico grande povo situado em regiões intertropicaes, bastaria para fazer com que fossemos um "caso" á parte na economia internacional, constituindo um "problema novo" para todo o mundo, mas principalmente para nós mesmos. Depois, sobre essa differenciação inolvidavel, que se prende ás multiplas e complexas influencias dos factores anthropo-geographicos, quantas outras differenciações de ordem historica, de ordem economica, de ordem ethnica, de ordem social, de ordem politica! o como tudo isto se combina para fazer dessa massa social, que se extende do Amazonas ao Prata, e tão irregular na sua estructura e na sua distribuição, uma entidade especifica, unica, inconfundivel, sem paridade com nenhuma outra! Insisto sobre isto, porque parece-me ser a base de qualquer movimento renovador, que queira ser fecundo. E como esta concepção da originalidade da nossa formação collectiva, a que eu havia chegado pelo estudo comparativo da nossa estructura social e da estructura social dos grandes povos actuaes, coincide com as modernas conclusões da critica scientifica nas suas expressões mais recentes! Termino agora mesmo de ler o bello e forte volume de Lucien Fabvre — *La terre et l'évolution humaine*, que é o quarto volume da *Biblioteca de Synthese Historica*, organizada sob a inspiração superior do espirito luminoso e subtil de Henri Berr. E' obra de ha dous annos e nella se compendiam as conclusões da critica scientifica mais recente sobre o conjunto de ideas, que formaram a base da anthropo-geographia ratzeliana. E a lição que se extrahe de toda essa perciciente analyse da obra de Ratzel e dos seus continuadores é que houve muita generalização precipitada e os grandes quadros schematicos, em que a escola ratzeliana pretendia encerrar todas as formas da vida social espalhadas pelo globo, não correspondiam á realidade: onde parecia haver a *uniformidade*, o que se descobriu, depois de investigações mais attentas, foi a *variedade*, mesmo entre esses aggregados humanos de estructura rudimentar, como as hordas selvagens, que enxameiam os sertões interiores da Africa e da Oceania, e que até agora os sociologos, os ethnologos e os geographos julgavam poder agrupar, na presumpção de que tivessem a mesma identidade de estructura, sob um mesmo typo *communum*. Cada uma dessas hordas elementares se revelou, de subito, aos olhos dos observadores mais attentos, uma entidade original, distincta pela sua organização das outras com que andava assimillada até então. Se a *variedade* se revela mesmo entre esses pequenos nucleos humanos, tão rudimentares, como são as populações neolíticas da Africa e da Oceania, imaginae agora, meu illustre collega, o que não será para esses grandes aggregados, extremamente complexos, que constituem os grandes povos civilizados!

Diante dessas revelações, aquelles grandes principios geraes, aquellas famosas "leis", que segundo a anthropo-geographia ratzeliana, deviam reger a distribuição da vida humana pelo globo e a apparição e a evolução das formas sociaes, passavam a ficar de quarentena, á espera de que a investi-

gação scientifica, segundo methodos mais rigorosos e prudentes, diga sobre elles a ultima palavra, ratificando-os ou condemnando-os. O que a critica sociologica apurou até agora é que a sciencia ainda não tem elementos bastantes para determinar as leis geraes da evolução dos povos; que tudo quanto se tem feito até agora são generalizações audaciosas, sem base na realidade e não confirmadas pela observação attenta dos factos; que o dever de todos nós, sociologos, historiadores, geographos, ethnologos é, por em quanto, o de estudar criteriosa e objectivamente cada "caso" particular, isto é, cada grupo humano, cada unidade collectiva, ou nucleo social, induzir as leis que regem a evolução desse nucleo ou desse grupo por meio de monographias percuentes, como contribuições elementares e parciaes á grande synthese scientifica do futuro. Presentemente, toda synthese geral é prematura. O grande dever das actuaes gerações é trabalhar de maneira a apparelhar ás gerações do futuro com os meios para a realização desse grande objectivo. Para nós, no tocante á nossa contribuição para esse supremo objectivo das sciencias sociaes, o que devemos fazer é, pois, o estudo *monographic* do nosso nucleo nacional, procurando descobrir as leis que regem a sua evolução e as que regulam a sua actividade funcional, e revelando o que ha nelle de específico e original. Que em cada recanto do globo, onde exista um povo ou uma nação, as suas élites estudem o seu grupo nacional — parece ser a palavra de commando da Sciencia aos pensadores de todo o mundo. Obedeçamos, pois; e, ao envez de querer metter, á viva força, o Brasil dentro de uns tantos quadros schematicos de suppostas leis evolutivas da humanidade, contentemo-nos de estudar carinhosamente o *nossa* grupo nacional e saber quaes as leis da *nossa* evolução collectiva. E' já um grande esforço, obra para algumas dezenas de cerebros fortes e (como me parece haver demonstrado no meu pequeno ensaio sobre o *Idealismo político*) de immensos resultados praticos.

Comprehende, pois, meu brilhante confrade, o vivo contentamento que senti, quando, lendo o seu bello estudo, pequeno, mas agudo, sobre a "Comunhão paulista", vi-o tambem empenhado nessas arduas preoccupações de estudar o nosso problema brasileiro no grupo regional mais typicamente representativo das grandes qualidades da nossa gente: o grupo paulista. Dá-me o seu brilhante ensaio a grata revelação de que S. Paulo se orienta no bom sentido das preoccupações de ordem prática, isto é, no sentido daquillo que chama "a ratificação historica da accão do bandeirante". Eis ahi uma bella phrase e não sei de outra que tão elegante e compendiosamente exprima a intima e complexa significação do phenomeno paulista contemporaneo.

Espero que não pare neste pequeno ensaio e continue as suas investigações. Não me cansarei de dizer-lhe, entretanto, que deve confiar muito mais na sua bella intelligencia do que nos livros. Os livros são excellentes fontes de suggestões ou valem como meios de confronto ou reforço das conclusões a que chegamos pela observação directa e pessoal da realidade; mas, tambem trazem a essa observação o perigo das ideas preconcebidas e das *arrière-pensées*, que perturbam a justa percepção da cousa como a cousa é. E' preciso cuidado de evitar esse escôlho e o melhor preventivo é a confiança profunda na nossa propria intelligencia, isto é, a certeza intima de que todas as vezes que, defrontando a realidade, a interrogarmos com insistencia, ella sempre acaba por nos revelar o seu segredo.

Creia sempre, meu illustre confrade, na grande sympathia e sincera admiração do seu muito affectuosamente

OLIVEIRA VIANNA.

Campos do Jordão, 19 — 2 — 923.



TRES DOCUMENTOS INEDITOS SOBRE BRAZ CUBAS

POR incumbencia do Snr. D. Pedro Eggerarth, inteligente e dedicado Abbade do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, procedemos á reorganisação do Archivo desse Mosteiro pondo a bom recato uma grande copia de documentos interessantes não só para a historia da sua ordem como tambem para a historia patria.

Entre os documentos que restauramos e deciframos figuram tres que dizem respeito a Braz Cubas, o fundador da cidade de Santos e que vamos transcrever accrescidos de algumas annotações que lhe fizemos.

Todos os documentos estão em original e, possivelmente, passaram para o patrimonio do Mosteiro por intermedio de Simão Machado primeiro proprietario da sesmaria de Angra dos Reis cujas terras foram doadas por esse fundador aos Benedictinos para instituição do Mosteiro daquella cidade.

PROVISÃO SUSPENDENDO BRAZ CUBAS DO CARGO DE PROVEDOR DA FAZENDA REAL

Christovão de Barros, fidalgo da casa del rei nosso senhor, provedor mór da sua fazenda em toda esta costa do Brasil: Mando a vos Simão Machado que tanto que esta minha provisão vos mostrada for que por virtude della logo suspendais e hajais por suspenso a Braz Cubas, provedor da fazenda del rei nosso senhor que ora serve nessa capitania de S. Vicente e S. Amaro os ditos seus cargos, por tempo de dois annos conforme é uma sentença que com esta vae e entre tanto que toca ao serviço del rei nosso senhor, que vos sirvaes os ditos cargos do dito provedor Braz Cubas e entendais em todos os negocios da fazenda do dito senhor e no que cumpre a boa arrecadação della, tudo fareis para a boa arrecadação della até se mandar o contrario. Pelo que mando e notifico a todas as pessoas e officiaes da fazenda do dito senhor, da dita capitania de S. Vicente sirvão ao dito Simão Machado os ditos cargos como dito é com todos os proes e precalços pertencentes aos ditos cargos. E esta será registrada no livro da fazenda do

Sul e haverá juramento para que bem e fielmente sirva os ditos cargos, guardarão em tudo a el-rei nosso senhor seu serviço nessas partes bem direito; do qual juramento se fará termo nas cartas desta cumprindo e al não façais. Dada nesta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, sob meu signal e sello das minhas armas. E eu Helioro Eobano escrivão da fazenda o mandei escrever hoje nove dias de janeiro de mil quinhentos e setenta e nove annos. Por nada

Christovam de Barros

PROVISÃO NOMEANDO SIMÃO MACHADO PROVEDOR DA FAZENDA REAL E OUVIDOR EM S. VICENTE

Christovam de Barros fidalgo da casa del rei nosso senhor, provedor mór da sua fazenda em todas estas partes do Brasil. Mando a Vos Simão Machado que ora estaes de provedor da fazenda do dito senhor na Capitania de S. Vicente que eu hei por serviço de S. A. que sirvaes o dito cargo de provedor enquanto Braz Cubas não mostrar melhoramento da sentença que contra elle dou e o contrario não resolva o desembargo do dito senhor ou mande, os cargos de provedor e ouvidor geral nas ditas partes, sem embargo da provisão que lhe passei no Rio de Janeiro, por quanto não de o melhoramento da sentença nem provisão, o dito ouvidor. Cumpra-se e al não façais. Sem duvida que vos a faça e seja posta. Dada nesta cidade do Salvador s b meu signal e sinete de minhas armas aos 9 de novembro de 1579.

Christovam de Barros.

NOTA A sentença a que se refere a primeira provisão e por onde se poderia saber a razão pela qual Braz Cubas foi castigado com a suspensão do cargo, estava de tal modo corroída pela traça que pulverisou-se quando tentamos desdobral-a para a respectiva leitura.

No verso dessas provisões estão os lançamentos de registo e despacho de Simão Machado ordenando a intimação de Braz Cubas.

CARTA DE D. PEDRO LEITÃO a BRAZ CUBAS

Muito folguei por novas de V. M. muito mais vendo como esta para edade tão madura e acompanhada de honra tão pontuosa nas causas que pertencem a ella, pais a V. M. offerece a tantos trabalhos e impeto de amigos em tempos que ha de repouzar dos que aceitou a fresca idade, e me lembra muito bem. Me parece aguardar ahi por D. Luiz pois creio porque pela idade, honra e pessoa de V. M. aver de ficar penhorado e muito, vendo, por partes tão remotas estranhos homens que para a conservação da cidade de S. M. são tão primos e naturaes na honra que offerecem á vida a tanto perigo e á idade como a de V. M. A provisão a mando da mesma maneira que m'a mandou pedir. Folgava ser cousa maior porque se declarava no que desejo fazer e sentirá que pretendo servil-o sendo a tudo obrigado por merces e honras mil que me ha feito. Occupe-me porque em todo o tempo serei igual na vontade pois me acompanha a memoria do que

me fez v. m. cuja vida N. Sor. por muitos annos prospere e a do Snr. Pedro Cubas. Desta cidade, oje 4 de novembro de 1570.

Pedro, Bispo do Salvador.

Escripta de nossa mão.

Ao muito nobre provedor snr. Braz Cubas Cavalheiro fidalgo da Casa del Rey nosso Snr.

NOTA O autor desta carta D. Pedro Leitão, segundo bispo do Brasil, chegou á Bahia em 9 de Dezembro de 1559 e em 1567 seguiu para S. Vicente em companhia de diversos jesuitas onde iam, como visitador, o padre Ignacio de Azevedo, provincial, o padre Luiz de Gram e o padre José de Anchieta. Nessa visita ficou assentada a fundação do collegio da Companhia de Jesus no Rio de Janeiro sendo designado para superior o padre Manoel da Nobrega.

E' interessante que o bispo, referindo-se a Braz Cubas em 1570 o julgue em idade tão madura; entretanto, pelo que se sabe, seu falecimento ocorreu 29 annos depois, em 1579, quando elle estava em vespera de attingir o centenario.

Nessa carta falla-se de um D. Luiz de modo tão especial que parece referir-se a D. Luiz de Vasconcellos nomeado governador geral em substituição de Mem de Sá e que faleceu no mar nos primeiros dias de setembro de 1570 quando em viagem para o Brasil afim de assumir o seu cargo.

PROVISÃO QUE O BISPO DO SALVADOR PASSOU A BRAZ CUBAS PARA FAZER UMA ERMIDA

Dom Pedro Leitão por merce de Deuz e da Santa Sé Apostolica de Roma bispo da cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos destas partes do Brasil commissario geral por autoridade apostolica em todas as capitanias e lugares desta costa do Brasil e do Conselho d'el rei nosso senhor... Fazemos saber que por Braz Cubas cavalheiro fidalgo da casa d'el rei nosso senhor, provedor e contador da sua fazenda na Capitania de S. Vicente e S. Amaro nos foi feito petição dizendo que elle por sua devoção queria fazer sua ermida da invocação da Madre de Deus no arrabalde da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro no Rio de Janeiro onde chamam Acubai a qual ermida queria dotar renda com que se possa sustentar para o que nos pedia lhes dessemos nossa licença, pediu-nos mais que possa nella levantar altar e que se dissesse missa e que queria que quando fizessem maior igreja que elle com filhos e genros se pudesse enterrar na capella della e outrosim nenhuma pessoa assim ecclesiastica como secular o não pudesse fazer, somente elle com seus filhos e que.... visitar a dita ermida e puder gozar todas as indulgencias que sua santidade nos concede, o que visto por nos e havendo respeito a ser terra pouco povoada e não haver nella outra ermida para que a devoção dos christãos que nella vivem seja causa para que o gentio folgue lhos emitir, havemos que o supplicante possa fazer a dita ermida no dito lugar com altar e que possa dizer missa e que na capella se não passam enterrar outra pessoa nenhuma, somente o supplicante como por elle é pedido. e, como a faz a sua custa a qual elle será obrigado de dotar lhe causa com que se possa sempre sustentar e concedemos a todas as pessoas que visitarem a dita ermida todas as indulgencias que

S. Santidade nos concede e assim as que temos por vias do ordinario e temporal. E que o supplicante possa pedir ou mandar pedir esmollas para a dita ermida na dita cidade e pelas capitarias da dita costa, e mandamos que na capella da dita ermida que elle se possa enterrar com todos seus filhos e não outra nenhuma pessoa como atraç está declarado; para o que lhe mandamos passar esta nova provisão. Dada nesta cidade de S. Salvador sob nosso signal e nossas armas aos 24 dias do mez de outubro. Miguel Luiz Christovam a fez, Anno de 1570. P.º Bispo do Salvador.

Sello

Cumpre-se esta provisão do Snr. bispo conforme nella se contem a 6 dias de..... 1570 annos — *Aff.º de Alvarenga.*

NOTA São bastante vagas as indicações para identificação do local onde assentou essa ermida.

A unica referencia que se aproveita da provisão é a do arrabalde Acubay onde se erigia a capella, mas essa denominação não alcançou nossos dias.

Fora da provisão ha outros elementos que poderão mais vantajosamente encaminhar essas indagações e são:

1) auto de posse de demarcação da sesmaria de Manoel de Brito de Lacerda e 2) a existencia de uma capella consagrada a N. S. da Madre de Deus no morro da Providencia tambem conhecido com os nomes de Favella, Livramento e Madre de Deus.

A posse e demarcação da sesmaria de Manoel de Brito teve lugar em 7 de outubro de 1568 perante o juiz Antonio de Maris, servindo de escrivão Manoel Gomes e de testemunhas Pedro Lopes e Antonio Proença. O perimetro demarcado com as denominações modernas é o seguinte: rua Theophilo Ottoni, Ourives, Marechal Floriano, Camerino, Vallongo e Municipal em seu prolongamento até o mar que era contornado até frontear a rua Theophilo Ottoni.

A esse acto esteve presente Braz Cubas, com quem as terras confrontavam — “ante Braz Cubas com quem dito Manoel de Brito parte ellemita” — diz o termo.

Braz Cubas, como é sabido, possuia no Rio de Janeiro duas sesmarias, uma em Merity e outra na parte urbana da cidade e que extremava, do lado de Sul, pelas proximidades da actual rua Sete de Setembro confrontando ao norte com a sesmaria de Manoel de Brito. Não se sabe até onde extendia-se o fundo dessa sesmaria, mas é provavel que ella se prolongasse até as proximidades do actual Campo de Sta. Anna, para dahi proseguir até o mar, na Gamba, de modo a ficar no ambito da sua concessão, no todo ou em parte, o morro da Providencia, talvez o Acubay quinhentista.

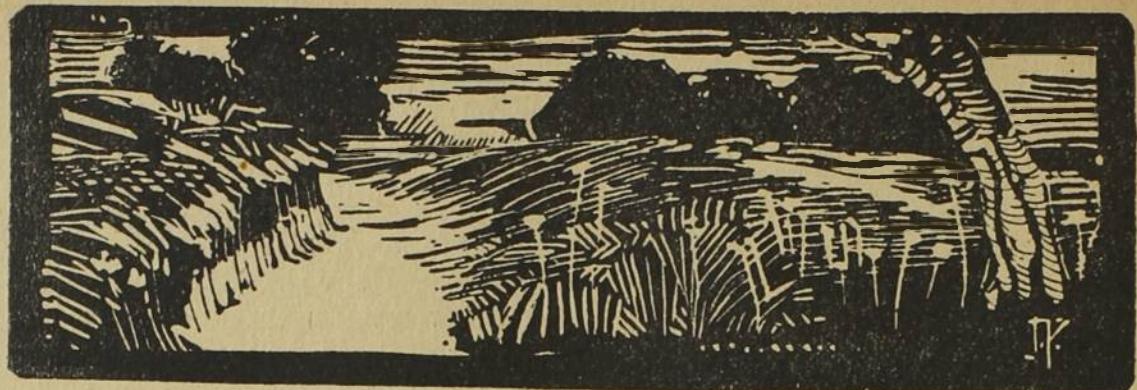
Pedindo licença para a erecção da ermida e dispondo de terras para seu assento, é obvio que fosse na sua propriedade, e não na alheia, que elle tratasse de construir-a, e, coincidencia ou evidencia, o facto é que ainda hoje, nesse morro da

Providencia existe uma capella dedicada a N. S. da Madre de Deus, situada no alto da ladeira desse nome, que tem começo na rua do Vallongo, já assignalada como linha divisoria entre Braz Cubas e Manoel de Brito.

Contrariando essas observações sobre a origem da ermida encontra-se na obra intitulada "Archidiocese de S. Sebastião do Rio de Janeiro" do arcipreste Antonio Ferreira dos Santos, o seguinte: "N. S. da Madre de Deus, edificada na quinta do Vallongo por provisão de 13 de Junho de 1733. Está profanada ha muitos annos e pertence a particulares". Essa provisão, porém, tanto poderia ter sido lavrada para restauração da primitiva igreja, então desaparecida pela accão do tempo, como para a construcção de uma nova.

GENTIL. MOURA.





VERSONS

Arte de amar

*Se em qualquer phase da vida
O amor, por esconso estreito,
Quizer entrar o teu peito,
Dá-lhe amorosa acolhida.*

*E confiada na fortuna,
Vê como elle se comporta,
Mas não lhe feches a porta,
Como á visita importuna.*

*Se for quente e, porventura,
Te exigir afagos quentes,
Não finjas que lhe não sentes
A gostosa calentura.*

*Se no amor te mostras fria
E os clamores não lhe escutas,
E's como um pomar sem frutas
Que dá sombra e não sacia.*

JULIO CESAR DA SILVA.

Portico

*Druida absorto ante a tosca, immovel ara,
O estatuario, sóffrego e fremente,
Vendo o bloco de rude pedra, sente
Extranha chama interna. Pensa e pára.*

*Molda em seguida a estatua, linda e rara,
Com tanta perfeição e tão paciente
Que, sendo de granito, simplesmente,
Parece ser de marmore-Carrára.*

*Assim, divino artista da palavra,
Molda tambem a tua estatua, em verso
Original, e as formas pulchras lavra.*

*Que todos sintam forte e novo aroma
E possam ver-te magico e diverso
Na opulencia e na musica do idioma.*

Pará.

REMIGIO FERNANDEZ.





CRÓNICA DE ARTE

CONVALESCÊNCIA

ESTOU melhor. Obrigado. Um pouco fraco. Ainda não me recomeço bem. Minhas mãos têm como que uma vida particular, unicamente delas. Ainda não voltei a essa integração de mim mesmo, que é a misteriosa faculdade pela qual a saúde nos veste, sem que demos por ela. A saúde é uma aspiração boa, envolvente, promana da de nós quando estamos sãos. E, como no ectoplasma, aparição que só aos outros é dado perceber. Mas estou muito pobre de forças. Convalesço. Não sou bem eu. Meus sentidos jazem muito longe uns dos outros. Não se podem corresponder. A convalescência não é mais do que isso. Parte-se por aí, num passeio quasi sem vontade, a colher no vasto rosal das sensações, os sentidos, a memória, a razão, a imaginação, a consciência — flores dispersas com as quais comporemos de novo o ramilhete da personalidade. Olhos. Encontro-os de novo! De abertos e fixos que estavam, pela febre e pela dor, movem-se agora, humidos de reconhecimento, a seguir um vulto na penumbra quente do quarto. Oh! meus olhos... Depois, muito réptil, pregão de rua rasteja até junto de mim. Oh! meus ouvidos... Quasi um desejo de sair... Dansar o one-step das caminhadas pelas ruas... Viver de novo. E rápidas, aperitivas, as memórias desenrolam em mim o itinerário da vida. Si me levantasse? O pijama lavado, ressendendo o cheiro fresco da madeira das gavetas, me ensalma a pele, envolvendo-me numa calma florestal. Si fosse rico meus moveis seriam de sandalo, como os do Sardanapalo de Luis Delfino. Oh! meus desejos... Os pés tacteiam enfim, amorosos, sensualmente, o chão. E' bom andar! Sinto que recusaria agora um passeio de automóvel. Após a imobilidade vegetal com que a doença me puniu, vago dentro de mim este orgulhozinho de mover-me por mim mesmo. Ando pela casa. E enquanto os que me cercam se preocupam de verificar os prejuizos que sofri, todo me entrego à observação dos meus ganhos sobre a fraqueza. Caminho. Pelos vidros da janela percebo um vento embaçado, rolando sobre a cidade. O frio, lá fora, como um jacaré inofensivo, está a dar botes nas paredes exteriores

da casa. Procura uma fenda por onde entrar. Sorrio. Não entrará, Fafner de papelão! Mas começo a crer que estou cansado. Todo convalescente anda pouco... Sem dúvida estou muito cansado. Procuro alguém para me queixar da fraqueza. Ninguem. Um despeito faz-me dizer dos meus que são uns ingratos. Deviam rodeiar-me de mais carinho, assistencia. Em vão qualquer demonio-da-vaia me segreda a desimportancia, o passageiro do mal. Não posso estar fraco nem cansado, com apenas tres dias de cama. Mas é preciso sempre exagerar para bem sentir. Os meus são uns ingratos. Si caisse? Ninguem para me erguer. Vou me sentar numa poltrona. Com efeito: não me cansara. E me ponho a sorrir de mim mesmo, muito bondoso, carinhoso para mim.

A gente faz sempre das convalescenças um exagero sentimental. Brinca-se com a doença. A morte já está longe; muitas vezes nem mesmo se deu ao trabalho de pairar sobre o tecto... Nós é que, num desperdicio de sensibilidade, lhe imaginamos o cariz desabrido da frincha das portas abertas sem rumor. Afara essa integração de forças e faculdades, que faz a realidade do convalescer, esforçamo-nos, como, que por um anseio artístico, a criar a parte divertida da convalescença. Estou quasi a afirmar que esta é tambem em grande parte o que os estetas chamam um jôgo. Carlos Lalo, no seu ultimo livro, diz que, ao contrário da vida pública, da vida religiosa, a vida familiar não tem jogos e que por isso a arte se tornou o jôgo de familia. Ora encontro uma quantidade de jogos, divertimentos familiares, instituidos por essa mesma necessidade de exercer e treinar as forças pelas quais a familia vive e se manifesta. Entre êstes jogos alguns são perfeitamente claros: o noivado, os anniversarios de toda casta, as visitas. A convalescença tambem em grande parte é um brinquedo. A gente se diverte a recriar o perigo, a reunir parentes, amigos, e a activar por meio de exageros de molestia ou actos de extravagancia, cuidados, sustos e habilidades familiares. Além disso, o convalescente brinca consigo mesmo, já por essas manifestações, já porque negaceia a vida. O mal partiu. As energias voltam celeres. E o convalescente se faz de rogado. Cede á alegria da saúde. Mas cede aos poucos. Cede negando. Porque? Por jôgo. Esporte. Treino.

Outro efeito curioso das convalescenças é a resurreição de bondade. Sem dúvida ha convalescentes rabugentos, principalmente entre os velhos. Mas não será porque a convalescença desperta nestes a idea de vida grande por viver e porque sabem que para êles isso é uma illusão? Então irritam-se. Têm pressa. Tornam-se impacientes. Rabugice. Mas geralmente só depois de 45 anos. Antes não. A gente sente-se muito bom, disposto a perdoar, a reconciliações. Em mim essa bondade se manifesta principalmente em relação ao passado. A doença é um eclipse na vida. Lacuna que soluciona a continuidade de ser. Recomeçar. Convalescer. Mas ninguem vive sem passado. E' preciso ligar de novo o fio telefonico que a doença partiu e pelo qual as fontes tradicionais nos sussurram á alma o misterio das volições. Penetrei-me de passado, lendo, não os imensos, os genios (que êstes são sempre presente, e leitura cotidiana) mas os de menor grandeza, borboletas dum só dia. Os genios são muito pessoais; sua classica universalidade é demasiado orgulhosa pela rudeza e vulto das lições que apresenta. Não quadram os genios com minhas convalescenças. Os outros, pelo brilho menor e mais transitorio que fagulham, possuem melhor campo onde a bondade se exercite.

Chegando a esta leitura de scisma, ponho-me a pensar que as convalescenças não pertencem unicamente a doenças fisicas. Ha tambem as convalescenças espirituais. O incidente futurista no Brasil... Esse periodo terrível que vem desde meados de 1920 até a Semana de Arte Moderna,

Fevereiro, ainda Março de 1922, não foi senão uma doença grave, gravíssima, que alguns espíritos moços brasileiros sofreram. E que febres! delírios! Houve exageros? Houve. Depois veiu a convalescença. Continuam os exageros? Continuam. Mas têm outro aspecto e, principalmente, outra essência. O abandono brusco de certos preconceitos, que durante muitos anos foram nossa fé, a luta interior entre êles e os novos preconceitos, o insulamento em meio à desestima geral criaram as febres dos primeiros exageros. Que eram êstes? Delírios infecundos. Propositadas quebras da verdade tradicional, só para enraivecer adversários porvindouros; tristeza desesperada, iconoclasta; mania de perseguição em que viamos (vi) na língua indefesa, na pátria indiferente, inimigos que eram apenas moinhos de vento. D'aí esse ferir o idioma, desarticulando-lhe a donairosa proceridade; d'aí essas cargas contra os mestres do passado e raivas contra a terra — acolhedora e reconciliadora final de futuristas e passadistas. Tudo exageros infecundos. Delírios de febre. Agora é a convalescença. De novo a calma. De novo a bondade. Os novos exageros se justificam pela procura de expressão. Fecundidade. Recolhemos os pesados calhaus que atirámos aos ídolos do passado; e com êles fazemos os buris, os escopros, antes machados de pedra, com que desbastar no vasto paredão do tempo o novo ídolo por adorar. Assim: é o esboço dessa escultura que aparece aos vésgos como exagero. São tendências, esforços, soluções, algemas logo abandonadas, outras em evolução. Si em tudo isso muitos veem exageros, a culpa não é nossa, é do vésquear desses muitos. O seu ídolo deles é diferente do nosso. E. Mas nem por isso é deus único. E, em nossa convalescença, não cretinos, nem ignaros, apenas araras os que afirmam nos apliquemos a destruir a enfeitada *Venus* visinha. Agora é Dionisos, dorico e primitivo, que desenha no granito as formas asperas e sem riqueza.

No vasto paredão do tempo os ídolos de arte, esculpidos pela ilusão humana, não se superpõem, sucedem-se. Não é preciso destruir o baixo relevo que representa o Buda duma época, para sobre o esqueleto encarnar feições aztecas de Tezcatlipoca. Seria isso *continuar parado* no mesmo lugar e mesmo tempo. Já o percebemos muito bem, e que no paredão havia mais espaço livre para construir, ao lado de parnasianismo e simbolismo, a jovem Isis-Polimorfa na multidão de Kas diversos, criados pela inquietação contemporânea. E olhamos as estatuas divinas ficadas atrás, junto às quais nossa mirra não fumega ou nosso joelho se dobra, não mais para lhes atirar pedrouços improfícuos, mas para, em nossa bondade convalescente, amar-lhes a lição de erros e conquistas.

Repor-nos-emos assim dentro do tradicionalismo, sem o qual ninguém vive. Tradicionalismo brasileiro? Também. Porque não? pela penetração panteista da terra, pela compreensão histórica da raça e pelo servir-se duma língua, evolutiva, sem dúvida, mas sem exageradas deformações. Nosso tradicionalismo, porém, será principalmente humano e universal. A guerra esgotou nos peitos *modernos* a fonte das rivalidades. E a juventude verdadeira, de todos os cantos do mundo, sem abandonar o conceito de pátria, quer transcender o limite as propriedades restritas, para amar o homem em sua humanidade. Bondosa convalescença! Por isso o elo que nos ligará ao passado é mais uma evolução que continua tendências universais, generalizadas ou generalizáveis, pelas quais, sem abandonar as características raciais, nos universalizaremos. Russos, espanhóis, chineses, tupinambás.

No Marne, preparado para o combate, cantava o poeta alemão Guilherme Klemm —:

"Meu coração sente-se tão grande como Alemanha e França juntas!"

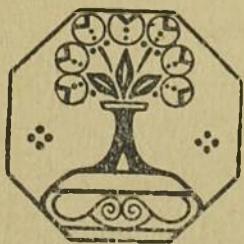
Será preciso ver em nosso tradicionalismo, mais do que a evolução do passado artístico legado ao Brasil por Bilac, Francisca Julia, Raymundo, Alberto de Oliveira, Vicente de Carvalho, o desejo de universalização de corações tão grandes como todas as nações juntas. Minha pobre modestia!...

Ha de facto em nosso *futurismo* quebra de evolução brasileira. E' que, coisa mil vezes dita, durante quasi seculo, com varios lustros de atraso, fomos uma sombra de França. Sombra doirada. Sempre sombra. Nós, os modernistas, quebrámos a natural evolução. Saltámos os lustros de atraso. Apagámos a sombra. Mas somos hoje a voz brasileira do côro "1923", em que entram todas as nações. Poderia documenta-lo. E por isso a solução de continuidade na tradição artística brasileira. Nem o grande Cruz e Sousa e um ou outro decadente simbolista, bastam para justificar nosso presente. Ha, confesso, uma quebra pela qual, aos vesgos, somos chocantes e aparentemente exagerados. Como do academismo e impressionismo anafados evolucionar para Anita Malfatti, num país onde não ecoaram as pesquisas de Seurat, van Gogh, Cezanne? Como de Bernardelli evolver para Brecherec, sem Metzner, Milles, Mestrovic? Hiato. E a grita aflita dos araras. Será preciso noutrios países buscar nossa evolução. Mas nem por isso deixamos de ser a voz brasileira no movimento que hoje se desenha universal. Movimentos assim avassaladores são raros. Renascença. Romantismo. E, em grande parte pela facilidade de comunicação e rapidez actuais, verdadeiramente universal, só o Futurismo, tão mal crismado quanto os outros.

... não é verdade que são lindos estes versos de Luis Aranha?

"A Terra é uma grande esponja que se embebe das tristezas do universo. Meu coração é uma esponja que absorve toda a tristeza da Terra." E as alegrias, os anseios também. Palavra!

MARIO DE ANDRADE





ASPECTOS MODERNOS DA ALIMENTAÇÃO

DA attitude pessimista em relação ao progresso scientifico em geral, e especialmente da biologia, origina-se uma illusão muito frequentemente. Muitos bons espiritos suppõem, por exemplo, que o grosso das leis descobertas por essa sciencia já era conhecido desde remotos tempos. Se assim é, raciocinam elles, e se os sabios já estão armados ha muitos seculos de poderosos meios de investigaçāo, porque ha tanto mysterio ainda relativamente ás funcções dos seres organizados? Porque os clinicos e hygienistas estão ainda tão embaraçados com a cura e a prevençāo dos males? A resposta, concluem triumphantemente, é que innumeros desses problemas são eternamente indecifraveis, e a promessa de resolvê-los é apenas um engodo ao qual se atiram os poucos sagazes.

Tal attitude, muito commun nas intelligencias impregnadas da crença ingenua de que a humanidade teve um periodo aureo de classicismo no qual attingiu o extremo limite do conhecimento, é francamente contraria á realidade dos factos. A élite humana, depois de ter mergulhado durante millenios em cogitações de philosophia e de arte uteis sem duvida porque impulsionaram irresistivelmente a evoluçāo mental da especie, só ha pouco mais de um seculo é que quiz ou, melhor, que poude começar a estudar seriamente a vida. Basta dizer que foi Lavoisier o primeiro a revelar a natureza dos actos chimicos elementares da respiraçāo. Basta dizer que na medicina, a idéa de collocar o ouvido ao peito de um doente, para descobrir pelos ruidos escutados os signaes de doenças, só ocorreu algumas decadas depois a Laennec.

Desde então, que maravilhoso progresso! Os 'espiritos vitaes' que a physiologia antiga fazia entrar no corpo humano e delle sahir alternativamente, como numa casa mal assombrada, foram rechassados definitivamente, e se começou a procurar uma explicação natural para os phenomenos biologicos. "A vida é uma funcçāo chimica", disse o proprio

Lavoisier, e mesmo hoje não é necessário corrigir essa definição, desde que se subentenda que, ahi como alhures, a chimica é apenas um pseudonymo da physica.

As descobertas se precipitaram na segunda metade do seculo passado, e, á sua luz, o organismo são e o organismo doente iniciaram ao mesmo tempo a entrega dos seus reconditos segredos. O impulso continua no momento actual com toda força e nem mesmo a tragica estupidez de 1914 conseguiu moderar o entusiasmo juvenil da biologia, que julga ser possivel em um futuro embora distante, supprimir a fraqueza de vontade na descendencia dos actuaes rebanhos humanos, e impedir-a assim de caminhar acovardada para a destruição e a morte.

O SURTO DA HYGIENE

A sciencia da prevenção tem se aproveitado de todos os conhecimentos accumulados, e seria impossivel resumir aqui todas as grandes victorias que ella vem alcançando nesta ou naquelle cidade, desde 1900. A lucta contra as doenças infectuosas apresenta já episodios brilhantes, deante dos quaes o scepticismo se torna incomprehensivel. A estatistica prova além disso que a média da vida humana já está se prolongando sensivelmente nalguns logares de elevada cultura, onde todas as emprezas publicas e particulares do bem estar geral estão conjugando os seus esforços em prol da saúde.

Ha ainda immensas cousas a descobrir e a fazer. Mas está generalisada entre os investigadores da hygiene a convicção de que, se fossem mais divulgadas as leis por elles descobertas nos ultimos annos, o progresso e a felicidade humanas tomariam um impulso incalculavel. Nos grandes paizes a preoccupação maxima das forças devotadas á saúde publica é, pois, propagar essas leis, por sobre as muralhas dos preconceitos e da incomprehensão. Será difficult entre nós tornar clara a importancia desse trabalho, porque innumeros profissionaes da medicina estão apegados á velha idéa de que a *hygiene é uma simples questão de bom senso*, e sorriem quando se falla do immenso esforço mental que os povos mais cultos estão empregando no estudo dos seus problemas. Entretanto, em qualquer campo restricto da hygiene, como por exemplo, no da alimentação, a investigação scientifica está operando revoluções. Vejamos apenas uma dellas.

OS FACTORES ESSENCIAES NA ALIMENTAÇÃO

As proteinas são, como todo o mundo sabe, substancias azotadas que fazem parte essencial de todas as cellulas dos seres organisados, vegetaes e animaes. Entretanto, só no seculo passado, a chimica, tendo á frente Liebig, o sabio que deu o grande impulso a essa disciplina na Allemanha, iniciou o estudo dellas nos alimentos e nos tecidos.

Como, porém, essas substancias, muito complexas, se acham constituidas, e como elles são modificadas nos alimentos durante a digestão—isto, por mais incrivel que pareça, só vem sendo verificado, com exactidão, ha pouco mais de duas decadas!

A mais extraordinaria de todas as surprezas porém nesse terreno é que, se interrogarmos a muita gente culta sobre quaes as substancias alimenticias necessarias ao nosso organismo, a maioria enumerá, sem hesitação, seguindo a lição dos velhos compendios:

Saes
Agua
Gorduras
Hydratos de carbono
Proteinas

Ora, existe nesta resposta uma falha enorme. A chimica biologica provou á saciedade, nesses ultimos dez annos, que existe uma sexta classe de substancias absolutamente indispensaveis á nutrição, ás quaes se deu o nome de *vitaminas*. Nome impropio, porque prejulga da composição das mesmas, a qual não é ainda determinada. Já agora, porém, será difficil de fazer acceitar a sua mudança.

A descoberta dessas substancias não alterou em nada o que se sabia sobre a necessidade que temos das outras. As plantas formam as suas proteinas, hydratos de carbono, gorduras e saes com os elementos que extrahem do solo e do ar. Os animaes, não; são incapazes disso, e, portanto, ficam obrigados a recebel-os, já synthetizados, dos tecidos dos vegetaes ou de outros animaes.

E' corrente a comparação do organismo animal com o motor de um automovel. O machinismo do motor é formado por proteinas, saes e agua. As necessidades do augmento dos tecidos, na idade do crescimento, e os estragos do machinismo no uso diario, são attendidos por novas doses de proteinas, de saes e de agua. O combustivel, isto é, a gazolina, é representado nos hydratos de carbono, nas gorduras e tambem em parte das proteinas ingeridas. Todas essas tres substancias oxydando-se no organismo desprendem a energia solar que as plantas nellas havia accumulado.

As vitaminas seriam as scentelhas electricas que determinam a explosão da mistura de ar e de gazolina.

Trata-se aqui de uma comparação grosseira, que pretende apenas fornecer um schema, facil de guardar no espirito, da maneira pela qual a physiologia concebe o papel dos alimentos no organismo.

Antes de proseguir, façamos um parenthesis. Entre nós muita gente ha ainda que fica horripilada com essas imagens da vida, por achal-as muito materialistas. De começo, digamos que a palavra *materialismo* hoje não tem mais propriedade desde que os physicos modernos desfizeram o atomo em electrons, e encontraram que estes são constituidos por... movimento, isto é, que são immateriaes. Em segundo logar, quando se compara, por exemplo, o cerebro humano com um motor, nesta comparação estão naturalmente implicitas duas idéas: *primeiro*, de que tal motor tem a sua estructura transmittida *quasi sempre* por hereditariedade; *segundo*, de que essa estructura gosa da facultade maravilhosa de evoluir e de se aperfeiçoar atravez das gerações. Só isso abre uma perspectiva infinita ao idealismo.

Assim, pois, procurar a força numa alimentação sadia, numa vida hygienizada, nada tem de sacrilego, e representa a melhor prophylaxia da degeneração humana e do predominio dos instictos inferiores.

AS PESQUIZAS MAIS IMPORTANTES

Sabido que os alimentos commummente usados pelo homem são em geral de uma composição chimica complicada e contêm misturados proteinas, hydratos de carbono, gorduras, etc., era natural que os pesquisadores se puzessem a investigar se era possivel viver ingerindo essas substancias extrahidas dos alimentos, em estado de pureza chimica. Os estudos começaram mais ou menos em 1909 com Stepp na Allemanha, e Hopkins na Inglaterra. Em

seguida, de 1912 até agora, têm sido effectuados, com mais intensidade, por McCollum, Osborne e Mendel, nos Estados Unidos.

As experiencias foram feitas com animaes pequenos, como ratos, cobavas, aves, etc., porque só com estes seria facil obter uma dosage rigorosa na alimentação, e ao mesmo tempo avaliar os effeitos do regimen por um espaço grande da vida. Sabe-se aliás que sem a experimentação em animaes o edificio de toda a medicina moderna não teria actualmente nem os alicerces...

Os resultados foram tudo o que ha de mais surprehendente: havia uma parada de crescimento caso os animaes fossem ainda novos, havia tambem perda de peso em todas as idades, apresentavam-se diversas outras manifestações morbidas, e por fim a morte. Mas, se no curso da experienca os animaes recebiam, além das substancias purificadas, manteiga, farelo de cereaes, ou extractos desses alimentos, recuperavam a saude e desenvolviam-se normalmente.

Chegou-se então á memoravel conclusão de que na manteiga, no farelo de cereaes e *em muitos outros alimentos estudados posteriormente*, existem duas substancias de composição chimica ainda mal definida, mas cuja presença é absolutamente indispensavel ao bom crescimento e á nutrição em geral. Deu-se-lhes provisoriamente o nome de factores *A* e *B*, ou vitaminas *A* e *B*.

VITAMINA *A*

Esta existe mais abundantemente na manteiga, no crème, nas folhas comestiveis em geral, especialmente no espinafre e na alface, na gemma d'ovo, no figado, no rim, nas cenouras, etc. Ella constitue, de modo geral, o apanagio dos orgãos animaes e vegetaes dotados de maior actividade physiologica: assim os orgãos glandulares nos animaes, e as folhas nas plantas têm-na em quantidade sensivel.

Têm-se observado os effeitos da privação dessa vitamina não só em animaes como em crianças. E' um immenso capitulo novo aberto na pathologia, dentro do qual vão se incluir muitas perturbações infantis de causas desconhecidas até agora. As consequencias morbidas mais divulgadas actualmente são: parada de crescimento, perda de peso, uma susceptibilidade maior ás infecções que se assestam ás vezes nos olhos, produzindo inflamação muito grave da conjunctiva, ás vezes no apparelho respiratorio, produzindo bronchites, broncho-pneumonia e mesmo tuberculose. Os estudos clinicos melhores sobre esse assumpto foram feitos na Dinamarca. Este paiz é como se sabe grande productor de leite, mas a manteiga é exportada em quantidade, de sorte que muitas crianças de menos de um anno tomam o leite desengordurado, e as outras maiores, em logar de manteiga, comem... margarina. Casa de ferreiro, espeto de pau. Essa situação mais se agravou durante a guerra, e assim os deploraveis effeitos se accentuaram. Instruido sobre a causa das doenças infantis aparecidas, o governo dinamarquez interveio no mercado e obrigou á retenção no paiz de maior quantidade de manteiga. As melhoras foram evidentes dentro de pouco tempo.

Mas a vitamina não é sómente um estimulante do crescimento. Ella é necessaria tambem na idade adulta para a manutenção do vigor physico e do bom estado das funcções de reprodução.

McCollum provou, em numerosas experiencias, com animaes, que as femeas nutridas com uma alimentação deficiente nessa substancia tornavam-se pouco fecundas e davam á luz crias debeis.

O mesmo não pode deixar de acontecer na especie humana. Como Campbell notou na Inglaterra, as familias muito pobres se detém muitas

vezes na terceira geração, e isso é ás vezes devido á má alimentação. O notavel scientista americano acima citado chama o leite e as hervas de *alimentos protectores*, porque preservam a vitalidade do homem de diversas deficiencias alimentares, entre as quaes a da vitamina *A*. Elle insiste, e nisso é seguido por todos os investigadores modernos dos problemas da nutrição, para que se faça em todos os paizes um consumo maior *per capita* de leite e de seus derivados. Fixa para o homem adulto a quantidade de um litro diario. E' preciso não esquecer que as crianças devem tambem tomá-lo em abundancia, *mesmo depois do primeiro anno de vida*. A dose de um litro diario deve ser mantida *durante todo o periodo do crescimento*. Cumpre saber que o leite, além de vitaminas, contém calcio e phosphoro, indispensaveis para os ossos e dentes. As hervas, como o espinafre e a alface, acompanham o leite de perto na riqueza dessas substancias, e são, além disso, um preventivo da prisão de ventre, considerada hoje uma das mais importantes causas da deterioração humana.

VITAMINA B

Esta é tambem de grande necessidade para o bom crescimento. As crianças della privadas definham, tornam-se irritadiças, perdem o appetite e apresentam diversas perturbações gastro-intestinaes. Mas a sua falta é sensivel em todas as idades: ella traz uma atrophia accentuada em quasi todas as glandulas de secreção interna. E' o que foi provado pela experimentação no organismo animal.

Hoje está muito accentuada a tendencia para admittir que o factor B é o mesmo a cuja ausencia é devido o beriberi. O beriberi é uma doença muito conhecida no Oriente e no Brasil, mas que tem sido observada em todos os climas. Foi o estudo das suas causas que abriu o caminho ás primeiras descobertas sobre vitaminas.

Na marinha japoneza o beriberi chegava a atacar 40 % do pessoal. Um medico, Takaki, tornou-se convencido, em 1885, de que a causa deveria ser a alimentação quasi exclusiva do arroz. Em consequencia disso, o regimen alimentar da armada foi modificado, accrescentando-se outros alimentos: o beriberi desapareceu.

Em 1896, um medico hollandez, em Java, Eijkmann, que é hoje professor de hygiene em Utrecht, provou, pela experimentação em animaes, que nem toda a qualidade de arroz devia ser incriminada, e sim sómente o *arroz muito polido*, isto é, o arroz em cujo beneficiamento, além da pálha, se lhe tira inteiramente a casca adherente ao grão, isto é, o pericarpo. Ora, a vitamina está justamente nesta casca e sobretudo no embryão que a ella fica adherente, chamado vulgarmente *ôlho*. Os indigenas do Oriente, que gostam do arroz muito branco, adoecem facilmente de beriberi. Nas Philippinas foi prohibido o consumo do arroz nessas condições, e o beriberi desapareceu.

Mas a vitamina B não existe só na casca e no embryão do arroz: ella é abundante no farello de todos os outros cereaes, na gemma do ovo, no figado, no rim, no espinafre, na alface, no leite dos animaes bem nutridos, no feijão, no tomate, etc. As laranjas, uvas e limões tambem a contêm. Especialmente rico é o levedo de cerveja. A carne é pobre, tanto de *A*, como de *B*. Nos estudos feitos a respeito desta substancia nos alimentos, têm sobresalido chimicos notaveis, entre outros o polaco Funk.

Pela exposição acima, deve-se ter comprehendido que as farinhas de trigo e de outros cereaes, muito brancas, muito finas, chamadas de *primeira qualidade*, são as piores, porque ficam privadas da vitamina B, que está no farello e no embryão. Além disso, o farello contém bastante

phosphoro e ferro, e é, como as hervas, um preventivo da prisão de ventre. O uso do pão completo, feito com farinha do grão de trigo inteiro, tende agora a se espalhar nos paizes mais civilizados. O mesmo deve acontecer com o nosso angu' e a nossa brôa de milho, feitos de fubá, no qual o farrello do milho seja conservado em parte pelo menos.

Cumpre accentuar que o beriberi é apenas uma das multiplas consequencias de uma alimentação deficiente em vitamina B. Ha organismos que, submettidos a tal alimentação, podem não apresentar a paralysia ou a inchação do beriberi, e, entretanto, sofrerem diversas outras perturbações graves da nutrição. Tudo depende, como é natural, de uma questão de dosagem e tambem de um coefficiente pessoal não determinado. O que é preciso sempre ter em vista é que não é sómente o arroz polido a causa dessas perturbações: qualquer regimen alimentar pobre na substancia de que tratamos pode lhes dar origem.

ESCORBUTO E VITAMINA C

A classificação na ordem alphabetica dessas substancias não obedece á ordem chronologica da sua descoberta. E' assim que a causa alimentar do escorbuto já tinha sido amplamente verificada em 1912 por dois sabios noruegueses, Holst e Frolich. E' ella a falta da vitamina C, que se encontra principalmente no limão (o limão menos azedo, o chamado *limão gallego*, é o mais rico), na laranja, na uva, no tomate, no mamão, na banana, na cenoura, no repolho, no rabanete, na alface, na batata: nas fructas e nos legumes aquosos em geral.

Aqui um certo faro vinha guiando alguns observadores ha séculos.

O escorbuto assiava a humanidade já no tempo das Cruzadas: elle era commun entre os soldados e prisioneiros no cerco do Cairo. Com as longas viagens para a America e para a India elle começou a dizimar os marinheiros. Conhece-se a descripção impressionante feita por Camões nos "Lusiadas". Não demorou muito tempo a que surgisse a idea de que a causa estava na alimentação dissecada e preparada para conserva nessas viagens. Começou-se a sugerir a necessidade de ter a bordo fructas e legumes frescos, e, pouco depois de 1800, o uso do succo de limão já era obrigatorio na marinha ingleza.

Não ha necessidade de insistir nesses dados historicos. Basta saber que os pediatras mais adeantados aconselham hoje as mães a darem aos seus filhos, *desde os primeiros mezes da vida*, caldo de laranja coado. Começa-se com uma colherinha no primeiro mez, até completar 3 colheres grandes no fim do primeiro anno. Isso impede não só o escorbuto, como outras perturbações mais mitigadas e disfarçadas que tornam debeis a muitas crianças.

CONCLUSÃO

A hygiene tinha até ha pouco tempo se collocado numa posição quasi que só defensiva: ella tratava sobretudo de acautelar o individuo contra os agentes nocivos, vivos ou não. As suas aspirações agora são mais altas. Ella considera que o vigor physico dito normal pode ser estimulado a um grau mais elevado por um regimen sabiamente escolhido. O padrão da vida sadia é variavel conforme a mentalidade do povo. Em tal paiz, a saude normal é a do individuo que vive mais ou menos pachorrentamente até os sessenta annos, trazendo uma obesidade discreta, e comparecendo á repartição diariamente para dar a prosa costumeira. Elle julga cumpri-

dos os seus deveres de cidadão entregando á patria uma prole quiçá numerosa, mas já um tanto mais enfraquecida... Nos logares onde floresce esse exemplar da especie humana, a preguiça não é considerada uma doença, e sim uma attitude não desprezivel de modestia e renuncia.

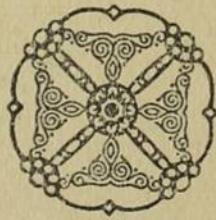
Em outros povos, para o individuo normal exige-se uma actividade maior, e o espirito de ambição e ousadia que alguns biologos anglo-saxonios definiram na palavra *aggressiveness*.

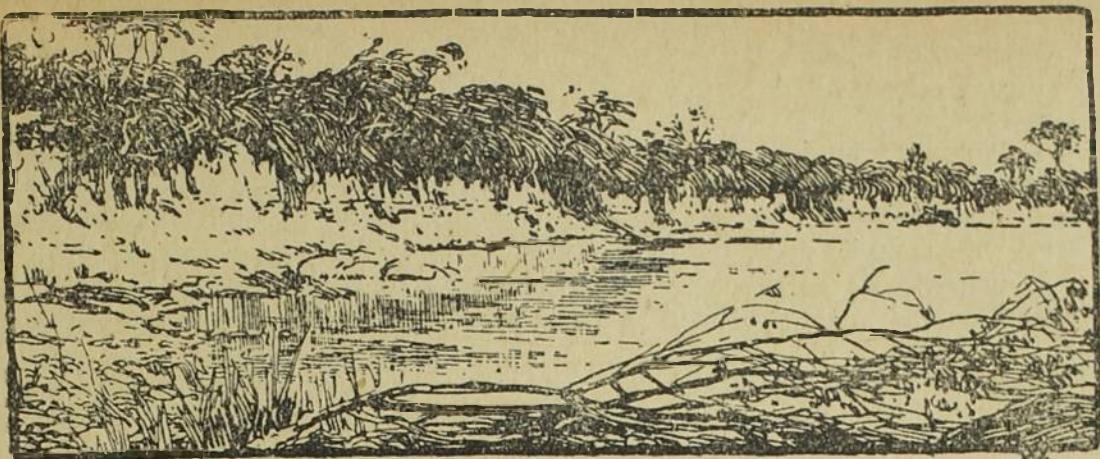
Sem duvida o clima influe muito a esse respeito. Mas o genero de alimentação contribue tambem enormemente — é o que vem provar no nosso seculo as pesquisas inumeraveis alludidas anteriormente. Isso já constitue um grande estímulo aos que se entregam, no nosso meio, á não muito agradavel empreza de vulgarização hygienica.

No Brasil, a nossa alimentação costumeira de carne, feijão e arroz é muito deficiente. A carne, embora seja util sob certos pontos de vista, e em quantidade não demasiada, é pobre em vitaminas e em certos saes. O arroz pela forma em que é usado, idem. O feijão contém a vitamina *B*, mas, como exige uma cocção muito prolongada, uma parte desta é destruida. Entretanto, visto as vitaminas serem apenas um dos factores necessarios á nutrição, e continuarem *absolutamente imprescindiveis*, os outros factores anteriormente citados, isto é, as proteinas, os hydratos de carbono, as gorduras, etc., — convém reflectir que a carne, o feijão e o arroz não devem ser abolidos da nossa alimentação, e sim completados.

E' necessario introduzir no nosso regimen uma maior quantidade de leite e lacticinios, de ovos, de hervas e de fructas. Não precisamos comprar vitaminas preparadas industrialmente. Esses alimentos já as contêm em proporções magnificas, e pode-se dizer a seu respeito o seguinte: quaequer que forem as descobertas a virem, quaequer que forem os novos factores que a intensa investigação scientifica da nossa época trouxer á luz, a necessidade dos mesmos para a completa efficiencia physica do individuo já está provada.

GUSTAVO LESSA





ITINERARIO DESCUIDOSO

*Passos de um peregrino são errantes.
(Academia dos Singulares).*

I

BASILEA

O trem estacou.
A machina, offegante, arquejando, lembra uma féra acossada e rendida, afinal, pelo cansaço.

Salto do vagão e eis-me na velha Basilea.

Consulto o relogio: — nove horas da manhã.

A minha bagagem simplificada, que eu mesmo carrego, poupa-me, na vasta gare metallica, onde uma multidão circula, a espera enervante do despacho de malas.

Da calçada da estação, aceno a um fiacre e, depois de receber do cocheiro a saudação suissa — o *gruzi* usual — mando tocar para o *Hotel dos Tres Reis Magos*, que me seduz pelo seu nome symbolico de hospedaria de romance-folhetim.

Em vez, porém, do albergue sombrio e cheio de mysterios, que a minha phantasia situava no fundo duma viella excentrica, encontro, em pleno coração da cidade, ocupando immenso edificio d'aspecto senhorial, um estabelecimento de primeira ordem, com o seu vestibulo de marmore e o seu *hall* inglez, ladeado do *bar* americano e do indefectivel *grillroom*.

A gaiola do elevador electrico, acolchoada de velludo vermelho, manobrada por um *boy* de libré, guinda-me ao terceiro andar, e não é um sumario quarto de estalagem que me espera, com o seu grabato de ferro, de lençóes suspeitos, e sua mesa de pinho crú, a sua dura cadeira de pau.

O aposento que me offerecem, todo forrado de tapete cinzento, com

as paredes revestidas de cretone de igual côr, apresenta um meio luxo discreto e distinto.

A larga cama de cobre doirado, coberta por espessa colcha azul, de damasco lavrado, assenta sobre um estrado, numa reentrancia da peça, que pezado reposteiro, do mesmo estofo e tom da colcha, por um simples movimento de cordeis, pôde isolar e lançar na escuridão, formando alcova.

O armario, de portas de espelho, encaixado na parede, não atravanca, e a secretaria, de mogno macisso, acentua a nota solida do conjunto harmonico.

Completam este mobiliario sem enfeites superfluos, afóra um par de gravuras em aço, duas fofas poltronas de couro macio, dispostas praticamente, com segurança decorativa, em angulos onde a luz se esbate e perde a insolencia.

Verifico, mais tarde, que tentação ellas constituem ás sonécas da sesta e á beatitude nirvanica causada pelo bom cachimbo quando fumado a sós.

Duas janellas, encortinadas de *etamine* creme, floreada, rasgam para o Rhenô, que corre em baixo, lambendo a cantaria dos alicerces amurallados do predio.

Ao lado, annexa, a sala de banho rebrilha nos seus azulejos claros.

Em face deste conforto consolador experimento o que me atrevo a chamar uma *desillusão agradavel!*

E, sem esforço maior, relego da mente a locanda novellesca, que a minha intoxicação litteraria me fizera suppôr: a locanda dos *Tres Reis Magos*, onde o peregrino fatigado, d'alforge ao hombro e arrimado ao bordão nodoso, galga a escada conducente á mansarda sordida, de cuja trapeira elle divisa atravez do chão de telhados musgosos, as flechas dos campanários e a fita meandrosa do caminho palmilhado.

Installo-me para uma quinzena de ferias, projectando um regalo d'arte no museu de pintura, que encerra, além das mais completas collecções existentes de Holbein e de Arnold Böcklin, as mais ricas salas da Europa em quadros dos primitivos rhenanos, dos mestres da Franconia e dos mestres da Suabia.

Tudo seria perfeito se esta commodidade elegante do hotel não me custasse os olhos da cara.

O meu bom humor, porém, para não desfalecer com a sangria da bolsa, recorreu, inspirado, á doutrina complacente daquella rapariga bonita, que sacrificando na estroinice, duma noite de entrudo, o patrimonio accumulado durante os seus dezoito annos de idade, respondeu, com risonha malicia, aos ralhos da progenitora indignada: ora, mamãe, mais vale um gosto que tres vintens!

Apezar de errar na cifra real do proverbio, o diabrete da menina exprimia, entretanto, uma grande verdade, porque, afinal das contas, vintem mais, vintem menos, não adianta nem atraza ninguem, visto a gente, conforme diz o vulgo, *ter de morrer mesmo!*

E foi com espirito aligeirado de cuidados por esta philosophia elastica, que eu, assobiando, deixei, no banho, o pó da estrada, engorgitei, com gula, um succulento almoço e sahi, depois, alegremente, a visitar a cidade.

* * *

Basiléa não mostra, no exame rapido do nucleo urbano, os dois mil annos approximados que carrega ás costas.

Suas ruas centraes, intimadas a entrar no alinhamento pela esquadria implacavel das edilidades modernas, perdem, dia a dia, a sinuosidade pittoresca do traçado antigo.

Uma geometria monotonica succede ao dedalo curvilineo d'antanho. Enormes paralelogrammos de cimento armado ou de granito plumbeo, vaidosos das suas fachadas emphaticas, vão se apossando da via publica, es-corraçando as construcções originaes, de architectura archaica.

Poucos trechos guardam a chancella heraldica do seculo XVIII e mais raros recantos revelam o sinete do seculo precedente.

Anterior a este periodo, não subsistem sinão vagos vestigios, excepto a cathedral, fulgurante no seu gres vermelho, que enganou Victor Hugo, fazendo crer ao poeta haver sido a casa de Deus borrada com tinta encarnada!

Das fortificações medievas, restam, apenas, tres portas monumentaes; os muros crenelados, com os seus bastiões vigilantes, foram arrasados e o fosso, aterrado, convertido em parque commun.

O burgo feudal, decepado, martyrisado pela picareta municipal, agonisa, com a carcassa em pedaços esparsos e só o quarteirão exiguo, onde se enthrona a *Munsterplatz*, pode evocar ainda um pouco a sua physionomia obsoleta.

Ahi, numa corcova do terreno, duma banda prolongada em terraço que domina as aguas verdes do Rheno, a Cathedral se conserva, angusta e taciturna, apezar do seu telhado polychromo, rodeada de residencias patricias, reflectindo a alma historica do passado, a tragedia religiosa da Reforma.

A chronica tumultuosa dessa igreja veneravel, quasi milenaria, transferida, sinão degradada, do culto catholico para o serviço protestante, é um espelho dos acontecimentos capitaes da vida da cidade.

Monumento reaffirmativo da crença divina, erigido pelo imperador Henrique II, duque de Baviera, para substituir, segundo os vasculhadores de archivos, a capella destruida pela furia das hordas hungaras, este templo magnifico jaz para os fieis, desde o schisma lutherano, como ancora desgarrada para não dizer partida.

Damnificada pelo terremoto de 1356 e, depois, por um incendio, esta matriz precisou de taes reparações, que foi verdadeiramente reedificada e a sua nova consagração realizou-se vinte annos mais tarde, com o fausto da época em taes ceremonias.

O frontespicio gothico, com as suas torres desiguas, a sua imagem da Virgem com o Menino ao collo, as suas quatro estatuas — duas pedestres, a do Imperador Henrique e a da sua esposa Conegundes, duas equestres, a do bom São Martinho, repartindo o seu manto, e a do intrepido São Jorge, lanceando o Dragão — concorda, sem ruptura irritante do equilbrio proporcional, com o que resta do edificio primitivo, de estylo romanico.

O chamado portal de St. Gall, situado no transepto septentrional e ainda do seculo XI, salvo do abalo sismico e escapo das chamas, merece especial referencia.

Sob tres archivoltas successivas, apoiadas em columnetas esbeltas e ao fundo da abobada formada por um arco espesso, um tympano representa Christo, julgando os mortaes.

E' a scena solemne do *Juizo Final*, cinzelada sem inspiração terrorista e onde não figuram, consoante á praxe do tempo, as punições esperadas no dia derradeiro.

Durante o torvo periodo de peste, fome e massacres decorrido dentro desta comprida noite intermediaria entre o lugubre crepusculo da civilisação greco-romana e o clarão da Renascença, o espirito humano, aturdido pelas prophecias sinistras do fim do mundo, viveu alarmado, sob a obsessão do Diabo.

A idéa duma immediata prestação de contas perante Deus, fazia pensar nas penas do Inferno.

E no delirio collectivo, o Mal deixava de ser uma concepção abstracta para se encarnar num ente astucioso e tangivel, que revestia disfarces varios para melhor exercer a tentação e lançar armadilhas.

A iconographia christã apresentava-o sob formas multiplas; porém a mais generalisada era a dum typo hybrido: — homem com feições de bôde, grossos beiços de satyro, olhos de carbunculo, barbicha espetada no queixo pontudo, curtos cornos na testa, azas de morcego, pés de cabra com unhas ganchosas, rabo simiesco terminado por uma cabeça de serpente.

Este personagem extravagante surgia á meia noite e todos temiam o seu encontro na encruzilhada dos caminhos ou na curva das estradas.

A unica arma efficaz contra elle, que o obrigava a fugir espavorido, dissipando-se no ar, era o gesto fortificante traduzido no signal da cruz, *signum Christi*.

A Igreja, visando a salvação das almas na purificação dos costumes, soube se aproveitar deste medo insano, que operou conversões.

A Arte de então, ancilla e famula humilde da Fé, refugiada nos claus-tros, não predicada pela mão profunda dos leigos, mas só exercida por clérigos e posta canonicamente ao serviço da catechese, dirigindo-se a povos semi-barbaros precisava fallar a mais energica das linguagens, a unica, conforme nota Menard, que elles podiam comprehendender: — a do pavor.

Dahi a prodigiosa profusão de painéis, imagens e grupos plasticos, que ornavam os templos, por dentro e por fóra, exhibindo os peccadores a expiar as suas faltas, e os reprobos, condemnados pela irrevogavel sentença, contorcidos entre labaredas sulfureas e garras de monstros, recosinhando em tachões de pez ou a torrar, crispados, sobre braseiros, em grelhas candentes.

O horror produzido por semelhantes supplicios perpetuos enfrenava, quando não corrigia, o impulso das paixões depravadas e a violencia dos instictos brutaes.

Conta uma legenda do seculo nono que o frade Methodius, decorando a sala de festins do palacio de Boris, rei dos bulgaros, teve a audacia de representar a fresco, numa parede, o *Julgamento Final*.

Ao contemplar a bizarra pintura, o Monarca, impressionado e picado por uma curiosidade inquieta, pediu ao artista a significação do estranho thema.

O frade, inflammando pela tocha do Evangelho, espraiou-se com o fervor da eloquencia apostolica e a explicação pathetica da scena produziu tal effeito que Boris renuncia ás frivolidades do mundo, fecha-se num mosteiro e, pela pratica de virtudes edificantes, inscreve o primeiro nome de santo no agiologio do seu paiz.

Talvez se possa, pois, affirmar, sem desmedido topete, haver o Diabo com as suas fornalhas ardentes, prestado á Religião e ao amor do céu aquillo que, em relação a outros serviços, os Santos Padres davam o nome de obra meritoria.

No *Julgamento* do portal de St. Gall, singelo como uma synaxe, nenhum tormento apparece.

Ao alto da composição gravada, em nichos separados, estatuetas de anjos esguios, embocando aquella longa trombeta, que fez ruir as muralhas de Jericó, convocam, atravez do valle Josaphat, vivos e mortos, á barra do Tribunal.

Mas pela suave expressão, cheia de misericordia, do seu magistrado celeste, sentado num faldistorio, e mais pela physionomia conciliante daquella especie de jurados, agrupados, em pé, ao seu lado, a gente sente o palpore que todo o mundo, deste e do outro, vae ser absolvido unanimemente!

Tão placida maneira de conceber o *Julgamento*, sem o quadro cruel da

gehenna, assignala-se, na *Idade-Media*, como não pequena excepção, fazendo lembrar estas flores, finas e delicadas, que nascem entre cardos, no tapume dos campos.

A allegoria referida descansa sobre um baixo-relevo que serve de lintel e cuja escultura reproduz a conhecida parábola das virgens prudentes e das virgens loucas.

O interior do templo, nú, despojado dos seus thesouros e semeado de tumulos, dá impressão de necropole e gela a alma.

Resuscitando a theologia rigorista da Igreja Primitiva, indemne do enxerto dos ritos pomposos do Egypto e cheia ainda daquelle odio mosaico ás estatuas, de que falla a Biblia, o apostata de Wittemberg, cujo sangue saxão dir-se-ia semita, proscreveu o culto da belleza figurada como gerador de ficções despensiveis, formas sensuas do luxo peccaminoso e do materialismo pantheista!

Este aquilão de heresia, que nos paizes lutheranos seccou a inspiração das artes plasticas e evaporou a poesia mystica da pintura religiosa, reaccendeu o tição iconoclasta.

Por toda a parte, açulada, a plebe impia, em demencia, se atirou, de roldão, ao saque dos templos.

Reviveu, por instantes dramaticos, a selvageria da éra das perseguições ao paganismo, quando os monges, assanhados pelos editos imperiaes, irrompiam das suas grotas, desvairados, com as vestes em frangalhos, ululando como chacaes, e á frente de bandos de energumenos esqualidos, invadiam os sanctuarios, quebravam os idólos, arrazavam os altares, matavam os pontifices, trucidavam os arúspices, abatendo as velhas arvores sagradas, incendiando as bibliothecas, calcinando os marmores divinos dos Pheidias, dos Polycletos, dos Scopas, dos Lysippos e dos Praxiteles.

Das igrejas dos cantões da Helvetia, tornados protestantes, o que não pereceu despedaçado nas sedições espalhou-se pelos museus.

O conflicto sangrento provocado pela Reforma, não teve, felizmente, na Suissa, a extensão calamitosa para a arte, que assumiu em outros paizes, como na Flandres, por exemplo.

E as collecções archeologicas poderam recolher, intactos, apreciavel numero de relicarios sumptuosos, de esmaltes limogeanos, de alampadarios de metal nobre, de calvarios de alabastro, de altares portateis de porphiro, de hostiarios de marfim, de missaes cravejados de gemmas, de antiphonarios e breviarios com illuminuras, de thuribulos rendilhados, de pyxedes com lavores raros, de tripticas, de pinturas, de obras de entalhe, de mil objectos, de preciosa ourivesaria, corcernetas ao uso lithurgico.

O retabulo doiro martellado, trabalho inestimável do anno mil e nove e que nos dias de grande festa era exposto no altar-mór da cathedral de Basiléa, vê-se hoje em Paris, no museu de Clouny.

Este famoso baixo-relevo, alto de um metro e largo de quasi dois, da diva imperial de Henrique II á cathedral, possue uma historia, que Prosper Merimée conta num estudo especial.

Quando a Reforma triumphou em Basiléa, no começo do seculo XVI, escreve o autor da *Carmem*, os protestantes zelozos quizeram converter em bons ducados as imagens dos santos papistas offerecidas pelo piedoso Monarca.

Felizmente, o retabulo era considerado, na cidade, uma especie de *palladium* e, por isso, em vez de lançado ao cadiño e vilmente amoedado, foi, apenas, escondido, como lixo sacrilego, no fundo dum recanto escuro do subterraneo da igreja, passada, então, ao novo culto.

O bispo catholico deposto cançou de reclamar a obra d'arte, chegando até a propôr, em troca, a forte somma que lhe deviam as suas ovelhas rebeldes.

Nada, porém, conseguiu o espoliado prelado e o retabulo jazeu encadado, sob sete chaves, durante quasi tres seculos.

Foi preciso uma revolução para que elle surgisse á luz.

Em 1824, continúa Merimée, rebenta a guerra civil no cantão de Basilea, entre a aristocracia burgueza, que governava, e a democracia rural, que se subleva.

A paz só se restabeleceu com a divisão do cantão em dois, cada um com o seu governo autonomo, divisão, seja dito de passagem, que perdura ainda hoje sob a denominação de Basilea — cidade e Basilea — campanha.

Os revoltosos, não contentes com a igualdade dos direitos politicos, exigiram a metade do thesouro cantonal.

Nesta partilha perigosa, o retabulo coube á Basilea — campanha.

Ora, os homens do Estado de Liestall, accrescenta ainda Merimée, eram excellentes arcabuseiros, porém maus archeologos, e, sem deferencia alguma pela memoria de Henrique II, procuraram logo vender, a quem mais desse, o baixo-relevo doiro que lhes cahira nas mãos.

O comprador, o coronel Theubet, originario mesmo de Basilea, mas que servira sob a bandeira franceza, transportou logo a obra d'arte para Paris e sem preoccupação exclusiva de lucro offereceu-a ao governo francez.

Depois de longas negociações, arrastadas durante annos, um ministro de Estado ultimou a compra e o admiravel retabulo foi enriquecer o maravilhoso museu medieval installado na antiga abadia de Cluny.

Feita esta ligeira digressão, na garupa de Merimée, voltemos á cathedral, onde como unica reminiscencia da riqueza de outr'ora, resta sómente, sobranceiro aos bancos alinhados, um pulpito de pedra esculpida, do seculo XV.

Nas collateraes, na absida, no deambulatorio, espalham-se sepulcros, surgem effigies funerarias, destacam-se lages tombaes: — todo um semiterio onde dormem uma imperatriz, um principe, bispos, condes e cavalleiros, o primeiro burgomestre e o primeiro reitor da Universidade, fallecidos, os dois no mesmo anno de 1466.

Uma lapide de marmore marca, tambem, o jazigo de Erasmo, com o seu epitaphio latino fechado por esta palavra, fria e fatidica: — *Terminus!*

Como não ha mais nada que vêr no interior do templo, o visitante passa ao claustro gothico annexo, sob cujas abobadas se abrigam ainda outros tumulos.

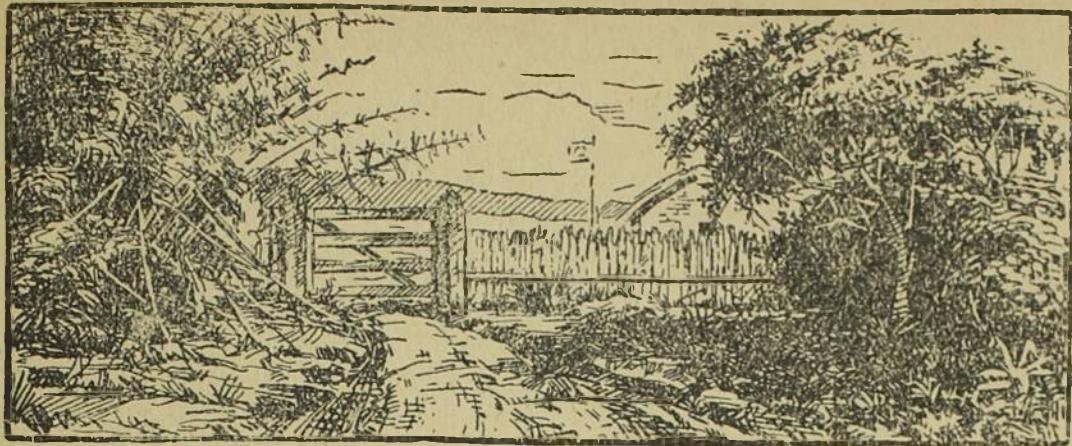
Depois, naturalmente, se encaminha para a grande sala onde se reuniu em 1431, com a assistencia de 500 bispos e cardeaes, o trefego concilio ecumenico, que convocado para expurgar da christandade as heresias husistas, degenerou logo em conciliabulo schismatico, elegendo um antipapa e mantendo, durante doze annos, confusão e discordia no seio da Igreja.

Esta sala, ocupada hoje por uma collecção de biblias e por varios objectos trazidos da Palestina, não apresenta cousa alguma de notavel.

Só resta, agora, ao *touriste* fatigado, descansar á sombra d'um dos platanos que bordam o terraço — o Pfalz — contemplando a tarde pallida descer e descorar a scenographia da natureza circumdante, formada pelas montanhas azeitonadas do Jura, as arestas dos Vosges, uma sinuosidade do Rheno e a massa agglutinada da Floresta Negra, que se embarafusta, ondulante e côn de ardozia, pelo horisonte a dentro.

JOSE' PINTO GUIMARAES.

Julho — 1921.



OPPIATE

RELACOES SANITARIAS ENTRE O HOMEM E O MEIO COSMICO

INFLUENCIA DA LUZ

*De todas as flores, a flor humana é
a que mais precisa de luz. — MICHELET.*

*A luz — eis a confluencia de todos os
fios, eis o fio de Ariane da Vida Uni-
versal. — SEABRA.*

O sol é a fonte perpetua das energias vitaes. Qualquer que seja a forma vital, ella depende invariavelmente do astro-rei. E' ella que provê a todas as formas vivas da materia, ao mesmo tempo em que dirige o grande dynamismo universal. A velha theoria de Hemoltz e Mayr não é apenas uma concepção philosophica da vida; é tambem, sinão um legado, pelo menos um reflexo da crença dos nossos antepassados, dos que erguiam hosannas ao sol como a um deus omnipotente e fecundo.

O culto ao sol na Assyria e Babylonia; a sua perenne adoração entre Phenicios e Persas; a devoção que lhe tributavam os Hyndús e os gregos, os egypcios e os romanos — eram costumes que se iam eternisando, e que provinham da mais remota antiguidade. Helios foi para os antigos o grande deus da Força e da Saude, cheio de bemaventurança, não só capaz de curar o corpo, mas tambem de proporcionar á alma e ao espirito os beneficios magnificos da sua acção renovadora. Eis porque innumeraveis templos se ergueram ao Deus-Grande — templos de adoração universal, para os quaes affluiam os povos supersticiosos, agrilhoados a uma erronea comprehensão da existencia, dominados por uma falsa concepção sobre o papel do sol no concerto universal.

E' que o homem nascia sem sentimento; e receioso do seu proprio des-

tino, egoista, covarde, troglodyta, não aspirava penetrar nos mysterios da natureza, não tinha a menor ambição em desvendar os, em perceber-se a si mesmo, em comprehendender os seus altos designios na terra. Vivia como um intruzo, na mesmice entristecedora de um destino rudimentar. E, si começava a meditar sobre o "porque" da sua existencia, turbava-lhe o entendimento uma falsa idéa da vida, e a mesma dolorosa sujeição moral o compellia a viver como um escravo de si mesmo. E temia o raio, esconjurava o trovão, exorcisava a peste, agrilhoava-se á rocha immutavel de um pessimismo esterilizante; amava Phebus, invocava Serapis, adorava Amaterrasson, engrandecia Appollo; almejava a serena vida celestial, entre o suave sussurrar das preces erguidas a Deus e o seu olhar meigo e indulgente.

Quem chegaria a suppôr que é o sol que faz funcionar a cellula verde de chlorophylla e, dest'arte, entretem as incessantes permutas vitaes de oxygenio e acido carbonico? Que espirito se atrevia a suppôr que o sol é o centro do sistema planetario?

Bem differente o homem antigo, abdicando do seu logar na natureza, enxovalhando-se, apequenando-se, collocando-se na planta mesma do irracionalismo, do homem actual — conquistando a natureza, desvendando-lhe os grandes segredos, suprehendendo-a nos seus espectaculos magnificos, como um Newton, como um Laplace, como um Kepler; ou perscrutando-a nos seus recessos mais intimos, como fizeram Milton e Pasteur, aquelle, cego, ouvindo o rumor dos astros, este attingindo ás culminancias do saber, não bastando, como dissera Huxley, toda a riqueza da França para premiar um só dos seus trabalhos scientificos.

O sol teve, assim, o seu periodo aureo, de gloria e de fastigio, e só na edade media começou a soffrer as hostilidades dos Kabalistas e Occultistas e de todos os precursores da escola de Paracelso.

Com a guerra tremenda que soffreu, cahiu no esquecimento, do qual o retiraram Perci, Ramazzini e Plinio. E da poeira de tantas doutrinas loucas e de tantas conclusões empiricas, renasceu, retemperada e redimida, a Heliotherapia, methodo clinico de indiscutivel valor, despido de preconceitos religiosos, sobre cuja superioridade therapeutica já depuzeram numerosos scientistas de renoime.

Só então Rikli fundara, proximo a Trieste, a cerca de 800 metros de altura, um instituto de applicação solar. O seu estabelecimento impôz o exemplo á Allemanha e a outros paizes civilizados.

Rikli, referindo-se ás applicações de luz solar, disse que ellas produzem uma singular sensação de bem estar e uma animação maior, "uma superior consciencia de si". Em 1903 Rollier, — o dr. Rollier — depois de se reportar aos notaveis ensaios de Bonnet, Turck, Ollier, Poncet, e aos magnificos resultados conhecidos atravez das communicações de Bouccart, Vidal, Revillet, d'entre outros, instituiu a heliotherapia em França, fundando em Leysin a primeira clinica especial de sol.

Quaes os resultados colhidos com as applicações da luz, dil-o o autor do formoso livro "La Cure de Soleil", posto a lume em 1915. Ha nesse livro, não apenas a descripção porimenorizada dos methodos de applicação e dos fructos obtidos; mas uma abundante documentação photographica dos factos alludidos.

Rollier aconselha a exposição lenta e progressiva do corpo: — os pés, as pernas, o tronco.

Em Genebra foram recentemente fundadas sociedades destinadas a vulgarizar as applicações de sol como recurso sanitario; instituiram-se banhos de luz, de ar, de agua, a "vida ao ar livre", entretecida de methodicos exercícios de natação e gymnastica.

A velha galeria de exposição solar de Epidauro, ao tempo de Esculapio, os terraços construidos pelos romanos, a "aeração" usada pelos gregos, que

caminhavam despidos e com os pés igualmente nus sobre a areia quente, ahi estão, representados nos sanatorios de Davos, Leysin, Montreux, e na vida *aerea* de Genebra, apenas accrescidos de preceitos hygienicos e destituidos de influencias religiosas.

Resta saber por que forma actúa a luz solar. Será que estamos incorrendo no mesmo erro que desgraçou a heliotherapia antiga? Para o dr. Carnot, as cellulas pigmentares, cutaneas e sanguineas, absorvem as vibrações moleculares da luz, diffundindo-lhe a energia por todo o organismo. Para o dr. Malgat, especialista de igual reputação, os raios solares têm a capacidade de atravessar os tecidos e actuar profundamente na economia. A questão pôde ser estudada por um prisma differente: pela accção microbicida dos raios solares e pela sua accção vaso-dilatadora. A estimulação directa da epiderme, determinando uma vaso-dilatação, aumenta a circulação e promove um maior aproveitamento de oxygenio. Por outro lado, a accção microbicida da luz exerce seus salutares effeitos nas ulceras expostas, primitiva ou secundariamente infectadas. Mas o sol tem outro papel a desempenhar na natureza viva. E' o de promover as trocas de oxygenio e acido carbonico entre os dois grandes reinos vegetal e animal, e a atmosphera. E' elle que faz funcionar as plantas de chlorophylla e assim permite a provisão de oxygenio na natureza.

Vimos já (Vide "Gazeta Clinica" n. 4 de 1923) como se processa o ciclo do acido carbonico na natureza. Mostrámos que aos vegetaes cumpre manter a renovação do ar, exhalando oxygenio e incorporando acido carbonico.

Mas, que seria das plantas sem a luz? Na obscuridade tambem elles queimam seus hydrocarbonios e impregnam de acido carbonico a atmosphera.

Seria longo referir estas questões todas, que o estudo da accção do sol sugere á imaginação. O que nos interessa é apenas a applicação sanitaria da luz; seria obvio encaral-a sob outro ponto de vista. Demais, quem é capaz de dizer o que é a luz? Ninguem. Nem mesmo Flammarion, que tão profundamente a estudára.

O sol tem tres accções distinctas, demonstraveis ao espectroscopio: accção luminosa, apreciavel pela decomposição da luz em suas colorações differentes; accção thermica, notavel pelas oscillações da camada mercurial ao passar do vermelho para o violaceo; accção actinica, demonstravel pela reducção dos saes de prata sob a influencia das faixas proximas á violeta.

Ha a considerar que os raios ultra-violetas, que alteram os saes de prata da lamina photographica (accção actinica) comparticipam da formação da chlorophylla.

ACÇÃO MICROBICIDA DO SOL — NECESSIDADE DA LUZ

Abrimos, propositalmente, nesta questão, apenas um subtítulo, para n'elle encararmos a luz como uma necessidade vital. Comecemos por estudar a influencia sanitaria da luz, as suas propriedades antisepticas. Rollier assim a descreve: "a heliotherapia realiza todas as condições do tratamento antiseptico ideal. Enquanto que os antisepticos matam quasi sempre a cellula, antes de ter neutralizado a accção dos germens, a radiação solar, por sua accção local e geral, exerce seu poder bactericida salvaguardando a função cellular". Serão verdadeiras essas palavras do insigne observador? Não haverá exagero no paralelo, assim traçado, entre a accção microbicida do sol e a accção homologa das substancias antisepticas? Tambem os raios solares, actuando sobre a epiderme descoberta, não lhes des-

troem, por mortificação, as cellulas de revestimento? A resposta affirmativa se impõe como uma verdade inconcussa. Não se pode admittir para os raios solares uma acção electiva em relação com os microbios. A menos que outras conclusões modifiquem o saber dos nossos dias, a acção do sol é absolutamente generic. Elle actua tanto sobre as cellulas epidermicas, como sobre os microbios, igualmente cellulas. Não ha especificidade de acção. O que ha, é o facto banal de as roupas absorverem parte dos raios da luz solar e pouparem os elementos nobres da economia, e assim tambem os microbios, á actuação luminosa. Não é preciso despir o homem e submettel-o á radiação solar directa, para que sinta os effeitos della?

Que o sol actua como microbicida não ha negar. Nem se pode duvidar decentemente de um facto que é registrado pela observação diaria.

"Pansini, diz Arnould, viu succumbir (em quantas horas succumbiram? — não é preciso dizer-lhe) os bacilos do carbunculo; Pansini e Palmero, os do colera; Janowski e Vincent, os do typho; Buckner e Munck, o bacterio colli; Ledon e Labard o bacillo diphterico; Koch, o da tuberculose; Cattani e Tisoni, o do tetano."

Ha especies pathogenicas que offerecem formas de resistencia á luz solar. Taes são o tetano e o carbunculo, que, por seus esporos, fizeram enormes devastações, sendo encontrados por Chamberlan, Roux e Pasteur, 17 annos depois do enterramento dos animaes infectados.

Ha factores que concorrem para augmentar ou diminuir o poder bactericida do sol. A acção da luz diminue á medida que passamos dos meios liquidos para os solidos. E' no meio aéreo que a sua actuação se faz sentir com maior intensidade, por isso que a atmosphera é facilmente atravessada pelos raios solares.

Disto se deduz que é principalmente nos dias claros, em que o ar permanece rarefeito e permeavel á luz, que a acção do sol se exerce pujantemente sobre os germens.

O mesmo com as aguas, que são tanto mais permeaveis ao sol quanto mais limpidas e mais pobres em elementos organicos.

A acção do sol sobre os microbios é sobretudo thermica. Que ha a tirar desses factos? Medidas hygienicas de indiscutivel valia. Lições praticas de facil applicação na vida collectiva. Boa habitação, edificada em logar previamente examinado, não só no que concerne ao terreno, mas no que respeita á ventilação; arborização, ventilação, bôa architectura, bôa orientação, permittindo sufficiente insolação.

Medidas que prohibam a elevação desordenada dos edificios, uns muito altos, acaçapados outros, prejudicando aquelles a necessaria insolação destes. Largura sufficiente das ruas, de acordo com a radiação em diferentes direcções, de modo que cada predio possa ter o minimo de insolação prescripto por Vogt. Determinação das cores internas dos edificios, das proporções reciprocas dos seus andares. Referindo-se á influencia sanitaria da luz, o dr. Alberto Seabra, a quem sempre rendemos as homenagens da nossa profunda admiração, depois de uma luminosa explanação, refere-se, com entusiasmo, á doutrina microbiana do germe como agente sanitario. E pondera, com o formidavel peso do seu talento:

"Si o sol é bom, é porque mata microbios. Si o banho é util, é porque alija, remove, arrasta microbios. Si o asseio é salutar, é por motivos analogos. Já se vae até confundindo asseio com ausencia de microbios. O microbio é uma idéa fixa da sciencia contemporanea. Matar microbio, ou impedir-lhe o accesso em nosso meio interno, tende a ser, ou é já para muita gente, tudo o que o hygienista deve fazer. No entanto, os gregos e romanos nada sabiam destes infinitamente pequenos e já tinham o banho solar. Os romanos empregavam a agua na vida urbana, com tanta abun-

dancia e largueza, como nunca se viu, e usavam o banho com tão grande conforto, que nunca foi igualado."

Verdade. O dr. Seabra está com a razão. Os gregos e os romanos nada sabiam dos infinitamente pequenos e tinham as suas "arenarias", as suas "heliosis", o seu "salarium". Tinham-nos, entretanto, por adoração ao sol, a quem se dirigiam como a um deus omnipotente e fecundo. Até os negros africanos divinisaram o sol e lhe ergueram templos de adoração.

Contrastando com a celeuma tormentosa dos abyssinios, que jogavam pedras ao poente, povos havia que adoravam o sol, como havia quem adorasse a rã, a pedra, etc.

Demais, a idéa de asseio podia ter nascido, e nasceu de facto, antes da microbiologia. Conhecia-se o efecto, não se conhecia o antecedente, a causa; mas cultuava-se o sol como um agente de saude, de força e até mesmo de belleza.

E porque não o admittir? Tambem nós não temos o nosso Deus? Não o imaginamos á nossa imagem e semelhança? Não lhe attribuimos capacidade de intervir nos negocios humanos? Não lhe attribuimos o raio, o trovão, o arco-iris, aquelles como prenuncio de colera, este como symbolo de caridade? Não lhe attribuimos as epidemias que reinaram na antiguidade, e que nós tomámos como castigos impostos ás populações selvagens?

Não o adoravamos? Não o adoramos ainda? elevando-lhe templos de devoção e piedade?

E assim como vemos em Christo o redemptor dos homens ou o prototypo dos homens; assim como procuramos imitar-lhe a acção, ou ouvirmos os altos conselhos, tomando-o como o proprio Deus, ou simplesmente qual homem, como queria Renan, assim tambem os antigos encaravam o sol como um deus de saude e de força e lhe rendiam o tributo de sua fé e confiança. Os antigos adoravam o sol — uma realidade ardente, uma fonte inexgottavel de energias; nós adoramos um Deus que não vemos, que não conhecemos, que apenas imaginamos, e fazemos-lhe a injuria de o suppôr á nossa semelhança, com os nossos caracteres.

Voltemos á luz. Ella não é necessaria ao homem sómente para seu estímulo physico e moral. Tambem para a vida activa é indispensavel, pois é á luz meridiana que o homem trabalha, realiza as suas aspirações, amanca a terra, lança-lhe a semementeira da vida, e colhe, por fim, o fructo do seu trabalho diuturno. A obscuridade tolhe o homem á liberdade, encarca-o dentro de si mesmo. Não fôra a luz e o homem não se impressionaria com as cousas que o rodeiam, não soffreria a sua magica influencia, não deixaria de ser um animal inferior, de um destino sem epiphio. E' a luz que lhe permite entreter todas as mais elevadas relações com o mundo cosmic, que lhe permite estudar os infinitamente pequenos, na sua vida silenciosa e anonyma, e os infinitamente grandes nas convulsões geologicas e na soberba immensidade dos espaços.

E' a luz que dá ao homem "o pão para a bocca", de que nos fala Tolstoi. Luz! — a natureza viva é toda de luz. Tudo o que vive della depende em linha recta.

"Apagae todas as luzes do ceu — como queria Viviani — e teremos um sudario de morte no cemiterio dos astros cadavericos."

ARISTIDES RICARDO

BIBLIOGRAPHIA

Alberto Ghiraldo — *PRECURSORES* — *Antologia Americana*, volume I, *Renascimento*, Madrid. 1923.

Em boa hora poz a hombros este distincto polygrapho a pesadissima tarefa de organizar, tanto quanto perfeita, uma anthologia de intellectuaes representantes de todos os departamentos do saber na America Hespanhola, nas artes, nas letras, na sciencia, na politica. O presente volume é o primeiro de uma larga serie que se compõe de dezenove volumes, e que levam os seguintes titulos: *Lira heroica*, *Lira romántica*, *Los ensayistas*, *Historiadores y filosofos*, *Musa del pueblo*, *Tradicionalistas y costumbristas*, *Los tribunos*, *Critica contemporanca*, *El verbo nuevo*, *El libro de los cuentos*, *Las ciencias*, *El libro de los ninos*, *Las leyendas*, *Anecdotorio*, *Teatro*, *Hoy* (prosa) e *Hoy* (verso). Como se vê, é uma obra de immensa responsabilidade. Sem embargo, o sr. Ghiraldo, pela sua alta competencia e fino senso critico, leval-a-á a cabo superiormente, a julgar por este primeiro volume "Precursores", o mais difficult, porventura, de todos, e onde estão resumidas as idéas mais caracteristicas de Marianno Moreno, Simón Bolívar, José de la Luz y Cabellero, José de San Martín, José Joaquim Fernández de Lizardi, Dámaso Antonio Larranaga, Camilo Enriquez, José Camilo Torres e José Mejia Lequerica, grandes figuras do passado.

Costa Monteiro — *PATRIA*, versos. — Imprensa Industrial, Recife, 1922.

E' uma pequena collecção de sonetos em que o poeta vasou todos os seus ardores patrioticos. O alexandrino, pela sua amplitude, é o metro que preferiu, e andou bem na escolha, porque o maneja com bastante segurança. Lingua rica, verso sonoro, imagens bonitas, taes os elementos com que compoz o seu folheto, para o offerecer ao sr. Epitacio Pessoa, que, na opinião do autor, segundo parece, é o representante de todos os valores e de toda a grandeza da patria.

Em S. Paulo, felizmente, por parte dos homens de letras, não ha esse culto, que se observa no Norte, aos homens que occupam as grandes posições na politica e na administração. Aqui, o poetastro, por mais rasteiros que sejam os seus vôos poeticos, por mais baixa que seja a sua cotação no mercado das letras, nunca se lembrou de dedicar verso aos poderosos do dia. Verdade é que, em S. Paulo, os politicos não constituem, como no Norte, uma classe aristocratica. Os nossos poetas nunca recorrem á doe-

sia, em forma de ode laudatoria ou de simples dedica, para conquistar os favores dos magnatas. Se entre o poeta e o magnata ha relações de amizade, nunca aquelle lhe dedica versos, receioso talvez de que se cuide que, de envolta com a dedicatoria, transpareça a subserviencia ou algum outro sentimento menos nobre. Os nossos poetas, pois, quando de todo não valham nada, conservam, todavia, essa nobreza.

Não ha muito, um talentoso homem de letras, numa bella conferencia que fez sobre a mulher, na Parahyba, se não nos falha a memoria, citando conceitos que, a proposito da mulher, emittiram alguns grandes genios, invocou os nomes de Shakespeare, Goethe, e outros de igual tamanho, sem esquecer o do sr. Epitacio Pessoa...

Elpidio Pimentel — POSTILLAS PEDAGOGICAS — Imprensa Estadual. Estado do Espírito Santo, 1923.

Cá está uma obra, que, pela importancia da materia que contem, pelo esforço, com que arcou o seu autor para a compor e pelo preço por que foi posta á venda — 20\$000 o exemplar — merecia bem ser offerecida aos estudiosos numa edição, senão elegante, ao menos tratada com mais cuidado. Assim como está, inçada de erros typographicos, o que obrigou o autor a appensar-lhe uma espessa errata em papel vermelho, mal impressa, mal composta, com a brochura deformada pela grampeação, perdeu ella muito do seu valor, tornando-se, com as suas oitocentas paginas de composição cerrada, um calhamaço desgracioso e pesado. Entretanto, a materia que encerra é util, interessante, e nella revela o autor, a par de um estylo claro e fluente, uma orientação segura e profunda do assumpto. O sr. Elpidio Pimentel é um estudioso, e na especialidade a que se dedicou não lhe faremos favor nenhum se o collocarmos entre os que, em nossa terra, são apontados como os mais competentes e sabedores.

Nos primeiros capitulos das "Postillas pedagogicas", estuda o distinto escriptor a pedagogia e educação na antiguidade, oriente e occidente, e edade-media, e fal-o de uma forma interessante, demonstrando a cada passo a notavel cultura do seu espirito.

M. Bomfim — PENSAR E DIZER, Estudo do Symbolo no pensamento e na linguagem. — Casa Electros, Rio de Janeiro, 1923.

Quem fosse julgar do conteúdo da obra deste illustre escriptor e autorizado didacta, pelo titulo "Pensar e dizer", poderia cuidar que era uma obra de critica literaria; mas, attentando no conteúdo, acharia que a materia bem podia levar um rótulo que melhor a especialisasse. Entretanto, "Pensar e dizer", embora pareça um titulo muito amplo, que pôde abranger os mais varios assumptos, é o que melhor enfeixa a complexa, profunda e subtilissima materia que a obra contem, porque toda ella, nas suas quinhentas paginas de composição cerrada, tem sómente como assumpto o pensamento e a sua expressão.

O brilhante escriptor tem-se dedicado especialmente á literatura didactica, e nesse genero, contando com as que escreveu de collaboração com Olavo Bilac, produziu já uma duzia de volumes, todos elles, por muitos titulos, recommendaveis. Este ultimo trabalho pertence tambem ao genero didactico. O sr. M. Bomfim, com aquelle estylo claro, fluente

e elegante que possue, estuda, nesta obra, o symbolo no pensamento e na linguagem, e realizou o seu escopo offerecendo aos estudiosos uma obra de alto valor. A função do symbolo, mecanismo mental dos symbolos, a symbolica das idéas, symbolica subjectiva, symbolos estheticos, a symbolica na litteratura, o symbolo verbal, etc., taes são as theses que o autor desenvolve com profundidade e leveza, com convicção e graça, e, sobretudo, com notavel competencia e raro saber.

Chamamos a attenção dos estudiosos, e principalmente dos homens de letras, para esse trabalho do sr. Bomfim, que é uma mina riquissima de idéas e de suggestões.

Ranulpho Prata — DENTRO DA VIDA — Annuario do Brasil — Rio, 1922.

Está aqui uma obra que dá gosto bibliographar. Excellente por todos os motivos, sincera, rica de todas as qualidades que fazem de um livro algo mais que papel impresso com palavras de engenhoso arranjo.

Um medico de roça narra a sua vida, de começos humilimos e de fim tragicó. Luctou com infinitos de paciencia e foi vencendo com lentidão. Por fim, medico já e bem estabelecido numa cidade de Minas, vem o amor florir-lhe a alma. Maria Candida chamava-se a divina creatura que o enliçou e que lhe traçou uma nova orientação á vida. Amavam-se, amaram-se apaixonadamente, embora a fatalidade lhes impedisse a união.

Filha de morphetico, oriunda de familia dizimada pela morphéa, Maria Candida sabia o fim que a esperava e resistiu a todos os pedidos do moço que o amor cégrara. E viveram amicissimos, lado a lado, entregues á doçura do sentimento até que um dia os primeiros symptomas da horrenda molestia transpareceram em seu lindo rosto. Stoicamente Candida impoz a separação e fel-o jurar que nunca mais a veria.

O moço reluctou o que poude, por fim jrou — e só por cartas inda viveu uns tempos em communhão com a sua amada. Um dia não resistiu e foi á fazenda espial-a ás occultas. E' aqui o lance culminante do drama. Elle que a deixara linda e tinha sua imagem fortemente impressa no coração, viu-a passar.

"O que eu via não podia ser Candida, a doce creatura de minha amizade. Suas feições, tão serenas e meigas, tinham-se avolumado de tal geito que a tornavam horrivelmente disforme. As orelhas muito grossas como que se despejavam e cahiam para deante. Tinham-se apagado as sobrancelhas e as palpebras entumescidas desciam sobre uns olhos mortos, sem brilho, velados pelas excrescencias invasoras dos tuberculos".

Lacinante esta scena e magistralmente descripta, dando a medida das altas qualidades de romancista de raça que é o autor. Estylo correntio, sem defeitos, sem arrebiques, todo plasmado nessa simplicidade que é o segredo de todos os verdadeiros escriptores, Ranulpho Prata é, em summa um perfeito artista do romance e ha tudo que esperar da sua sensibilidade de eleito e da sua penna pura de amaneirados ou vicios da moda.

João G. de Freitas — COMOROS, contos. — Pelotas, 1922.

O sr. João G. de Freitas gosa em seu meio literario de uma justa reputação. E' um escriptor de multiplas aptidões e talentos, e seja qual for o genero que verse, critica politica, theatro ou novella, fal-o com muita liberdade de accão. E' eloquente e imaginoso. Possue um estylo claro e

correntio. Este seu ultimo trabalho, "Comoros", é, porventura, o melhor que tem produzido. E' uma collecção de contos todos muito interessantes, que se lem com prazer.

RECEBEMOS MAIS:

Revista Brasileira de Engenharia, publicação mensal dirigida por J. Pantoja Leite, professor da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro.

Revista de Educação, dirigida pelo sr. Raul de Paula.

Itiberé, mensario de arte e literatura, sob a direcção do sr. Zenon Leite. Paranaguá.

Revista da Sociedade Rural Brasileira, S. Paulo.

A Lavoura, boletim da Sociedade Nacional de Agricultura. Rio de Janeiro.

Rassegna Nazionale, Roma.

Santa Casa de Misericordia, Piracicaba. Relatorio apresentado á Assembléa Geral Ordinaria pelo provedor dr. Coriolano Ferraz do Amaral.

Zoóphilo Paulista, orgam da União Internacional Protectora dos Animaes. S. Paulo.

Boletim da Directoria de Industria e Commercio. S. Paulo.

Caras y caretas, Buenos Aires.

Mercure de France, Pariz.

Revue de L'Amerique Latine, Pariz.

Nação Portugueza, revista de cultura nacionalista, sob a direcção do sr. Antonio Saldanha. Lisboa.

Chacaras e Quintaes, S. Paulo.

Nosotros, a magnifica revista dirigida pelos srs. Alfredo A. Bianchi e Julio Noé. Buenos Aires.

A missão social do medico e da mulher, no Brasil, em face da eugenio. Conferencia lida na Academia Nacional de Medicina pelo dr. Antonio E. de Gouveia. Ribeirão Preto, S. Paulo.

Inter-America, mensario de cultura geral. Nova York.

Revista Academica da Faculdade de Direito de Recife. Imprensa Industrial, Pernambuco, 1922.

La France nouvelle, revue mensuelle, Pariz.

Journal des débats politiques et littéraires. Pariz.

Ateneo de Honduras, dirigida pelo sr. Froylán Turcios. Tegucigalpa.

La Revue de Genéve, Genebra.

Prytaneu, excellente revista dirigida pelo sr. Motta e Albuquerque Filho. Pernambuco.

O estudo, revista de educação e ensino, orgão dos corpos docente e discente do Gymnasio Anglo-Latino. S. Paulo.

Boletim de servicios de la Asociación del Trabajo. Buenos Aires.

La Revue Mondiale, Pariz.

La Chimére, bulletin d'Arte Dramatique. Pariz.

La Revue Hebdomadaire, Pariz.



NOTAS DE ARTE

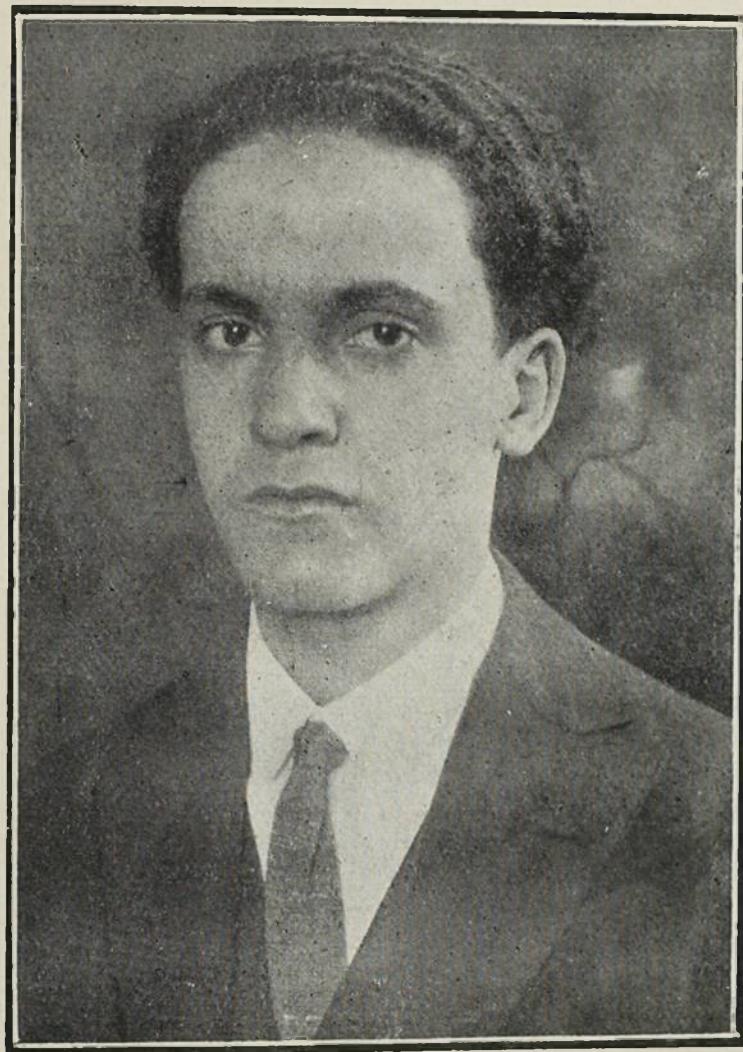
TULLIO MUGNAINI e OSWALDO TEIXEIRA

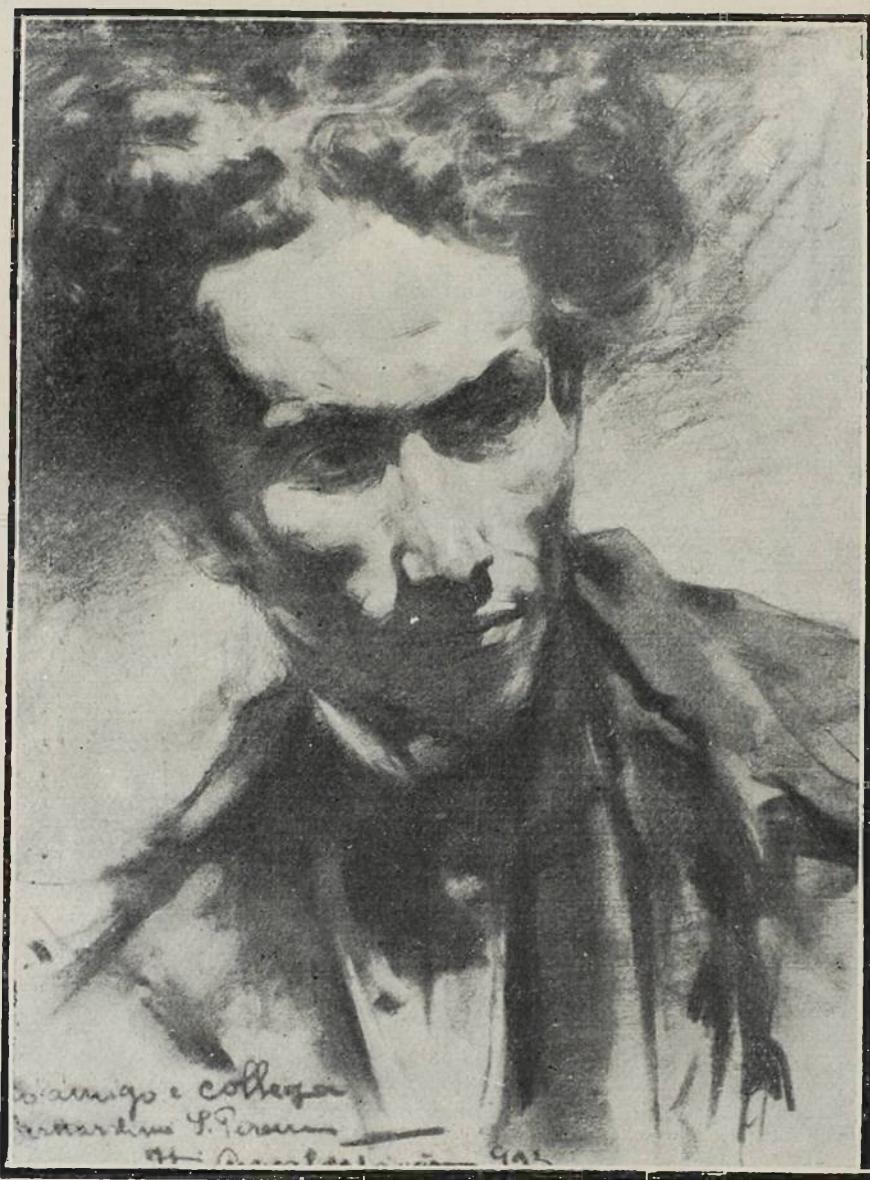
PUBLICAMOS neste numero os retratos e algumas reproduções de telas destes dois artistas, fadados a um posto saliente no mundo das artes.

Mugnaini de ha muito que é carinhosamente acompanhado de perto por todos quantos em S. Paulo curam de arte. Seus estudos são colecionados e disputadas pelos amadores, que sabem o valor que terão um dia. E, de facto. Mugnaini cada vez mais confirma os prognósticos dos que viram nesse um futuro grande pintor, personalíssimo, capaz de uma arte forte, rica de todas as qualidades que distinguem os raros eleitos. Recebido agora no *Salon* de Paris, essa honraria em nada o aumenta. *Salonizado* ou não, Mugnaini é sempre a mesma forte esperança de S. Paulo, sua terra natal, que o descobriu desde cedo e nunca duvidou da sua victoria.

Oswaldo Teixeira é outro excepcional. Mais moço, e menos pessoal do que Mugnaini, tem feito notaveis progressos e já denuncia o artista completo que inculca. Muito trabalhador, convencido de que o caminho é arduo e de que sem luta acerrima não ha victoria duradoura, estuda como poucos e progride a passos agigantados, fazendo prever que nesse o Brasil terá um dos pintores que mais o honrarão amanhã. Publicando algumas reproduções de trabalhos destes dois notabilíssimos artistas, a "Revista do Brasil" rende o preito de homenagem que jamais regateou ao talento verdadeiro, ao esforço e à ausencia de cabotinismo.

OSWALDO TEIXEIRA



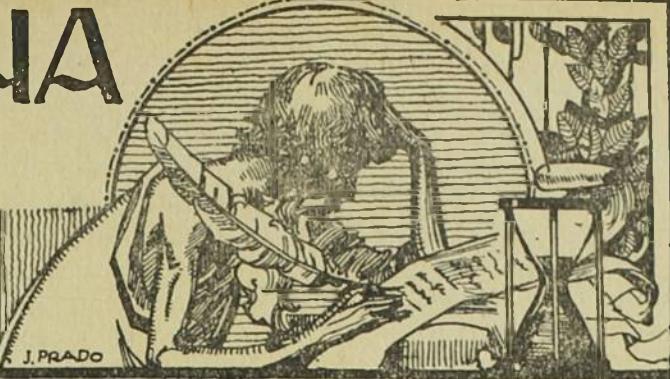


RETRATO

por Oswaldo Teixeira

RESENHA DO. MEZ

J. PRADO



NOTAS LITERARIAS

Do Sr. V. Clavel, director da "Editorial Cervantes", de Barcelona, recebeu o Sr Monteiro Lobato uma honrosa carta, relativa á edição em hespanhol de um seu livro de contos, sob o titulo "El comprador de haciendas".

Della transcrevemos alguns trechos: "Su libro lo hemos publicado con verdadeiro placer y para mi será un motivo de orgullo haber contribuido modestamente a difusion de su excelente obra literaria en Espana y America Espanola. Sus cuentos son verdaderamente admirables y al leer el libro quedé convencido de su gran talento y de sus condiciones de cuentista eminente, muy digno de ser comparado con

Guy de Maupassant. En quanto a la venta de su libro, nada le puedo decir todavía, porque V. sabe lo que cuesta imponer un nombre nuevo en el mercado de libros; pero no temo pérdida alguna".

Está no prelo dos editores Monteiro Lobato & Cia um novo livro de Oliveira Vianna — "Evolução do povo brasileiro", obra valiosa como quantas saem da pena do eminente sociologo que é hoje a grande figura do pensamento nacional. Prova disso está na anciedade com que é esperado esse livro.

OSCAR FREIRE

Tres mezes apenas nos affastam da morte de Oscar Freire, mas são tão nitidos e firmes os recortes de sua acção durante a vida que não nos ha de illudir o entendimento o que houver de paixão, de soffrimento, de amizade consternada no commovido adeus com que, ao seu traspasse, elle foi glorificado em São Paulo, primeiro, e depois na Bahia. Já se presente agora, de um só golpe, pura a força e a belleza de sua obra, fadada á larga historia.

Não lhe foi necessaria uma longa vida para conquistar essa consagração. Aos 40 annos termina um cyclo grandioso de operosidade que daria para encher uma

existencia aproveitada até a extrema velhice. Tudo, porém, em sua vida parece que o estava advertindo da pressa com que teria de passar pela terra. Cedo, muito cedo, a intelligencia abriu-se-lhe em anceios de saber; o estudo o prendeu; e aos 14 annos já estava matriculado na Faculdade de Medicina da Bahia. No quarto anno do curso começa a ensinar; desabrocha em florações promissoras o adolescente, que, se outro fosse, mal teria tempo para começar a aprender... Trabalhos scientificos de vulto, publicados antes da formatura, dão-lhe ao sahir da Escola o respeito e a admiração quasi de um

mestre. Tinha 20 annos. E' o alvorecer para todos; para elle era já o meio dia da vida.

Acontecimento imprevisto elevado em pouco, com a morte do professor Nína Rodrigues, que finou tão moço, ao posto do mestre na gloriosa Faculdade bahiana, depois de experimentada, em memorável concurso, a sua competencia no difficult departamento da medicina legal. Tem pressa. Não ha tempo a perder. Tão vasto era o plano de trabalho a que se propunha no ensino e na organisação da cadeira para que entrava como substituto que os seus collegas o recebem como uma pretenção desmedida de rapaz. Ninguem pôde imaginar, nem mesmo, tantas vezes, seus proprios detentores, os designios a que o destino os propõe. Sete annos bastaram para dar completo desempenho á tarefa a que se entregará. Tomando posse do logar de cathedralico de medicina legal em 1914 já apresenta terminado o trabalho que, por ordem natural, só agora devia começar...

Não descança! Premiado por seus esforços, não se detem um só momento na contemplação de suas victorias; continua a mesma actividade que até então desenvolvêra, redobrada, quiçá, de novas e mais surprehendentes manifestações. São trabalhos que publica, theses que inspira, realizações que efectiva, e os entusiasmos que desperta, a caudal de energias que movimenta e anima em forças irresistíveis.

Aos 35 annos é um nome feito na especialidade que escolhera. As notabilidades regionaes, que tão difficilmente ultrapassam os círculos onde se desenvolvem a sua actividade, tem n'elle, em edade tão moça, uma incontestável excepção á norma habitual. As vibrações de seu renome chegam a todos os nossos centros adiantados e vencem as fronteiras de paizes estrangeiros.

Foi neste momento de seu prestigio que Arnaldo Vieira de Carvalho, num golpe de sua visão penetrante, foi buscar-o para a nossa Faculdade, encarregando-o de organizar a cadeira de medicina legal da escola nascente. O que elle fez em São Paulo, para a Escola que o teve como mestre e para o meio em que pontificou

por cinco annos, não é de se condensar nestas linhas ligeiras.

E' simplesmente assombroso o que este homem formou, desenvolveu como trabalho e sedimentou como saber em tão curta existencia! Correu-lhe breve a vida, mas foi fecunda e sadia em fructos opimos!...

Se elle devia ao talento o alto relevo que o distinguiu, deveu á prodigiosa actividade a sua obra de realisação. Felo sabio a insaciável curiosidade, que lhe trazia sempre attenta a observação e lhe amenisava o estudo dos mais aridos problemas. A leitura era o seu deleite pre dilecto. Tudo lhe interessava e tudo assimilava, sendo prodigiosa a vertigem com que lia, sem nada perder. Em notas de um "diario", a que déra apenas inicio, deixou referido que, certa manhan, entre outras coisas, lera tres volumes de uma obra... Todos os assumptos o prendiam. Reunira nos ultimos tempos, para entretel-o nos poucos lazeres, o que havia de mais interessante sobre a vulgarisação da theoria de Einstein: lera e entendera, e com que lucidez dissertava depois a respeito. Esta ultima circunstancia lhe assignala um traço característico: Oscar Freire tinha necessidade de levar a outros o fruto de seus estudos ou de seus trabalhos. Era professor por tendência natural!...

Em sua biblioteca agia como senhor absoluto tal a segurança com que lhe manejava o opulento material. Trazia systematicamente classificado e fichado o que entendia com a sua especialidade; o mais e pode-se dizer que era tudo, estava sob a guarda de sua prodigiosa memoria. Não tendo em ordem apparente seus livros causava espanto a facilidade e promptidão com que os dispunha para qualquer trabalho. Veio dahi lhe chamar em intimos o gabinete de estudo "o caos organizado". Era de ver, realmente, a segurança com que dentre montes e montes de folhetos, um pouco por toda a parte, tirava o que convinha para satisfazer a uma consulta de momento, e o mais que movimentava para ser copioso em informações sobre o caso, ora appellando para notas pessoaes, ora para um livro, ora para outro, na literatura de todos os paizes. E com que rapidez reunia os dados, unia-os, animava-os, e dava por fim, com

pleto e luminoso o seu parecer! Qualquer que fosse o problema a solução tinha sempre esta forma lucida e abundante, dissesse respeito não só aos seus estudos especiaes, como o assumpto outro, fosse ainda de medicina, ou de arte, de philosophia, de linguistica, de historia, ou até mesmo de direito.

Mostrava particular carinho pelos estudos de nossa medicina patria, que conhecia profundamente como atestam seus numerosos escriptos, e pelas questões atinentes ao ensino superior e secundario, razão que o fez chamado de "consultor geral do ensino" entre seus collegas da Bahia.

Trabalhador formidavel, não era, no entanto, methodico no seu trabalho. Estudando ou produzindo, cuidava sempre de varios assumptos a um tempo, a cada um dedicando, ao sabor das disposições de momento, a sua attenção, por mais absorventes que fossem. Por isso, grande foi o numero de escriptos que deixou inconclusos. Perfeito no que fazia, ninguem lhe perceberia a feição fragmentaria de sua actividade; dava, ao contrario, em todos os seus trabalhos a impressão de um esforço continuado. Dos mais vultuosos mesmo experimentava-se a illusão de que em sua vida nunca de outra coisa tratava fóra da questão em debate, tão profundo era no seu conhecimento, exhaustivo nas citações, copioso no contingente pessoal com que, ás vezes, chegava a dar novo aspecto a uma these consagrada. Estimulava-o a obsessão da verdade completa, verdade que queria sentir, fibra por fibra, em todo o problema e nos seus menores detalhes. Dahi a tendencia sobre tudo analytica do seu espirito. Desconfiava das syntheses nas questões complexas, por entender que era apenas, de commun, um meio elegante, quasi sempre seductor, de mascarar a realidade, que só analyse podia encontrar. Foi este pendor accentuado de sua intelligencia que lhe valeu, em grande parte, os titulos de notavel investigador. Vêem-se claramente estes traços de sua mentalidade em todos os seus trabalhos, bastando citar apenas, como modelos mais vivos no particular, os seus estudos sobre as moscas e sobre a resistencia do arsenico á cremação.

Copioso e lucido no argumentar, agil e presto no rebater ás objecções ficou por

conhecer-lhe a face mais impressionante da intelligencia quem não o viu expor, discutir, sustentando uma idéa.

Com estes contingentes todos, armado de apparelo magnifico da expressão verbal e escripta, ambas fieis e ducteis, não é de admirar a fama que grangeou de professor extraordinario e o renome, que se perpetuará na historia, de homem de sciencia, probo e autorisado.

Para aquilatar das suas qualidades como homem de acção e de energia não é preciso ir além do que elle mostrou em São Paulo; bastaria sómente recordar a pertinacia indefectivel com que se bateu para a criação do Instituto de Medicina Legal da Faculdade e o que trabalhou depois para a sua feitura. Deixou, infelizmente, em meio a obra formidavel que planejára; dá-lhe, porém, de inicio, singular relevo ter sido ella o primeiro passo de effectivação do plano grandioso da futura Faculdade de Medicina de São Paulo, que Arnaldo Vieira de Carvalho aspirava fosse o mais aperfeiçado centro de ensino e estudo de medicina na America do Sul. Quem visitasse o edificio portentoso que se ergue nos altos do Araçá, guiado pelo mestre que o havia delineado, sentindo a segurança do seu plano, sopesado nos melhores deta!hes, senhor das inspirações que o guiaram ou esclarecido da amplitude de seus altos destinos, sabia com a impressão inabalavel de que o sonho de Arnaldo Vieira de Carvalho teria, ao menos na parte affeta ao docente de medicina legal, a mais perfeita realisaçao. Oscar Freire tinha o privilegio raro de movimentar o seu talento com o mesmo desembaraço quer, no alto, na esphera das cogitações theoricas, ou, em campo raso, no terreno da pratica, das realisações fecundas, como se uma e outra coisa se prendessem á maneira dos élos de uma mesma cadeia. Se em face da primeira, justificando o que pretendia, usava a logica do raciocinio para convencer, tinha para a segunda, não raro, a prova incontestavel de obra semelhante realisada, como no caso, a do Instituto Nina Rodrigues, da Bahia, que fundára e dirigira e que é ainda hoje, um modelo de organisação no genero.

Força é, finalmente, que procure traçar de algum modo as feições de sua alma, de homem affectivo. Vazio dos

predicados mais essenciaes, anima-me, porém, á grata tarefa o que elle me deu em intima amizade e constante convivencia. Outro fosse eu, em manancial tão rico, e facil lhe seria agora aquilatar o valor e traçar as linhas encantadoras.

De alguém, seu amigo dos mais intimos, já ouvi dizer, certa vez, que era igualmente grande pelo cerebro como pelo coração. Realmente, não sei de alma mais affectuosa, nem mais nobre, nem mais bondosa do que a desse homem exceptionalmente intelligent. Ao seu contacto, ligeiro ou demorado, nada havia que desse a impressão do grande homem: chão, simples, despreoccupado e prazenteiro, dava entrada em sua convivencia a quem delle se approximasse; e, se afinava com suas cordas, em pouco já lhe occupava logar na estima; mais um passo e já o contasse como amigo. Não supreende, pois, ao contrario facilmente se explica que tivesse sido grande o circulo de suas amizades. E ninguém houvesse como vão o epitheto: amigo! A quem elle lhe desse era capaz de todo o sacrificio, defendel-o-ia com ardor de um irmão, exultaria com as suas vitorias e compartilharia dos mesmos infortunios.

Não era amizade difficult de ser conservada; a franqueza completa e sem rebuços nunca deixaria pairar no espirito de seus intimos o mais leve mal entendido, que é o meio caminho da prevenção, e que tantas vezes, como a ferrugem, corrroe e quebra o aço das melhores affeições.

A facilidade que sentia para dizer acertado o procedimento de um amigo era a mesma que mostrava quando o entendia errado. Por isso, frequentemente, mesmo neste terreno perigoso, accendiam-se discussões acaloradas, que punham em sobre-salto os que lhe não conheciam bem o temperamento, mas que terminavam sempre em boa paz, sem subentendidos nem resabios recalados. No calor do debate podia dizer, fosse o que fosse, sem offendre, pois nunca ninguém lhe descobriria a setta envenenada de uma intenção má escondida. Era recto, claro, ás vezes rude, mas sempre nobre o seu pensamento. Para o companheiro criticado seria, ao contrario, motivo de orgulho e calor e o impeto com que despedia a palavra, onde se sentia o interesse, a dedicação á mostra, a ami-

zade inteira a palpitar e abrasar-lhe as intenções. Estaria nella, vibrante, a prova do seu desvelo: não lhe ouviria jámais uma observação qualquer que não fosse de sua intimidade completa; guardava com os demais, ainda quando admitida boa camaradagem, a reserva intima e inviolavel que só a amizade vence e domina nos corações que formaram juntos raizes profundas.

Não procurava entreter sympathias á custa de elogios faceis, ainda quando esses fossem justos: o horror de parecer insinceros os continha dentro de si. Quem soubesse, portanto, de uma palavra sua de aplauso rasgado, estranho ou companheiro de todo o dia, ficasse certo que era um sentimento que não pudera conter... Detestava o elogio face a face, que chamava de "corpo presente"; muita vez o vi neste embaraço, em que mal disfarçava o desagrado enleado em confusão de que não sabia como sahir. A simples modestia de que foi exemplo perfeito não bastaria para se lhe comprehender esta feição particular; com a convivencia, porém, ver-se-ia nisso, a mais, uma insopitavel exigencia de sinceridade, tal a diferença entre a cordura com que tolerava o aplauso de amigos que lhe não escondiam as criticas menos agradaveis e a contrariedade sempre viva com que o repellia vindo de estranhos e tanto maior quanto estes mais indiferentes.

Como quem busca em tudo a verdade era um torturado da duvida. Não havia problema por mais intrincado que lhe resistisse á critica, extractando-lhe a essencia, entrechocando os prós e os contras da questão, agil e vigoroso, como um malabarista prodigioso da logica, ora descobrindo vida e força numa idéa de ha muito abandonada, ora mostrando longinqua a victoria, onde já parecia tão certa e proxima.

Nada lhe escapava á analyse fina e aguda, e della se valia como de instrumento seguro, nos embates dos pensamentos mais agitados e incandescentes, não a esquecia tão pouco, nos dias agrestes de pessimismo, para o estudo introspectivo e silencioso dos soffrimentos, vasando pelo seu crivo até mesmo esses mil nadas da vida, que, como mariposas massantes, voltejam sobre todas as cabeças. Não resistia a

euriosidade de palpar o segredo da alma humana, buscando alcançá-lo no recesso da propria ou das alheias... Tinha a attracção irresistivel do desconhecido, a aancia, a volupia desse mar movediço de areias que é o dominio das incertezas!

A duvida gerava-lhe a desconfiança. E, em certos momentos, desconfiava de si proprio, de suas forças, de seus meritos, desconfiava de tudo! Era o aviso maximo do seu esgotamento, a existencia suprema de repouso de suas energias ex-haustas, e a que não podem fugir os melhores machinismos. Breve era o descanso, em pouco se refazia; e eis-o novamente no turbilhão em que vivia, ostentando no espirito sadio o mesmo sonho de trabalho, o mesmo ideal e a mesma fé inalteravel no futuro.

A vibratilidade extremamente viva do seu espirito foi certamente o solo propicio em que lhe nasceu a affectividade sensibilissima. Adivinhava-a quem o conhecia apenas; sentia-a, desconcertante, quem o teve como desaffecto, que foi generoso e magnanimo; mas sobretudo a gosou, em suavidades deliciosas, quem lhe mereceu as graças da amizade, e, ao contacto de todo o dia, pôde sentir o encanto e a delicadeza de sua alma, a dôse de tolerancia e de infinita piedade com que julgava os homens, sem lhe alterar a rectidão inflexivel, a fortaleza de animo,

a perfeição e a belleza de todos os sentimentos nobres e elevados que formavam os elementos componentes de sua completa organisação moral.

Viveu sempre dentro de um grande sonho. Era um idealista no mais largo sentido desse termo. Talvez esteja ahi a razão porque viveu contente e se entendeu sempre bem com os moços, para quem, oh, justo premio! dirigi, comovido, como numa despedida, as ultimas palavras que pronunciou em publico.

As aggressões e as injustiças da vida, no convivio com os homens maduros, podiam dar por vezes o arrepio de que iam, tocar-lhe, no alto, o Ideal. Vão temor! Vigilante, lá estava o olhar agudo da aguia. Espalmava as poderosas azas, fendia o espaço em demanda do pincaro de outros sonhos, levando consigo, no seio, o symbolo sagrado para protegel-o da mira calculada dos matadores da fé, espingardeiros de tocaia, amigos da humidade, que o espreitavam cubicosos do fundo das grotas.

Este ideal pairou nos cimos, inacessivel, até o seu ultimo momento. Morreu com elle e por elle; e, talvez, tenha morrido feliz: resignado, ao menos, do que soffreu na terra...

Oswaldo Portugal.

(Da *Revista de Medicina*).

FRANCISCA JULIA

Na arte, como em tudo mais dentro da vida, ha o aristocratico e o plebeu: Leconte de Lisle e Zola, Carlyle e Nietzsche, Byron e Robert Burns. Ambos podem ser magnificos, senhores de poderosos segredos de belleza, de subtilezas de idéa, de prodigios de forma; porém sempre serão diferentes — sacrificando a mesma divindade, sacerdotes do mesmo culto, irmãos no ideal, estarão tão affastados um do outro em triumphos e revezes qual se vivessem em mundos diversos... Cada um sonha e serve á sua maneira.

Francisca Julia é uma aristocráta. Sua arte é uma expressão de arte superior, como synthese e como symbolo. Nella ha o deslumbramento que alfombrou de illusões o passo de Peer Gynt, a

intuição que matou Selysette, e a duvida — essa iniciadora mais fecunda que qualquer certeza — ultima companhia de Brand.

Seu verso é estranho e solitario, interprete da belleza e da bondade, onde quer que as encontre ou presinta. Nelle palpita essa luminosa intuição da verdade, essa paixão febril do irrevulado que sagram seus eleitos entes á parte dentro do mundo — entes cuja existencia alheia á turba, se passa num universo que, á feição dos deuses, criam para seu sonho.

Quem comprehender Francisca Julia pensará, lendo-a, ler alguém vindo de longe, de muito longe, do outro lado do ignoto, de um sem nome onde tudo tem

significação mais profunda, alguém cuja alma inda recorda o esplendor do que deixou atraç, mas cujo coração ama e estima a tristeza encontrada na terra.

Por isso sobre todas as paixões reflectidas em sua arte paira, poderosa e tranquilla, a paixão luminosa da vida.

O sentimento na obra de Francisca Julia é profundo mas calmo — não tem alucinações nem se atira, aos uivos, contra o destino, amaldiçoando freneticamente as forças secretas elaboradoras dos acontecimentos. A poetisa santista amava o irreal, realidade para os sonhadores; apaixonada do pensamento, sabia ser de tortura o tributo que o pensador paga — e sorria... exaltava nessa tortura o bem disfarçado em mal, para abençoar...

Sente-se em todos os poemas dessa poetisa extraordinaria que ella passou pela terra como as criaturas êxiles passam, sósinha, sem encontrar nunca, a uma curva da estrada, alma gemea que a entendesse e pudesse sonhar com ella o grande sonho... E sente-se isso porque toda a sua obra é um tumulto de desespero e angustia, calado numa resignação orgulhosa.

Sua maneira de ser, a feição por que pensava, condenaram-na á solidão. Raros lhe comprehendiam o espirito sequioso do infinito, cheio de fremitos e extases. E' que entre os poetas do Brasil essa poetisa sobresae, não raro, pelo modo pessoal de sentir e pela originalidade de interpretação.

A' musa impassivel, que exora, pede movimento — quer sentir a ebriez da ascenção, *immensidate em fóra* até o desconhecido, onde, num chammejar febril, ladeado pelas horas que Guido Reny engastou na téla eterna, o *aureo plaustro do sol nas nuvens solavanca*. Almeja mais ainda do que fitar os olhos no berço de ouro de Apollo: deseja ir á morada dos deuses e, com elles, mirar, exsurgindo ao olvido, abrindo tumulos e violando *hypogeus, passarem através das brumas seculares os poetas e os heroes do grande mundo antigo...*

Que maior ideal que essa reconstituição prodigiosa de symbolos cultos e lutas extintas, feita na presença irmã dos

immortaes? Isso demonstra que a impassibilidade, como a interpretava a poetisa, é mais serena que impassivel e admitte curiosidade, ambição de conquista, afan de peleja e esplendor de realização...

Capaz de tão larga expansão transcendent, como devia ser rica de vida interior essa criatura cujo subconsciente vibrou á significação real das contingências e cujo coração acolhia emoções alheias, qual se fôra um estuário de paixões e desgraças!

Quão possante a sensibilidade dessa pantheista vibrando a cada farfalho, fremendo a cada gorgeio, amando, enfim, apaixonadamente as expressões multiplices da vida, qual a sacerdotiza pagã da terra, trazendo a natureza toda consubstanciada no proprio sér!

Assim, com o dom feiticeiro de espelear em sua alma a grande alma universal, Francisca Julia, fascinada do mysterio e do absoluto, tinha de soffrer forçosamente a atração inilludivel da India das philosophias e das purificações espirituas.

Quando celebra o homem, busca nas lendas anteriores á Biblia — em Adhamah, o Adão primitivo — aquelle que vai exaltar; e os que amam, como ella amou, o paiz lendario onde o sacrificio e a tortura são prazer e alegria, patrias do principe-mendigo e do poeta-apostolo, berço da renuncia terrestre que é divinização, sentirão passar, vibrante, em cada verso de *Esphinges e Marmores* sopro livre e largo de alfinismo, ensinamento dos Védas que, inda hoje, no silencio dos bosques indús, fortalece e redime o coração dos fakirs e dos illuminados.

Francisca Julia adivinhou quasi o que elles sabem e, em sua passagem por este planeta, alheou-se muitas vezes recordando existencias passadas ou em previsões de vidas futuras...

Essa deslumbrada comprehensão da magnificencia espiritual da India não impedi — e porque o impediria? — que Francisca Julia fosse christã. O christianismo é um syncretismo religioso e, guiada por elle, a artista-pensadora

perlustrou sendas hodiernas e foi beber sabedoria em fontes vetustas.

Sendo christã segundo seu espirito sedento de liberdade, sua crença não lhe deve ter vindo de subito como a revelação, que cegou Paulo na estrada de Damasco, e sim lentamente, flôr de meditação e fructo de consciencia. Não lhe criou por isso limites ao pensamento nem a fechou num carcere de intolerancia. Deu-lhe, ao contrario, a visão piedosa das certezas e das incertezas humanas, apagio de sua arte.

Seu Deus não é o classicó *Dieu de la foudre, Dieu des vents, Dieu des armées* nem um Christo colérico expulsando vadiões, a lategos, do templo, mas um Christo sonhador e melancolico, escravo da volupia de perdoar, que esconde nas dobras do manto divino as mãos feridas, para que os homens se não lembrem de o ter maltratado...

Parece-me que Francisca Julia — sendo embora a maior poetisa do Brasil — não desempenhou a missão de belleza a que veiu. Seus livros, por si grandiosos, não lhe traduzem inteiramente a capacidade artistica. Falta a seu verso a

nota sem igual da expansão completa, o rythmo inconfundivel da poesia que alcança, cantando, a mais perfeita conquista de arte.

Dir-se-ia que Francisca Julia nunca perdoou as inferioridades do mundo, e quiz guardar, para o culto secreto de seu sonho, a mais alta expressão de seu talento. Ou será que ella não tenha presentido, entre as lides e injustiças do meio adverso, toda a possibilidade genial que representava?

Temos porém, desde já combatendo a ultima suposição, a lembrança do orgulho da poetisa e da esplendida confiança com que decantou.

Não servia confusamente, pensava de si para consigo, mas com desassombro e entusiasmo, segura do que legava de bello aos homens.

Tinha razão Francisca Julia pensando assim... De todas as vozes femininas que têm cantado em nossa America, a mais fecunda e duradoura é a dessa poetisa, a quem a Perfeição sorriu, por vezes, numa rima... num verso... num pensamento... cuja arte é a propria alma esquiva da Belleza, feita harmonia...

Rosalina Coelho Lisboa

(“Revista da Semana”, Rio).





DEBATES E PESQUIZAS

O DIA DE TRABALHO E O SALARIO

Insistamos nesta verdade, digna de insculpida no pedestal das aspirações operarias: *O trabalho de cada homem produz mais do que o essencial para que elle viva e se perpetue.* E' proposição que passa como lei sociologica, formulada ou descoberta por Augusto Comte. Mas nunca se soube que fosse ella, algum dia, negada, ou que tivesse jamais sido desconhecida pelos homens. E' uma dessas trivialidades axiomáticas do saber commun.

Na falta de um metro economico, para dar ao capital e ao trabalho a justa contribuição de cada um, na producção em que ambos cooperam, respeite-se, ao menos, a lei acima indicada, dando-se ao trabalho actual aquillo que, visivelmente, lhe pertence, isto é, o minimo de compensação essencial á dignidade da sua vida.

E' preciso ir alem: visto como o trabalho integral do homem, diligente e sadio, produz mais do que o necessario a que se mantenha e se perpetue, a retribuição do capital pelo trabalho comprado deve ser mais do que o minimo de subsistencias do operario e sua familia.

Ou então, para o minimo de subsistencia, é justo que o trabalhador não

seja obrigado a dar o maximo de energia diaria, mesmo sem prejuizo de sua saude e de sua raça. Si lh'a dér, e, com isto, não prosperar, ha pelo menos a suspeita de que o exploram, de que não está "gozando ou soffrendo os resultados bons ou maus de suas acções", mas penando uma insufficiencia economica, por usurpação de um poder mais alto que suas forças.

Dahi o dever do Estado de fixar o salario minimo, não só dos menores, mas de todos os operarios.

Este salario minimo não pode ser inferior ao custo da vida social.

Este salario minimo não implica a venda de todas as horas possiveis do dia de trabalho, pois que, repitamos, os seus productos, mesmo não associados aos trabalhos alheios, excedem á satisfação normal das necessidades irreductiveis.

Dahi o dever da lei em fixar o salario minimo. Prohiba ao operario trocar por menos o seu trabalho. Violencia? "Faz parte da liberdade individual, sem duvida nenhuma, o direito de antepormos a outro qualquer o alvitre mais do nosso gosto, embora arriscado, si os riscos forem nossos. Mas esta noção não se applica ás classes. As classes, licitamente, podem e

devem ser protegidas contra os seus proprios actos quando elles se entrelaçam com as exigencias de conservação da sociedade". (Ruy Barbosa, A Questão Social). Não se trata da observancia de contractos livremente celebrados, mas em "dar, fóra desses contractos, acima delles, sem embargo delle, "por intervenção da lei", garantidos direitos, remedios que, contractualmente, o trabalho não conseguia do capital" (Ruy Barbosa, op. cit.)

A fixação do salario minimo é uma providencia, e não uma oppressão. Bem pensado, nem siquer cerceia a liberdade, porque não é liberdade o poder que contrange o homem a escravizar-se.

Mas, fixando o salario minimo, terá, no mesmo ponto, a lei de fixar as horas maximas do dia, a que este salario corresponda.

Este maximo é, necessariamente, menos que as horas todas do trabalho quotidiano, possivel, dentro do respeito ás condições physiologicas de conservação da especie. Si raiasse na maxima capacidade diaria de energia, a fixação legal das horas de trabalho importaria em desviar, para as algibeiras do capitalista, parte dos productos pertencentes ao trabalho, seria o caso inequivoco do super-trabalho", a produzir "sobre-valor".

Mas, determinando o maximo de horas por dia, para o minimo do salario essencial á conservação da força de trabalho, não vemos porque haja a lei de prohibir ao operario mais de tantas horas de trabalho por dia ou por semana. Aqui as prescripções da lei já não patrocinariam a justiça nas relações do trabalho com o capital. Este estaria razoavelmente assegurado. Este estaria razoavelmente assegurado na fixação do salario minimo em tempo maximo. Ellas visariam, ao contrario, afagando, eternizar a miseria.

Não é esta a opinião dominante nos centros operarios. As organizações syndicalistas assentaram, como conquista mais alta, o dia de 8 horas, e a semana de 48 horas de trabalho. Na conferencia de Washington, realizada por força do tratado de Versailles, o delegado do governo inglez, Barnes, exprimiu com precisão o pensamento do dia maximo de trabalho. "Não se trata, dizia elle, simples-

mente de pleitear uma lei que prescreve um dia theorico de 8 horas de trabalho, com um salario supplementar para as horas supplementares de trabalho. O que se quer é que os operarios tenham lazeres. E' mais o descanso que o salario o que importa".

Attentemos bem nestas razões: "E' mais o descanso que o salario o que importa".

Não ha duvida que o descanso deve ser uma preocupação do operario, para resguardar a sua saude, a energia e o vigor de sua raça. Mas, quando é que os excessos de trabalho se tornam passíveis de amparo legal? E' quando os operarios são livremente constrangidos a executalos, para não morrer de fome. Ahi cabe a interferencia providencial da lei. Mas, si já tenha a propria lei fixado, para menos de 8 horas, um salario justo, que exime o operario dessa contingencia? Não seria, neste caso, tyranica a lei que obrigasse o operario a lazeres forçados?

Replicariam, talvez, com estas palavras de Barnes: "como os salarios são influenciados por muitos outros factores alem das horas de trabalho", o salario supplementar "tenderia a desapparecer no mesmo momento em que começasse a ser pago". O receio procederia, si não houvesse o salario minimo obrigatorio para horas maximas. Com esta providencia legal, porém, o receio é vāo.

Por outro lado, mais do que a obsessão de garantir lazeres, o que importa é assegurar aos trabalhadores meios de logarem a sua independencia economica, meios de virem a ser productores independentes. Não que deva a lei descurar da eugenia, do apuro da raça. Mas a raça não degenera, si deixar a cada trabalhador, depois de assegurada a sua subsistencia, no salario minimo, para tempo maximo, a liberdade de trabalhar as horas supplementares que puder e quizer.

Façamos justiça ás intenções e motivos dos que propugnam, como dogma intangivel, o dia de 8 horas e a semana de 48, ou 44, com descanso dominical. Em primeiro logar, o salario estava á mercê da livre concorrença, e o operario era obrigado a vender-se, para não morrer de fome. Vendia-se por quasi nada, e dava tudo o que podia de trabalho. Era uma si-

tuação horrivel, o captiveiro da miseria. Não podiam os pobres operarios cuidar dos seus deveres de familia, de religião, de sociedade. Não lhes sobrava o tempo. Servos da gleba, ou do capital, viviam, como os animaes de carga, para o serviço de um senhor. Não eram homens, mas escravos com farofa de liberdade. Foi, então, que se entraram de adensar os clamores contra o excesso do trabalho diario. A preocupação do descanso dos lazeres essenciaes aos deveres do homem, dominou os espiritos. A idéa da justiça de remuneração ficava na penumbra. Acima della, urgia humanizar a vida do operario. Comprehende-se, nesta conjectura, a vivacidade destas palavras de Gompers, o delegado operario norte americano na conferencia de Washington: "Si não fosse fixado o dia maximo de 8 horas, melhor seria abandonar o estudo do assumpto, porque os trabalhadores americanos, europeus e dos outros paizes já não consentiriam em trabalhar mais de 8 horas diarias." Em nome dos trabalhadores americanos, estava elle auctorizado a declarar que a semana de 48 horas já não correspondia ás suas aspirações. O que elles pretendem é o dia maximo de 8 horas, com o descanso a partir do meio dia de sabbado, e, pois, a semana maxima de 44 horas.

Como reivindicação contra a absorvencia de todas as horas para um salario que apenas permitte tolerar a vida, o dia de 8 horas é uma conquista liberal contra a qual nada devem os operarios ceder. Mas se se logra esse mesmo salario em menos de 8 horas de trabalho diario, por isto que o trabalho do homem, em 8 horas diarias, excede, naturalmente, ás necessidades do seu sustento, a fixação legal do dia maximo, além da do salario minimo em tempo maximo, é uma tyrannia da lei contra a liberdade do trabalhador. Com ella, o operario vegeta a sua existencia em completa pobreza. Ser-lhe-á quasi impossivel economisar, ajuntar dinheiro, pois que lhe pagam o minimo, e, si trabalhar horas supplementares, no mesmo passo, o "salario supplementar tenderia a desaparecer" no testemunho e previsão do delegado do governo inglez. O patrão saberia aproveitar-se dos pretextos que não faltam, para baixar o nível

do salario de todas as horas ao minimo essencial a que se renega sempre o operario na dureza de salariar-se.

Ao passo que, na formula do salario minimo em horas maximas, menos de oito, com liberdade de trabalhar até a sua natural resistencia, o operario se sustenta com o salario minimo e economiza ou pode economizar com o trabalho excedente ás horas maximas do salario minimo.

As demais razões em que se estribam os apostolos do dia de 8 horas de trabalho, e semana de 48, ou 44, perdem a importancia com a formula de salario minimo para menos de 8 horas.

Uma delas é que, além de 8 horas diarias, o trabalho não rende, o operario perde parte de sua capacidade de trabalho, a taxa geral de producção diminue. Isto é verdade quando se trata do trabalho forçado. Mas si o operario trabalha livremente, por ambição, para criar a sua independencia economica, o caso muda de figura. Pois é o que se verificará na formula que preconizamos.

Um outro argumento é que 8 horas quotidianas é a capacidade razoavel de trabalho. Sim e não. Os homens não apresentam todos a mesma capacidade de resistencia. Este haverá que, no fim de 6 horas, estará exgottado, mas aquelle não se cança com 10 ou 12 horas diarias de dispendio de energia. A cada um pois, naturalmente e livremente, segundo a sua capacidade physica de trabalho.

A verdade é que a prohibição legal de trabalhar além de certo limite, depois de assegurado ao trabalhador o salario minimo, é uma violencia á liberdade, venha da lei, ou, mesmo, das organizações operarias. No locar o operario os seus serviços ao capitalista, depois de assegurada a igualdade entre o capital e o trabalho no exigirem a mesma justiça, pleiteamos a liberdade de trabalho. No dia em que os operarios comprehenderem que a liberdade do trabalho, sobre a base legal do trabalho minimo em horas maximas, menos que o dia normal, é a certeza da sua prosperidade economica, a intransigencia do dia maximo de 8 horas será uma recordação, um marco que ficou atras na sua avançada victoriosa para a liberdade.

Sampaio Doria.

Ji sou um menino
Gordo e corado
Devo tudo ao
Bistonico
Fontoura

BIOTONICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE

J.P.
WESSEL

Biotonico Fontoura

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

Torna os homens vigorosos, as mulheres
fôrmosas, as crianças robustas

CURA A ANEMIA,
A FRAQUEZA MUSCULAR E NERVOSA

AUGMENTA A FORÇA DA VIDA — PRODUZ
SENSAÇÃO DE BEM ESTAR, DE VIGOR, DE
SAUDE — EVITA A TUBERCULOSE

MODO DE USAR:

BIOTONICO elixir

Adultos : 1 colher das de sopa ou meio calice antes do almoço e antes do jantar.

Crianças : 1 colher das de sobremesa ou das de chá, conforme a edade.

BIOTONICO pastilhas

Adultos : 2 antes do almoço e 2 antes do jantar.

Crianças : 1 pastilha.

BIOTONICO injectável

Injectar o conteúdo de uma ampola diariamente em injeção intramuscular.

O Biotonico Fontoura
julgado pela probidade
científica do professor
Dr. HENRIQUE ROXO

Atesto que tenho pres-
cripto a clientes meus o

Biotonico Fontoura
e que tenho tido ensejo de
observar que ha, em geral,
resultados vantajosos. Par-
ticularmente, mais proficuo
se me tem afigurado o seu
uso quando ha accentuada
desnutrição e ocorrem ma-
nifestações nervosas, della
dependentes.

Rio de Janeiro, 10 de
Setembro de 1920.

(A.) Dr. Henrique de Brito Belfot
Roxo

Professor de molestias
nervosas da Faculdade de
Medicina do Rio.

O que diz o preclaro Dr.
ROCHA VAZ, professor
da Faculdade de Medicina

Tenho empregado constan-
temente em minha clini-
ca o

Biotonico Fontoura
e tal tem sido o resultado
que não me posso mais fur-
tar á obrigação de o recei-
tar.

Rio de Janeiro, 10 de
Agosto de 1920.

Dr. Rocha Vaz

Professor de Clinica
Medica da Faculdade de
Medicina do Rio de Ja-
neiro.

O Biotonico Fontoura
consagrado por um grande
especialista brasileiro

Atesto ter empregado
com os maiores resultados
na clinica civil o preparado

Biotonico Fontoura
Rio de Janeiro, 12 de
Julho de 1921.

A. Austregesilo

Professor cathedratico
de clinica neurologica da
Faculdade de Medicina do
Rio de Janeiro.

Palavras do eminent
scientista Exmo. Snr.
Dr. JULIANO MOREIRA

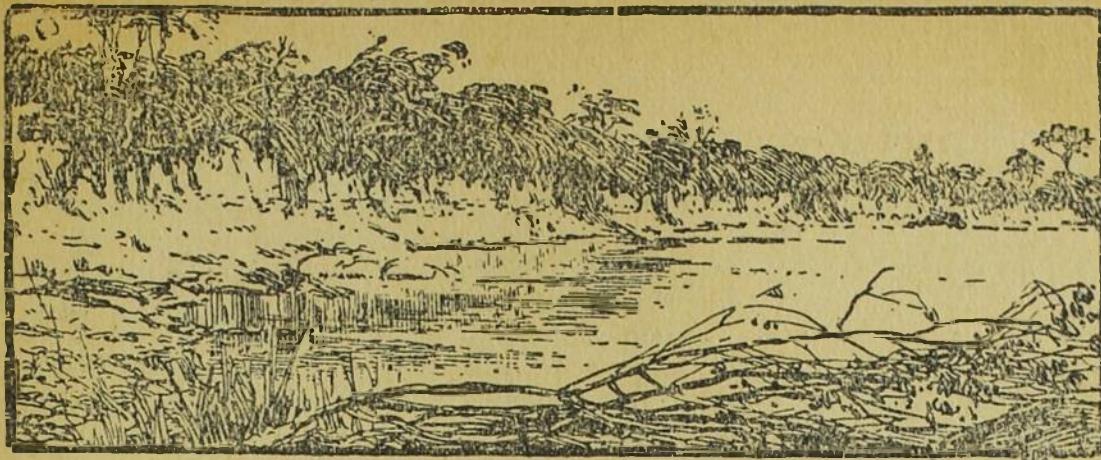
Tenho prescripto a
doentes meus e sempre que
lhe acho indicação therapeu-
tica o

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 20 de
Julho de 1920.

Dr. Juliano Moreira

Preparação especial do "INSTITUTO MEDICAMENTA"
FONTOURA, SERPE & Cia. - S. Paulo



CURIOSIDADES

O UYRAPURU'

Dava o que falar em toda a margem do rio do Ouro, desde a confluencia com o Xapary até ás cabeceiras que por um triz não desaguam tambem no Yaco, a sorte excepcional do Fortunato da Candinha, que colocado num papiry miseravel acima da cachocira do Buraco, fazia mais negocio que muita casa sortida muito regatão abarrotado, estabelecidos ou transitando num curso de quinze leguas.

E todos os que alludiam ao negocio do "cabra" terminavam por frizar a versão corrente de que a Candinha tinha "uyrapurú preparado".

Ah! O uyrapuru'! Quanta coisa inverosimil ou simplesmente absurda, tem-se dito de sua figura e do seu canto que poucos têm logrado a ventura de vêr e ouvir e do prestigio do seu sortilegio de que todos falam, criando-lhe novas fórmas e novas abusões!

Ave rara, quasi microscopica, em dez annos de pervagar pelos meandros selvosos da Amazonia, uma só vez pude vel-a e duas ou tres ouvir-lhe o canto, mavioso assobio que parece tirado em flauta de oiro, pelo sopro

divino de um sylpho errabundo na floresta.

Desgracioso, vulgar de fórmas, pequenissimo, coberto de pennas vermelho-sujas e desbotadas, o rei da harmonia, passa despercebido na ri- quissima variedade ornithologica da Amazonia, que entretanto cresce, lendariza-se com a fabula e a poesia do ignorado cantor.

Da sua existencia de mysterio, só fragmentos de lendas nos falam: que faz os ninhos nos taxizeiros para que as formigas defendam-lhe os filhos, ou matem-nos na sanha que lhes provoca o apparecimento de intrusos; por isso, o não encontrar-se um só exemplar vivo: que quando canta e isto observamos, é facto, ha um silencio quasi absoluto na matta, pois os outros animaes aves não se atrevem a erguer a voz: que os passaros o seguem horas e horas, numa adoração após o canto; que morto e embalsamado, dá sorte a quem o possue desde que não seja o seu matador, a quem succedem males se o conservar em seu poder e, finalmente, que ao cahir morto deve-se observar a posição, pois se fôr embor-

cado é talisman feminino, se de papo para cima masculino e se em outras posições é propicio ao jogo, commercio, etc.

As vezes ein que o ouvi cantar, fôram todas antes do nascer do sol, inda na meia sombra da aurora, poussado na mais alta arvore da redondeza, um cedro gigantesco e erecto.

Após ouvir-lhe as melodias, espanhei-o com um tiro dado a esmo e como da arvore apenas voasse o exemplar que já descrevi, supponho ter visto o uyrapuru'. Entretanto, embalsamado ou disseccado, muitas vezes tenho visto, postos á venda, especimens completamente diferentes daquelle e que julgo passaros diversos fraudulentamente impingidos pelos regionaes.

Uyrapuru'! Misterio e poesia das selvas amazonicas!

Mas, perdido o fio conductor deste trabalho que não é conto e nem mera descripção de um typo curioso de nossa avi-fauna, vejamos se consigo explicar a sympathia que basejava a casa de Fortunato.

Só se lhe vinha do nome. Porque de physico e de maneiras elle era

mesmo o paradigmata da antipathia — bom de genio apenas. Mas a mulher, a Candinha, maximé numa terra onde mulheres contam-se com os dedos, era o que se podia chamar uma joia.

Quasi bella, amavel até aos cumulos da gentileza, sabia fazer admiradores e por consequencia fregueses.

O certo é que, canôas ou batelões, lanchas ou regatões, passantes a pé ou comboieiros, todos faziam parada no porto do Fortunato.

Tal era a sorte da Candinha que um dia, numa rifa em que ignorava ter assignado bilhete, saiu-lhe um par de brincos de valor e tão bellos que um regatão presente offereceu-lhe incontinentemente um conto de réis.

A Candinha recusou — para não perder a sorte. Todos se entreolharam e mais tarde, sob o toldo da pequena embarcação de commercio e pirataria, ouvia-se:

— Ella tem uyrapuru' preparado!...

— E preparado p'ra tudo porque tendo cahido emborcado serve até p'ra jogo!...

Farias Gama.

A FEROCIDADE DOS CROCODILOS

A luta com as feras, para os urbanistas, assume, nos actuaes tempos, uma fantazia, uma fabula, que se não pode explicar no caso de combate corpo a corpo. A fabula, porém, conserva sempre um fundo proximo ou remoto de verdade; parece mesmo que a fabula é o resultado de um facto authentico deturpado no curso da sua divulgação, porque quem conta um conto accrescenta um ponto.

O facto que vamos relatar tem todo o caracteristico de verdade, ocorreu em territorio nacional e além de tudo, não grado de ter sido horrivel, segundo nos informam é frequente acontecer. Antes de entrarmos em apreciação das caçadas, hoje um verdadeiro sport cynegetico, relatamos o caso, talqualmente sucede.

No dia 8 de Junho, no sitio deno-

minado Realejo, no municipio de Santarém, no Estado do Pará, ás dez horas da manhã, no igarapé Aritapéra, o menor Raymundo de tal, de 12 annos de idade, apascentava o gado quando foi atacado por um formidavel jacaré. O terrivel amphibio colheu Raymundo, e zombando da resistencia que este lhe offerecia, o foi arrastando para o fundo do igarapé, onde mais facilmente poderia sacrificar a sua victima. Raymundo embora fraco lutou, lutou com a força impetuosa do instincto de conservação, e em poucos momentos a fera arrancou-lhe o braço direito. Raymundo viu-se liberto do jacaré, saiu do igarapé, correndo e gritando, sendo perseguido pela fera que trazia o seu braço á bocca. Com um sacrificio inaudito, conseguiu o menor trepar num cacauero, fóra do alcan-

ce do jacaré; este collocou-se de bai-
xo da arvore, onde a despeito dos
gritos de socorro do menino comeu
o braço que havia arrancado á sua
Victima. Raymundo, transido de dôres
e de medo, assistiu o jacaré mastigar
e quebrar nos dentes o seu braço. De-
pois, o jacaré ergueu os olhos até on-
de o menor se achava e fixou-lhe um
olhar terrivel tendo as fauces escan-
caradas, como dizendo que estava
prompto para comel-o todo.

Decorreram horas de tortura para o
menor, até que o jacaré resolveu a-
bandonal-o e ir para o igarapé, re-
gressando o menor para casa em es-
tado lastimavel. Raymundo foi leva-
do para Santarém, onde o socorre-
ram o medico dr. Theodorico Macedo
e o intendente coronel Braga. Os jor-
naes do Pará noticiam esse facto que
ali é frequente e commun, não cau-
sando espanto mais a ninguem.

Ha nos grandes rios e igarapés da
região Amazonica enormes saurios
ferozes, que accommettem os incau-
tos e distrahidios que se approximam
de seus dominios.

Não é sómente no Brasil, no nosso
continente que ha desses ferozes ani-
maes; na America Central vive o
"Alligator Punctullatus", na Ameri-
ca do Norte o "Alligator Mississip-
pensis" e o "Crocodilus Americanus", de
Florida.

Nem todos os crocodilos e jacarés
atacam o homem, porém, o crocodilo
denominado tropical é ferocissimo. E'
destes o que reside nas aguas Ama-
zonicas.

Em geral esses amphibios, mesmo
na Marajó, dizimam o gado, cachor-
ros e animaes menores. Quando es-
tão esfaimados, são aggressivos e tem-
erarios; abrem as fauces, erguem
a cauda e andam ameaçadores em de-
manda da sua caça. Possuem, man-
dibulas fortissimas, partindo com fa-
cilidade uma tibia ou um femur de
touro. Não é sómente isso, devoram
tudo que encontram, embora tendo
preferencia por terneiras, cães e ho-
mens, não fazem distincções de ali-
mentos. Em seus estomagos se têm
encontrado pedras, pedaços de metal,
engulidos no afan de devorar.

São protegidos por uma verdadeira
couraça que lhes assegura uma fuga
livre quando atacados por caçadores.
Ha, entretanto, partes do corpo em
que, attingidos, ficam irremediavel-
mente feridos. Uma bala ou bordoada
na ponta do nariz de um jacaré
é sufficiente para pol-o no chão mor-
to ou mortalmente ferido; o mesmo
succede na bocca. Onde tambem as
balas penetram com facilidade é no
peito. Fóra desses pontos as balas
resvalam, ricocheteam, são inuteis,
mesmos os poderosos modernos 44.

No Amazonas a caçada de jacarés
é um trabalho de perigosas aventuras
e ás vezes terminam com a morte de
40 ou 50 saurios. E' preciso muita
gente. A's vezes fazem a caçada mix-
ta a pão e a tiro, encurralando-os
em igarapés rasos, nos quaes não
possam nadar.

Em Costa Rica, onde abundam es-
ses monstros em grande quantidade,
(Rio Grande del Fárcoles) a caçada
é feita a facho e fisga, durante a
noite. Os nativos desse paiz são ex-
ímios caçadores de jacaré, sabem har-
poal-os admiravelmente. Para isso es-
colhem as noites mais densas, e em
pirogas indigenas descem o Rio Gran-
de del Tarcoles, na sua embocadura,
sem fazer ruido, penetrando nas la-
gôas e remansos, em que o rio espraia,
por entre a floresta.

A piroga conduz tres caçadores, o
remador, o harpoador e o encarregado
do facho.

Em dado momento, o homem do
facho o accende e os saurios deslum-
brados pelos effeitos da luz, ficam
como que pasmados. A piroga enca-
minha-se para a fera; a habilidade
está no homem do facho, que não
deve tirar a luz dos olhos do amphibi-
o; a certa distancia o harpoador
atira o harpéo que vae certeiro en-
cravar-se no peito do jacaré, unico
logar onde penetra.

E' uma situação horrivel, tal o es-
forço que o animal faz para desven-
cilar-se da fisga; finalmente é ven-
cido a pauladas no focinho. Para
íçal-o até á embarcação, não é o tra-
balho é o perigo para os caçadores.

E' um perigo a existencia desses saurios, porém, difficilimo se torna libertar as paragens ribeirinhas dos rios e igarapés da Amazonia.

O caso do menor Raymundo não é raro, comodo serve de advertencia aos que trabalham proximos á zona habitada pelos jacarés.

NOSSO PLANETA PODE MORRER DE VELHICE OU DE UM ACCIDENTE

Desde os tempos em que a terra evolvia no espaço, sob a forma de uma nebulosa, o nosso planeta fez bastante progresso. Devemos concluir que, seguindo o cyclo commun a todas as coisas, a terra, depois de ter tido um começo e de ter pouco a pouco progredido, encaminha-se agora para um fim definido?

Sobre isto não ha duvida, asseveraram os sabios.

E' indiscutivel que diversas forças agem lentamente, mas seguramente, para tornar a terra inhabitável ao homem. Entretanto, os seus resultados estão assás longe para que possamos encaral-os com tranquila curiosidade. A menos, bem entendido, que uma causa tão subita como imprevista venha bruscamente pôr termo á historia da terra.

Não menos é verdade que a eventualidade do fim do mundo sempre preoccupou os homens. Unicamente as hypotheses variaram. O *Scientific American* consagra ao estudo destas diversas hypotheses um longo artigo, do qual resumimos aqui os trechos mais curiosos.

A SECCA

A agua é um elemento indispensavel á vida, seja qual fôr a forma em que se apresente, á vida humana particularmente.

Ora, a agua desapparece gradualmente do nosso planeta.

Sabe-se que a agua é um composto de dois gizes: o oxygenio e o hydrogenio. A principio, a terra estava munida de uma quantidade definida destes gizes, que existiam juntos ou separadamente, em diferentes corpos. Nenhum meio exterior, tendo trazido estas matérias, segue-se que a terra conservará a sua provisão de

agua na medida em que guardar o oxygenio e o hydrogenio.

Calculou-se que um corpo da dimensão e da densidade da terra exercia uma attracção sufficiente para reter á superficie todo o objecto que se move a uma velocidade inferior de 11 kil. 040 por segundo. Toda parcela de materia, attingindo uma velocidade superior, achar-se-ha, portanto, liberta e escapar-se-ha no espaço, errando nelle até encontrar uma outra massa cuja attracção será sufficiente para retê-la.

Maxwell demonstrou que a velocidade do hydrogenio era de 11 kil. 840 por segundo, e a do oxygenio, de 2 kil. 880 sómente. A velocidade do hydrogenio, sendo superior em 800 metros á velocidade critica da terra, cedo ou tarde, todas as moleculas de hydrogenio, libertas de um modo ou de outro, adquirirão uma velocidade sufficiente para ir errar nos espaços interplanetarios.

Notemos, para apoiar a teoria, que a velocidade critica da lua é mais fraca que a velocidade de qualquer um dos nossos gizes, e que os sabios declararam que a lua não possue atmosphera.

Do que vemos acima, consegue-se que cada vez que a agua é decomposta nos seus elementos, o hydrogenio e o oxygenio, o primeiro não tarda em tomar o que communmente se chama "tangente", isto é, a desapparecer no espaço. A mais frequente das decomposições da agua é a produzida pela corrente electrica. Ela tem lugar cada vez que uma tempestade de chuva é acompanhada de raios.

Diversas reacções chimicas têm o hydrogenio da agua; assim o sodio, o calcio, o potassio, quando se acham em contacto com a agua, com-

binam-se com o oxygenio e libertam o hydrogenio.

E', pois, indiscutivel que a agua desapparece, pouco a pouco da superficie da terra.

A extensao coberta pelos mares, actualmente, é menor que em qualquer outra epoca do passado, e hoje vias ferreas seguem o leito de rios dessecados.

A INUNDACAO

Se bem que nos pareça paradoxal, não é impossivel que a humanidade se ache, um dia, seriamente incomodada por uma superabundancia de agua.

Os logares elevados da terra são, com effeito, constantemente corroidos pelos phenomenos de erosão, e os materiaes que lhe são retirados vão depositar-se no fundo das aguas.

Não esqueçamos que aqui se produz um phemoneno compensador.

Crê-se que das profundezas da terra parte um movimento destinado a deslocar certas cainadas geologicas, collocadas abaixo dos mares para fazel-as novamente voltar ao seio da terra. Resultaria desta operação uma elevação dos continentes.

Infelizmente, esta elevação seria inferior á corrocção produzida pelas aguas, gelos e ventos; isto porque os materiaes situados sob as massas continentaes tornar-se-hiam cada vez mais densos e diminuiriam de volume.

A continuidade deste phemoneno levar-nos-ia a prever o momento onde as superelevações seriam insuficientes para manter os continentes acima do nivel do mar. O globo inteiro seria inteiramente coberto de um oceano unico, e os nossos descendentes deveriam introduzir profundas modificações, de acordo com a sua existencia, para sobreviverem a essa total submersão.

O RESFRIAMENTO

A hypothese mais geralmente conhecida é a que se baseia no resfriamento gradual do sol.

Depois de crer, durante muito tempo, que o calor do sol era o resultado directo á sua combustão, actualmente é admittido que a maior parte deste calor é o resultado do trabalho feito pela contracção gradual da sua massa. Se nós admittimos a theoria das nebulosas, emittida por Laplace, tambem sabemos que a materia que compõe o sol devia ser, ao começo, diffundida em um espaço tão grande quanto o circumscripto pela orbita de Neptuno. Produziu-se, portanto, uma formidavel contracção que, aliás, continua de modo apreciavel.

Quando o sol se contrair, a ponto de tomar a forma solida, elle resfriar-se-ha rapidamente e não dará mais luz nem calor. Os planetas tornar-se-hão astros mortos, onde reinam as baixas temperaturas dos espaços interplanetarios.

Dizer que a terra acabará por uma das causas acima, equivale a concluir que morrerá de velhice, porém, ella tambem pôde ser victima de um accidente.

A COLLISAO

O accidente mais provavel seria o de uma collisão com um outro mundo.

De tempos em tempos, os astrónomos nos annunciam o apparecimento de uma estrella, onde antes não a havia; ou bem vêem uma estrella sem importancia, tomar um novo fulgor, até se tornar de segunda ou primeira grandeza. Innumeros sóes visiveis passeiam em direcções que nada fixa aos nossos olhos, enquanto astros mortos erram, invisiveis, no espaço. E-se levado a pensar que as vezes se produzem collisões e que o subito encontro de dois sóes leva as suas massas á incandescencia e provoca o apparecimento de uma nova estrella.

Por que crer que a terra esteja ao abrigo de taes perigos? O nosso sol e sua corte de planetas, dirigem-se para a constellação de Hercules, á velocidade de 19 kilometros por segundo. Quem nos diz que algum corpo celeste, ainda invisivel, não estará no caminho?

Em um sistema tão minuciosamente regulado, como o solar, bastaria uma pequena influencia exterior, minima, para tudo alterar seriamente. E', aliás, bem provavel que, muito antes da collisão, toda a

manifestação de vida teria cessado sobre a terra, devido aos cataclismos precursores.

René Bétourné

("O Paiz", Rio).

UM LIVRO DE VIAGENS

Em S. Paulo, onde costumo cair de vez em quando, por instinto magnetico, quando se afrouxa a gravitação dos trabalhos que me prendem ao Rio de Janeiro, encontrei numa livraria allemã o pequenino e curioso livro de Colin Ross, sobre a America do Sul.

São pouco mais de trezentas paginas com illustrações photographicas intercaladas entre as folhas de papel de guerra, que é ainda hoje o material commun de impressão, e trazem o titulo que recommendo aos que se interessem: *Sudamerika, die aufsteigende Welt*.

Pertence o livro a essa literatura de films, que corresponde exactamente á falta de tempo de que sofre a carcassa humana sem elasticidade e atrazadissima deante das suas proprias obras de velocidade: o auto, o telegrapho, o avião...

Bem considerado, o homem está atrás de si mesmo uns cem annos.

Que havemos de fazer para nos ajustarmos a essa vertigem?

* * *

Voltemo-nos para o livro de Colin Ross.

Cá vem o viajante e para que? Veiu, elle o diz, na portada do livro, como pioneiro a ver a terra nova onde poderiam os seus compaheiros achar o pão e a vida que a grande guerra lhes roubara.

O pioneiro, porém, logo teve uma breve decepção. A sociedade americana é a mesma européa, com hierarchias de nome differente, mas igualmente oppressivas, sem aquella igualdade social que um mundo inteiramente novo poderia offerecer.

A America e a Europa formam uma unidade de civilização, com a

só diferença que a primeira possue todas as possibilidades de thesouros já esgotados na outra. A America será a renascença viciosa do velho continente.

Como quer que seja, para Colin Ross é um mundo que surge agora (*die aufsteigende Welt*), com a finalidade de substituir e continuar o mundo antigo.

C. Ross percorreu quasi toda a America do Sul, informou-se da vida rural e urbana, das questões do trabalho. Aqui veiu encontrar as mesmas doenças das greves e das reivindicações sociaes.

Fóra disto, o mais ou quasi tudo era novo e admiravel pela natureza ou pelas intenções do homem.

Ainda a bordo do — "Frisia" — admirava-se da gentileza de alguns brasileiros para com o viajante allemão quasi suspeito:

— Por que, então, perguntou elle, entraram os senhores na guerra contra a Alemanha?

— "Isso foi uma coisa com que o nosso povo nada tinha que ver, responderam-lhe. Foi apenas um negocio que fizeram os nossos politicos com a Inglaterra e os Estados Unidos."

E achou sinceridade na resposta.

* * *

As paginas que C. Ross escreveu sobre a vida dos teuto-brasileiros, no interior do paiz, embora não nos revelem coisas novas, confirmam idéas e factos que alguns de nós ainda põem em duvida.

Os colonos allemães do Brasil (diz elle), mesmo ao cabo de tres gerações, continuam allemães. Não falam sequer uma palavra do portuguez e, muitas vezes, frequentemen-

te, no meio delles, tive de servir de interprete.

E accrescenta que os "brasileiros nada fazem para os assimilar". Os nacionaes são considerados estrangeiros (Freinden). De nenhum modo pensam os allemães americanos em possivel annexação á mãe patria; e, essa suspeita só serviu para fazer máu sangue e criar prevenções injustas durante a guerra.

"Os teuto-brasileiros são seres equivocos, soffrendo interiormente de intima discordia. Não são brasileiros, mas ainda menos são allemães: da velha patria herdaram apenas tradição e a vida sentimental".

"Os teuto-brasileiros do Rio Grande se não são brasileiros, são rio-grandenses, e para falar mais exacto, são sâo-leopoldenses, novo-hamburgenses... isto é, são colonos municipalistas das suas colonias".

Esse particularismo explica-se pela vida economica, e não civica, que os define. Pertencem ao torrão e não á terra.

O governo ordenou que nas escolas allemãs se ensinasse o português. Assisti uma vez a uma dessas aulas na floresta. Dava-se a lição de arithmetic e o mestre questionava successivamente em allemão e em portuguez; mas as crianças só conheciam de casa o allemão e o proprio mestre pouco sabia do português".

O casamento, que seria o meio mais efficiente da assimilação das duas raças, não é praticamente appetecido, porque a mulher brasileira tem pretenções e exigencias que molestariam ao mais paciente allemão.

Com o correr do tempo, esses equivocos e diferenças naturalmente vão desapparecer e teem já desapparecido nas grandes cidades, onde a pressão é mais alta.

* * *

Depois de andar pelas terras do sul, pelas colonias e pelas fazendas de café de São Paulo, cujo progresso intenso admira, chega o nosso viajante ao Rio de Janeiro.

E' um deslumbramento. A grande cidade dos tropicos produz-lhe impressão profunda. Assim, começa o capitulo sobre o Rio, com essas palavras do Evangelho:

"E levando-o ao mais alto dos montes, mostrou-lhe o diabo todos os reinos do mundo e a soberba gloria delles."

O pionero sentiu essa fascinação do demonio. Tudo ali estava aos seus pés, tudo que o mundo podia reunir de seducção.

"O Rio de Janeiro é, talvez, a cidade mais bella do mundo. Isto é já sabido e tantas vezes escripto, que seria ocioso perder inuteis palavras. Ainda mais, não devo tornar agora a empresa de descrever tamanha formosura, porque ella excederia a medida e a narrativa."

Contudo, o autor fala com entusiasmo das montanhas senhoris que emmolduram a cidade, da agua, do céo e do sol que a illumina, das palmeiras, das avenidas importantes dos autos, do movimento humano.

"De nenhum modo, diz elle, faço minhas as malevolas palavras argentinas que dizem do Brsil: *La natureza todo, los brasilenos nada.*

São palavras perversas e falsas. A cidade é não só a mais bella capital, é a primeira cidade de banhos, e tão salubre hoje como outra qualquer que o seja em todo o mundo. E será inda a "mais bella", a mais fantastica, mais grandiosa", quando em tempo ainda proximo se completarem as suas perfeições incomparaveis, que o homem ahi inciou com grande magnificencia.

Pareceu-me que não fazia mal divulgar esse dithyrambo de um pionero que viu Nova York, Chicago, Buenos Aires e as grandes cidades européas.

Divulgemo-lo, sem vaidade, para abrandar um pouco o nosso pessimismo.

Estuguemos o passo para alcançar a cidade que já vae adeante de nós.

João Ribeiro

("Gazeta de Notícias", Rio).

COMO ESCOLHER UM BOM MARIDO?

No Congresso Feminino, ha pouco reunido nesta capital, o dr. Renato Kehl, conhecido eugenista, leu uma interessante memoria sobre a maneira salutar a que deve obedecer o bello sexo, com referencia á escolha de maridos.

Disse o dr. Renato Kehl:

“Confesso, sinceramente, que foi com algum receio, aliás justificavel, que me propuz a escrever o presente trabalho. E isso, entre outros, pelos seguintes motivos: sempre fui avesso ás funções de conselheiro em matéria de casamento, pelo temor das responsabilidades de aconselhar ou desaconselhar corações apaixonados.

Se hoje me aventuro a entrar neste melindroso assumpto, é porque, como eugenista, não podia recusar o convite, para mim muito honroso, de collaborar na propaganda em beneficio da educação das mães brasileiras, no que diz respeito á beleza e robustez dos nossos futuros patrícios.

Em se tratando de proteger a especie contra a degeneração, o que o mesmo é propugnar pela felicidade dos nossos semelhantes, indicandolhes os meios de evitar os males, a miseria, as dôres, — sinto-me com coragem para perlustrar todos os assuntos, mesmo aquelles ligados á educação sexual, difficeis de ser encarados num meio como o nosso, ainda pouco maduro, sob esse ponto de vista.

Com estas premissas, a titulo de explicações, espero merecer o beneplacito das minhas illustradas leitoras— e entro no assumpto, opportuno, e digno de attenção das minhas jovens patricias, as quaes cabe o sagrado dever de zelar pela hygidez somato-psychica dos brasileiros de amanhã.

Todas as mulheres, ao chegar á cupidiana edade da juventude, a essa deliciosa phase da vida em que tudo parece sorrir, são tocadas por doce e estranha preocupação de encontrar uma parte do seu eu, uma qualquer coisa, incomprehendida, mas que faz falta; são tocadas, repito, pelo desejo

de encontrar a outra “metade”, emfim, de descobrir um noivo, um marido.

Muito embora os actos exteriores não denotem essa tendencia; apesar dos factos demonstrarem o contrario e a propria pessoa negar a preocupação matrimonial; não obstante ella negar essa aspiração no desejo constante de frequentar reuniões, onde se encontrem com individuos do sexo oposto — o sub-consciente mantem-se dominante, na acção soberana de proteger a perpetuidade da especie.

Não estão com a verdade e com a normalidade physiologica aquelles que negam essa chimiotaxia positiva entre os dois sexos; só nos casos de aberrração deixa de existir a doce prepotencia da natureza que uma passagem biblica se expressa com as palavras “crescei e multiplicae-vos”.

A lei da perpetuidade é universal; della não se desobrigam os seres da mais infima especie. Mesmo aquelles cuja existencia se conta por minutos como a *Palingenia virgo*, que, logo apóis lançada no turbilhão da vida, a primeira coisa que faz é procurar o indispensavel companheiro, para juntos festejarem o hymineu, aliás scintillante e fugaz, iniciado e concluido num ligeiro desprender de azas, como a passagem de uma estrela candente pelo espaço.

Nada, pois, mais digno, mais justo, mais natural, por parte das moças e dos moços, do que procurar a fracção que lhes falta e de se unirem pelos lindos e sagrados laços do matrimonio.

Esse passo porem, representa o mais sério da nossa vida; delle depende a felicidade nossa e de nossos filhos, da nossa patria e da humanidade, em summa. Uma creança, quando nasce, traz consigo o thesouro de uma vida de saude ou a miseria de uma vida infeliz de soffrimentos.

Os que se casam devem, pois, ter em mente o patrimonio vital, que vão legar aos descendentes, aos quaes estará reservado um futuro risonho ou um porvir tenebroso.

Não é exagero dizer-se que nas mãos dos noivos se acham as luzes ou as trevas da prole. São elles que no consorcio de caracteres optimos dão nascimento a filhos fortes e bellos, como os portadores de taras e degenerações dão nascimentos a idiotas, a aleijões, a monstros de toda sorte.

Quem se casa, pois, deve ter consciencia do acto que practica, e essa consciencia subordina-se ao conhecimento do passo que se vae dar.

Os moços e as moças devem lembrar-se que, quem se casa, não deve, apenas, preocupar-se com a satisfação dos proprios interesses, descuidando-se dos da descendencia. Ha muita verdade na phrase "lembrae-vos que não sois senão ephemeros depositarios de um legado eterno". Quando recebemos esse legado, que é a vida, a saude e a belleza temos o dever de transmitti-lo integro aos que nos succederem.

A função mais nobre da mulher, todos o sabemos, e todos proclamam, é a maternidade; é a função da qual depende a existencia da especie. "Dae-me mães, disse um estadista, e eu vos formarei uma nação superior a qualquer outra". "A mãe, não tem em suas fracas mãos um poder maior, do que o mais habil dos legisladores? A raça, o valor da especie não depende della em grande parte? São palavras da Senhora Hoffmann, que acrecenta, ainda "pode ser-se má lavandeira, má cozinheira, má artista, poder-se-á desse modo causar algum dano a outrem. Mas o mal, que faz uma unica mãe ruim, é incalculavel, porque repercute de geração em geração, corrompendo-as e envenenando-as umas apóis outras".

Conheço casos de casamentos, que nunca se deveriam ter realizado; de individuos portadores de males e de taras transmissiveis; de individuos consanguincos, com caracteres degenerativos homogeneos, propensos a natural multiplicação; conheço os frutos desgraçados nascidos desses tristes conluios.

Ainda ha bem poucos dias, contava-me uma illustre senhora a des-

dita de um casal de cacoplastas; a mãe paralytica, o marido desequilibrado e quatro filhos surdo-mudos. Ninguem ignorava na familia dos nubentes que ambos eram portadores de males transmissiveis. Entretanto, ninguem se oppoz ao casamento e quando o padre, na leitura dos proclamos, diz que é dever de todo christão revelar se existe impedimentos á realização do acto, nem uma voz se levantou, como sempre acontece, para evitar a consummação de um verdadeiro crime consciente, como é o caso vertente.

A lei de 24 de janeiro de 1890 estipulava o exame medico facultativo dos nubentes menores ou, curatelados. Como o novo Codigo, a jurisprudencia nacional, já disse uma vez, no que diz respeito ao matrimonio, deu um passo atras, retrogradou lamentavelmente. O professor Souza Lima, meu preclaro mestre, ha pouco falecido, diz nas suas "Observações sobre o Codigo Civil": "Quanto aos motivos de oposição, é objecto de minha extranhesa e reparo o desapparecimento da disposição consignada no artigo 20 da citada lei, que facilita aos pais, tutores e curadores de menores interdictos, exigir aos pretendentes aos mesmos, antes de consentir no casamento, exame medico atestando que não têm lesão que ponha em perigo proximo a sua vida, nem soffrem molestia incurável ou transmissivel por contagio ou herança. Não descubro a explicação desse corte relativo a uma providencia salutar, acauteladora dos interesses sanitarios da familia e da sociedade, e que, nos termos em que foi estabelecida, sempre interpretei como um timido ensaio, preparando o terreno para tornal-a oportunamente obligatoria e generalizada a todas as edades, rompendo desassombradamente com os mal entendidos escrupulos, que a têm tornado letra morta".

Já vêm as leitoras que tanto a egreja como a jurisprudencia, tiveram sempre em alta conta a protecção da familia contra a degeneração. Infelizmente, apezar de tudo, continuam a casar-se alcoolatras, lueticos, tuberculosos, epylepticos, etc., e

depois do irremediavel é commum ouvir-se dos paes dos infelizes filhos dizerem, com o coração trespassado de dor: — "Que havemos de fazer? E' uma dura prova que Deus nos reservou; que seja feita a sua vontade."

Ah! não, não se concebe semelhante blasphemia. "E' bem santa a vontade de Deus para impor tamanha desdita a pobres innocentes." A causa desses infortunios cabe á ignorancia, quasi sempre a caprichos do coração, a imposições sociaes, a interesses ou conveniencias não confesaveis.

A essa ignorancia devemos oppor a educação das moças, futuras mães, que devem ser instruidas naquelle que diz respeito ás suas funcções de mulheres, no conhecimento do abysmo que se abre a seus pés com um máo casamento e do dever maternal imposto pelas leis sagradas da Providencia.

A's mulheres, mais que aos homens, cabe o papel de defensora da raça que habitará a nossa grande Patria, nos seculos que se succederem. Por que? Porque elles poderão defender-se dos máos casamentos, evitando, assim, a máa proliferação.

O dever maternal, eugenicamente encarado, inicia-se com a escolha do marido.

— Mas como encontrar um bom marido?

— Responderei sem hesitação: ilustrando-se, tomando tento na escolha das relações de amizade, aprendendo a discernir o homem de bem desses que, na opinião de Latino Coelho, "são a nobilitação da ociosidade, o vicio tornado elegante, doirado, ennobrecido, cercado de uma aureola radiante de luz, a esconder as maculas da vida desordenada"; conservando-se nos dictames da boa e sã moral, seguindo os habitos e costumes sociaes dos nossos antepassados e que a civilização manquée, a civilização hysterica do seculo presente tudo faz para modificar; fugindo dos bulicios a festins, onde trescalam os almiscares da dissolução, onde impera o mundanismo pervertido.

— Nos meios assim perniciosos nunca encontrareis um bom marido, encontrareis, sim, os individuos neologicamente baptizados de "aimofadinhas" e por companheiras utilidades vestidas de damas, dessas damas "artificiaes", "multiformes", que, no dizer do autor ha pouco citado, têm um coração para cada homem, uma sensibilidade para cada palavra, um tregeito para cada sentimento; assim como um vestido para cada baile, uma paixão para cada polka, um amor para cada valsa". Para estar mais de acordo com á época substituiria a polka pelo "puladinho" e a valsa pelo tremidinho". A valsa e a polka estão como dizem as melindrosas... catalogadas entre as velharias de 1830...

Estou certo de que a leitora perdoará o que acima ficou dito porque concordará commigo que realmente é moda dizer-se — "isto cheira a 1830" — "fóra com isso", — "estamos em 1922"; a moda dominante é a que nasceu hontem no "boulevard", que o figurino reproduz, que a tela cinematographica, transformada em codigo impõe, e que os romances inculcam.

Não faz muitos dias, assistindo á pregação de illustre reverendo, devotado propugnador de bons conselhos e normas capazes de garantir a felicidade dos lares de seus parochianos, referiu-se o mesmo ao modo vicioso pelo qual se estabelecem, infelizmente, em muitas casas as relações de amizade das moças com rapazes estranhos. Não me é possivel reproduzir fielmente suas jocosas expressões, mas procurarei traduzir em poucas palavras, o seu justo reparo, a sua desapprovação a esse habito, que se vae generalizando, para desgraça da sociedade brasileira.

Eis o caso:

— Mamãe, veja que "linha" tem aquelle rapaz, como elle é elegante, como se calça bem; vou convidá-lo para vir á nossa casa amanhã.

A mãe ao envez de, sensatamente, dissuadir a filha disso, não hesita:

— Convida-o, minha filha, para tomar chá amanhã comnosco. Orga-

nizaremos um "assustado". Mas, veja lá, não contem comigo para fazer os bôlos.

No dia seguinte, lá está o rapaz de "linha", com as calças irreprehensivelmente passadas, as botinas ponteadas na moda, muito à vontade como velho conhecido, inclusive a percorrer as dependencias da casa.

A apresentação, o reconhecimento prévio das qualidades moraes do individuo, de sua familia, nada valem, no caso; e para que, se o rapaz tem "linha" e sabe "dançar bem"?

Verificado ser financeiramente um bom partido, no fim de pouco tempo, — eis o casamento tratado e realizado.

O rapaz de "linha", está afinal casado. Mas... pobre da linhagem... Também, que importa a linhagem, a filha não está casada?

Assim, effectuam-se milhares de casamentos.

Chegou, afinal, o momento de dizer, em poucas palavras, o verdadeiro ponto, que desejo tornar esclarecido, isto é, como se escolhe um bom marido sob o ponto de vista eugenico.

Para o fim que vizamos de garantir a belleza e robustez das gerações vindouras, aconselhamos uma prática essencial, a ultra-prophylaxia, o medico ultra-nupcial.

No meu ultimo livro "Melhoremos e prolonguemos a vida", há pouco aparecido, no capitulo "Pretende casar-se", deixei bem clara a importancia desse cuidado ante-matrimonial, na seguinte passagem: os que aspiram ao matrimonio com sentimentos louvaveis, perseguindo um

fim superior do interesse social; os que antes de tudo anhelam a constituição de um lar feliz, onde reine a saude, a alegria e a ventura — deverão procurar um medico amigo, confiar-lhe os seus segredos de saude deixar-lhe a vista os males que por acaso existem. Este, dentro da sua qualidade de amigo e da responsabilidade profissional, dará licença para o casamento, ou protelará se achar necessário, ou impedirá, se assim fôr preciso.

E, da maneira que, para o noivo, por que não exigir da noiva a "folha corrida" do seu estado sanitario, passado por um profissional idoneo?

Não é uma innovação essa de certificado de saude para fins de casamento. Em muitos paizes é obrigatorio, conjuntamente com os papeis matrimoniaes, apresentar um attestado, que evidencie não sofrerem os candidatos ás nupcias males contagiosos ou transmissiveis um ao outro e a próle. No proprio clero americano ha prelados que não effectuam casamentos sem préviamente se munirem os nubentes de uma prova de perfeita saude.

Em quanto a lei não impuser essa medida premunitoria deverão as moças impô-la por si proprias, para salvaguarda de sua saude, para satisfação de um dever de consciencia perante os filhos, os netos e toda a geração.

Estas certas queridas leitoras, que assim procedendo, prestareis inestimáveis serviços á familia brasileira e cumprireis o vosso dever de mulher perante a humanidade.

("Correio da Manhã" Rio.)

O FOLK-LORE DA GUERRA

Continuando a colligir dados sobre o vasto e esquecido folk-lore, nascido em todo o nosso paiz com a guerra do Paraguai, não posso esquecer a lenda, corrente no interior do Ceará, sob a influencia das leituras de velhos e populares livros de cavallaria, como as historias de Carlos Magno e da Donzella Theodo-

ra, duma giganta que combatia em favor dos nossos inimigos. Não sabem mais os sertanejos explicar de onde veio e porque era partidaria do tyranno Lopez; porém, afirmam que se apresentava em combate desgrenhada, soltando vivas e brandindo em cada mão uma peça de artillaria! O quadro é digno das "ges-

tas" medievais ou dos combates descriptos no celebre "Livro dos Reis", de Abulkasim-el-Firdusi.

De nosso lado nunca existiram gigantas amigas; mas não nos faltaram mulheres que fossem gigantes do heroísmo. Seus nomes estão na história. Houve mesmo algumas que ficaram celebrizadas nas tradições populares de guerra. O escriptor Hormino Lyra recolheu, segundo me comunica, esta curiosa quadra alagoana, cantada às margens do S. Francisco:

"Sinhá Mariquinha,
De tropa de linha,
Tem crista de gallo
Com pé de gallinha!"

E acrescenta:

"Conta-se que, na guerra do Paraguai, se disfarçou Sinhá Mariquinha T. em trajes masculinos e se apresentou num quartel, com o fim de seguir para o campo de batalha; descobrindo-se, porém, que era mulher, não pôde assentar praça na tropa de linha — o que deu lugar aos dois primeiros versos da quadra. Quanto aos dois últimos, fôra possuidora de grande excrecência carnosa engastada no narigão, tendo a face muito enrugada."

O sr. Rodrigo de Oliveira Costa, de São José do Jacury, Peçanha, Minas Geraes, escreveu-me para narrar uma anedota verídica do tempo dos voluntários da Patria.

Quando mais accessa andava a grande luta e, por toda a parte, a mocidade se oferecia voluntariamente para defender o paiz, dois jovens mineiros — os irmãos Modesto e Theobaldo Vieira — alistaram-se. Ao partirem para a campanha, o dr. José Feliciano Pinto Coelho, Barão de Cocaes, perguntou-lhes se queriam uma carta de recomendação para o general Osorio, seu amigo. Os dois distintos rapazes responderam-lhe:

— "Muito obrigado, sr. Barão. Vamos para o Paraguai defender os brios de nossa terra. Se formos felizes e vencermos, conquistaremos alguma coisa por nosso próprio mere-

cimento e não por influencia de outros."

Para bem commentar tal resposta, digna daquellas priscas eras, basta fazer notar em como seria desharmônica com os costumes e sentimentos da vida de hoje, baseada no pistolão...

Do seu leito de enfermo, em Nictheroy, escreve-me o digno voluntário da Patria, sr. José Leite da Costa Sobrinho, applaudindo a idéa de juntar as tradições esparsas da guerra do Lopez e offerecendo-me a narrativa do feito heroico do "Corneta da Morte", o famoso João José de Jesus, morto na batalha de 24 de Maio, aos olhos do grande Osorio, que teve uma ode de José Bonifacio, o moço e merecia ser cantado por Paul Derouléde:

"Puis dans la forêt pressée,
Voyant la charge lancée
Et les zouaves bondir,
Alors le clairon s'arrête,
Sa dernière tache est faite,
Il achève de mourir!"

Tinham sido mortos ou feridos pelas balas inimigas todos os cornetas do 12 de voluntários de São Paulo. Todos, menos um, o negro retinto José de Jesus, natural de Jacarehy. Recebeu uma bala no braço esquerdo e continuou a tocar o signal de fogo. Outro pelouro quebra-lhe uma perna. Câ de joelhos, recosta-se a um montão de mortos e continua a tocar o signal de fogo!

Os paraguaios cercam de todos os lados o heroico 42, que perde o comandante e dois terços da oficialidade e do efectivo. Um punhado de valentes que luta á sombra da bandeira e ao som formidável da corneta do preto Jesus!

O grande Osorio, á frente de dois batalhões, chega em socorro do 42 de voluntários. E' quando o herói, sempre a dar o signal de fogo, recebe um ferimento mortal no peito direito. Arquejante, a vista turva, alça ainda com esforço o peito ensanguentado e toca, tremulo, a "marcha batida" da victoria!

Grande numero de episodios e anedotas desse interessante folklore militar se encontra nas "Reminiscencias", tão curiosas, do general Dionysio de Cerqueira, bem como no mais recente livro do sr. Escragnolle-Tauñay, director do Museu Paulista, "No Brasil Imperial", no capitulo "Tradições Militares".

Todavia, o que ha de verdadeiramente mais interessante é o que se acha esparso na memoria collectiva. Não será possivel obter tudo; entretanto, com paciencia, pôde-se salvar muita coisa.

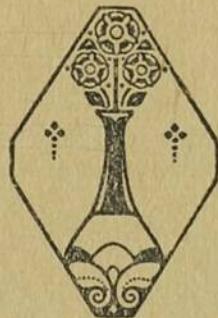
A's vezes, no meio de manifestações folkloricas inteiramente modernas, topa-se, por acaso, um traço sobrevivente das que brotaram por

ocasião da guerra com o Paraguay. Por exemplo, na lista das cantigas de "embolada" dos "côcos de embigada", dansados no litoral dos Estados do Nordeste, ainda hoje vive esta, inteiramente relativa á guerra que durou cinco annos:

"Foi o Duque de Caxias
Que mandou me chamar,
"Môde" ir ao Paraguay
E aprender a brigar!..."

Assim, lentamente, pôde-se, talvez, de trovas, lendas, relatos e anecdotas ir reconstituindo o variado cabedal da guerra.

João do NORTE



AS CARICATURAS DO MEZ

SONDANDO O FUTURO



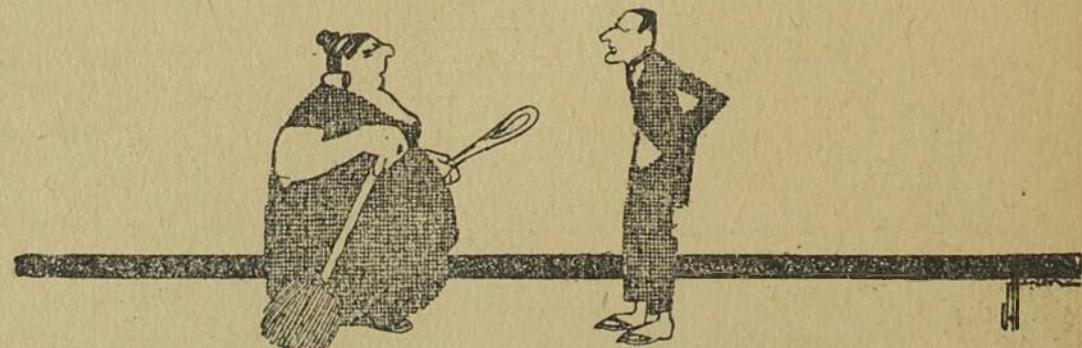
A Chiromante — Pelas linhas da mão, vejo que você continua em crise por estes últimos mais chegados.

Braz Bccó — E depois «Dona aquella»? E depois?

A Chiromante — Depois... você fica acostumado...

«Jornal do Brasil» — Rio

NA PENSÃO



— Ouça, seu Rangel, preciso falar-lhe...

— Sim, Madame. Mas, antes, seria bom uma conferencia preliminar para reduzir os armamentos...

«D. Quixote» — Rio

NA SAUDE



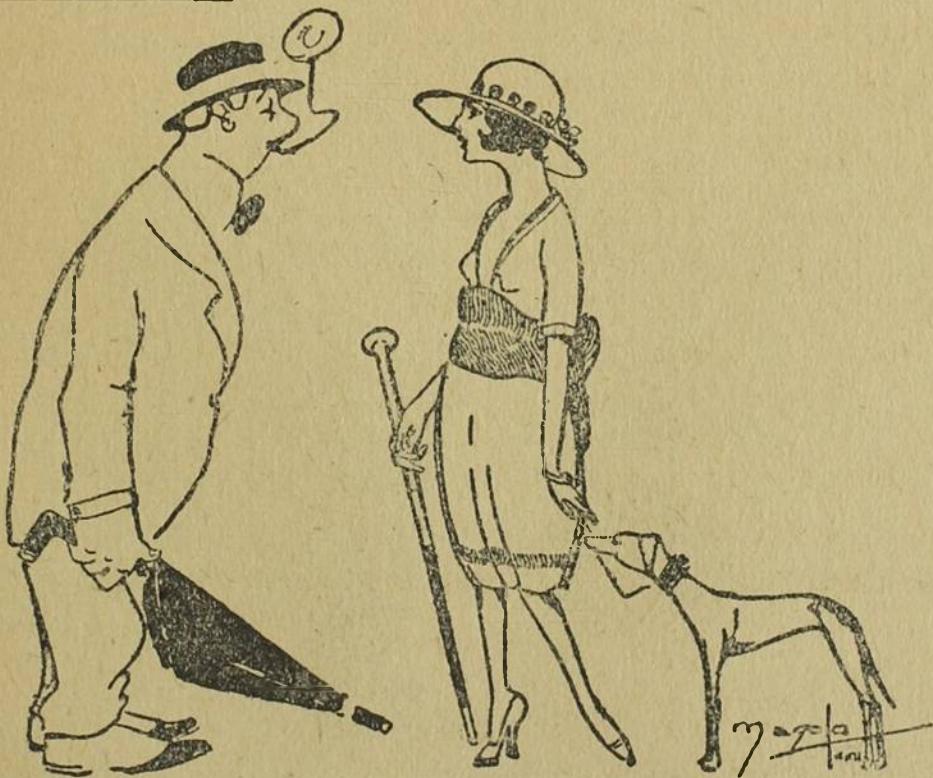
— O medico disse que eu tenho *embaraço de circulação*, só para contrariar a gente.

— ?!

— Elle sabe muito bem que meu marido é inspector de veiculos.

«*D. Quixote*» — Rio

MAL ENTENDU



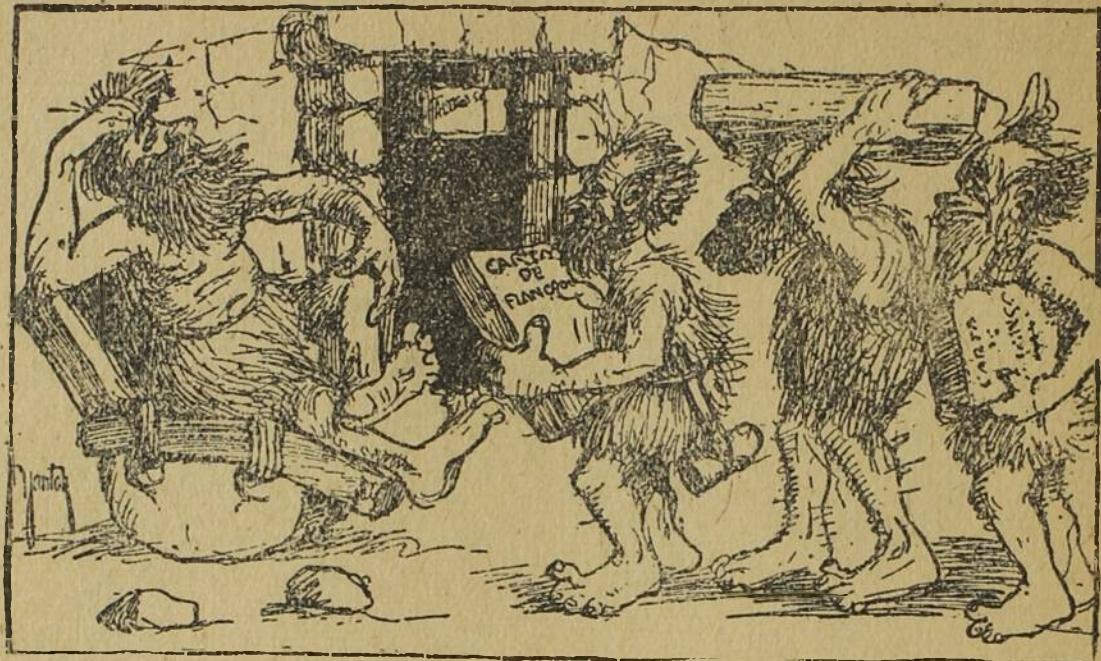
— Lindo cãozinho ! A menina é da Sociedade Protectora dos Animais ?

— Sou ; alguém maltratou o cavalheiro ?

«*D. Quixote*» — Rio

A CRISE DE HABITAÇÕES NO ANNO

60 DEPOIS DA CREAÇÃO



Os pretendentes apresentam a carta de fiança.

«D. Quixote» — Rio

NO MUNICIPAL



— Francamente, esses novos-ricos sabem francêz ?
— Não, mas falam.

«D. Quixote» — Rio

INDICE

O momento, por P. P.	1
A proposito de uma importante descoberta archeologica brasileira, por Arthur Neiva	4
Recordações de D. Quiteria, por João Ribeiro	8
Consentimento ao matrimonio, por Heitor Maurano	14
Uma farça, por Julio Cesar da Silva	18
A velhice e o conceito de Voronoff, por F. Mendes da Rocha Filho.	26
Uma carta inedita de Anchieta, por Gentil Moura	28
“Fairy-land” por A. C. Couto de Barros	30
A reivindicação feminina em New York, por Orlando Machado	35
A Santos Dumont, por Pethion de Villar	38
Ancia eterna, por Gentil de Camargo	41
A vida, de Rodrigues de Abreu	42
O livro de Goldberg, por Gilberto Freyre	43
Crónica de Arte, por Mario de Andrade	50
O guizo, por José Mesquita	54
Bibliographia	59
Resenha do Mez	65
Debates e Pesquisas.	77
Curiosidades	85
As caricaturas do mez	93
O momento, por M. L.	97
Seis seculos de calumnias, por João Leda	99
Recordações de Dona Quiteria, por João Ribeiro	103
Adeus ao Rio, por Antonio Salles	109
Os varredores, por Oswaldo Orico	114
Ambos os dois, ambos de dois, por José Patrício de Assis	115
Soffrimentos voluntarios, por Julio Cesar da Silva	119
Religião e loucura, por Amando Caiuby	131
A medicinophobia de Molière, por Mucio da Paixão	137
Bibliographia	156
Resenha do mez	163
Debates e pesquisas	174

Curiosidades	183
As caricaturas do mez	190
Inquerito Literario Sul-Americanoo	193
Tragedia de um capão de pintos, por Monteiro Lobato	206
Ultimo escripto de Tolstoi, por Francisca B. Cordeiro	215
A especulação da saúde publica, por Heitor Maurano	217
Tributo insano, por Luiz Gonzaga Fleury	221
Movimento editorial	229
A toponymia geographica indigena em Minas Geraes, por Nelson de Senna	231
Capitulo dos sapatos, por Paulo de Freitas	239
Onça versus maruá, por Francisco Mondino	243
A medicinophobia de Molière, por Mucio da Paixão	250
Bibliographia.	259
Resenha do mez	263
Debates e Pesquisas	278
Curiosidades	286
As caricaturas do mez	291
Natividade Saldanha em Bogotá, por Argeu Guimarães	293
Recordações de D. Quiteria, por João Ribeiro	313
O rapto, por Monteiro Lobato	318
A communhão paulista, por Oliveira Vianna	326
Tres documentos ineditos sobre Braz Cubas, por Gentil Moura	329
Arte de Amar, por Julio Cesar da Silva	334
Portico, de Remigio Fernandes	335
Crónica de Arte, por Mario de Andrade	336
Aspectos modernos da alimentação, por Gustavo Lessa	340
Itinerario descuidoso, por J. Pinto Guimarães	347
Relações sanitarias entre o homem e o meio cosmicoo, por Aristides Ricardo	353
Bibliographia	358
Notas de Arte.	362
Resenha do mez	363
Debates e Pesquisas	370
Curiosidades	373
As caricaturas do mez	386

Ritinha -- é o segundo dos livros de Léo Vaz. Não é romance como **O professor Jeremias**. São contos e novellas, em que, com aquelle mesmo humour que o consagrhou na grey dos humoristas universaes, dá-nos capitulos de adoravel philosophia. Lês-o é aprender a sorrir.

Preço: 4\$000

• • • •

Amando Caiuby, cuja obra -- **Sapezaes e Tigueras** -- foi a revelação de um contista, acaba de publicar as esperadas **Noites de Plantão**, em que reaffirma as suas qualidades. Delegado de policia em S. Paulo, soube aproveitar os casos que lhe foram affectos, fazendo de cada um conto em que não se sabe que mais admirar: se o inacreditavel do facto, se a maneira original por que o põe em letras de forma.

Preço: 4\$000

• • • •

Editores: **Monteiro Lobato & Cia.**

Rua Victoria, 47

A POESIA HUMORISTICA

conta com mais dois novos cultores -- Octacilio Gomes e Cesidio Ambrogi, cujas obras acabam de sahir do prelo: -- **Os filhos da Candinha** e **As moreninhas**. Ambos estão á venda, ao preço de 3\$000, que bem valem as gargalhadas que proporcionam.

Ha que juntar tambem o nome de Antonio Lavrador, cujas satyras -- **Sonetaços** -- têm ardido como pimenta em nosso mundo politico e social. (Prçco : 3\$000).



Para rir, não ha, porém, como **O arara** de CALIBAN, pseudonymo que mal encobre o nome de um dos nossos maiores romancistas, de ha muito conhecido no Brasil e em Portugal. A segunda edição já está á venda, em bello volume, ao preço de 4\$000.



Façam seus pedidos a

Monteiro Lobato & Cia.

Rua Victoria, 47

S. PAULO

DIABETOS

é preciso combater a perda de assucar, tonificar o organismo, regularizar as funcções dos órgãos internos essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a funcçao digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de plantas indigenas brazileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres de chá por dia em agua

Ultimas Edições da Casa

Monteiro Lobato & C.

III

MUNDO DA LUA, de Monteiro Lobato	4\$000
NEGRINHA, de Monteiro Lobato	4\$000
RITINHA, contos de Léo Vaz	4\$000
BABEL, estudos de Mario Rodrigues	3\$500
A FELONIA DE VERSALHES, de Mario Pinto Serva	3\$500
14 MEZES NA PASTA DA MARINHA, de Veiga Miranda	10\$000
O ARARA, de Caliban	3\$500
OS FILHOS DA CANDINHA, versos de Octacilio Gomes	3\$000
TROVAS DE HESPAÑHA, de Affonso Celso . . .	4\$000
SONETAÇOS, de Antonio Lavrador	3\$000
MASCARAS, poema de Menotti Del Picchia . . .	3\$000
ORPHEU, poema de Homero Prates	4\$000
NOITES DE PLANTÃO, de Amando Caiuby . . .	4\$000
CORAÇÃO ENCANTADO, de Cleómenes Campos	3\$500
MORENINHAS, de Cesidio Ambrogi	3\$500
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL, de Oliveira Vianna	12\$000
OS SERÕES DE DONA BRANCA, contos de Paulo de Freitas	4\$000
PEDRA D'ARMAS, contos de Pedro Calmon . . .	3\$500
TARANTULA, contos de Carlos Rubens	3\$000
DUAS ALMAS, do conego Manfredo Leite . . .	4\$000

Rua Victoria N.º 47
CAIXA 2-B - S. PAULO

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

**para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá**

São as mais recommendaveis
para a laboura, segundo expe-
riencia de ha mais de 50 an-
nos no Brasil. : : :

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sorios para a laboura.

Correias - Oleos - Telhas de Zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanisado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para con-
servação de correias.

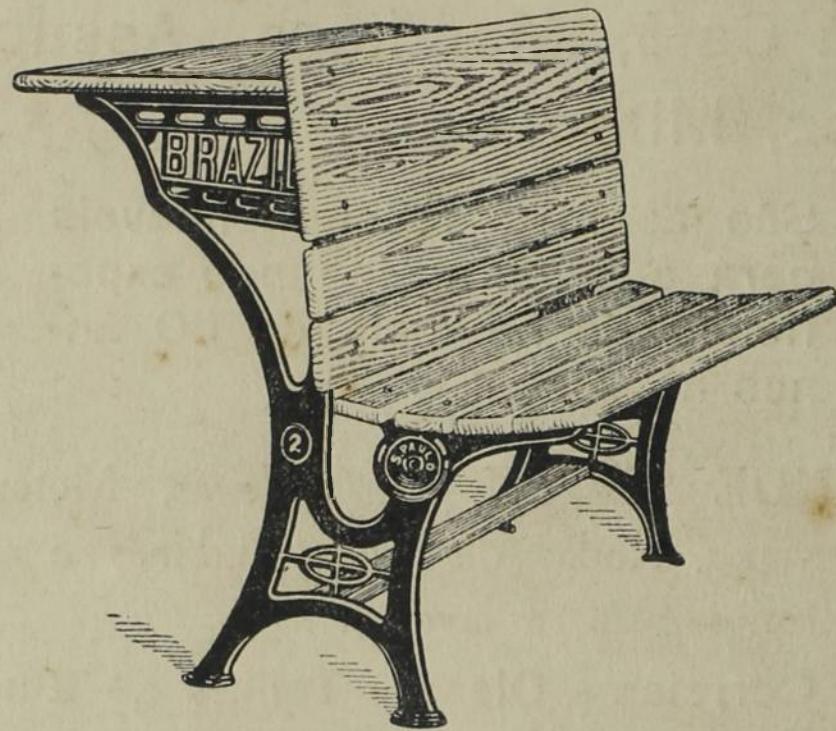
IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvanisa-
do para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A'

Rua Florencio de Abreu, 112 - S. Paulo

Moveis Escolares



Differentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogos e informações minuciosas á
FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Tel. Cid. 1216
SÃO PAULO